

setembro-outubro de 2010 – ano 51 – n. 274



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



LIVRO DE JONAS: LEVANTA-TE E VAI À GRANDE CIDADE

O escândalo da pedofilia — Dom Luiz Demétrio Valentini — p. 3

Fobias e pedofilia — Pe. Luís Corrêa Lima, sj — p. 5

Levanta-te e vai à grande cidade: Uma introdução ao livro de Jonas — Maria Antônia Marques — p. 6

Os estrangeiros acreditam na ação de Javé: Uma leitura de Jonas — Centro Bíblico Verbo — p. 14

“Continuo a contemplar o teu santo Templo”
(Jn 2,5): Uma leitura de Jonas 2,1-11 — Pe. Shigeyuki Nakanose, svd — p. 21

Conversão de Nínive, perdão divino e conversão de Jonas: Uma leitura de Jonas 3-4 — Ir. Enilda de Paula Pedro, rbp e Maria Antônia Marques — p. 30

Roteiros homiléticos — Frei Jacir de Freitas Farias, ofm — p. 36

Aos nossos leitores e leitoras

Graça e paz!

Este ano, o livro proposto pela CNBB para estudo e reflexão no mês da Bíblia é Jonas. O tema proposto é: "Jonas: conversão e missão", e o lema: "Levanta-te e vai à grande cidade" (Jn 1,2).

Conversão, missão e anúncio na grande cidade são temas centrais no livro de Jonas. A história contada no livro não tem a intenção de documentar fatos reais, mas envolve elementos da realidade para, por meio da criação literária, admoestar e edificar. Jonas é chamado por Deus para anunciar a conversão na grande cidade de Nínive, que estava fora da fronteira de Israel. Vemos, no relato, sua resistência ao cumprimento dessa missão e sua pouca crença na conversão dos estrangeiros que lá viviam. Antes de converter os outros, ele mesmo precisou se converter, deixar o nacionalismo exclusivista. Somente após a agitação do mar, quando tentava fugir da missão, é que Jonas resolveu ir a Nínive. Após seu primeiro anúncio, é surpreendido pela rápida conversão de toda a cidade.

A historieta reflete o nacionalismo exclusivista do povo de Israel no pós-exílio, fundado na concepção de povo eleito e na visão de Jerusalém como o único lugar da manifestação de Deus. Tais noções surgiram no exílio da Babilônia, durante o qual foram importantes para a resistência às adversidades e para a preservação da identidade de povo de Deus. Com o fim do exílio, porém, os grupos que retornaram se basearam nessas noções para a legitimação de privilégios e de concentração de poder e para discriminações contra lideranças que ficaram na terra, pobres e estrangeiros. O que foi bom no exílio tornou-se fonte de exclusão. O conflito cresceu quando o contato com outras culturas aumentou.

A história de Jonas, iluminando essa realidade, tem a intenção de provocar a conversão. É um convite aos israelitas para aceitarem que Deus e

sua misericórdia existem para todos e que a fé não deve impedir o diálogo com outras culturas.

Trata-se, então, de um texto muito antigo e muito novo. Hoje, continua havendo povos, religiões e grupos que se acham melhores ou mais escolhidos que outros. Continua havendo fechamento ao diálogo e barreiras geográficas e culturais. Na Igreja Católica, também há grupos e correntes que promovem essas mesmas atitudes. Estas podem ser distinguidas, por exemplo, nos que pensam que o catolicismo centro-europeu deve continuar sendo transposto para os mais diversos recantos do mundo, onde as pessoas teriam de viver a fé, a liturgia, a moral... da mesma forma que são vividas e pensadas na Europa. Há ainda, e às vezes em circunstâncias muito próximas de nós, a dificuldade em dialogar com outras culturas e mentalidades. Isso também é objeto de nossa conversão, assim como o é a possibilidade de anunciar Deus com êxito nas grandes cidades.

A história nos mostra que os períodos em que a Igreja melhor se desenvolveu foram aqueles em que ela manteve profundos contatos com outras culturas. Os maiores exemplos disso são a missão de Paulo e o diálogo estabelecido no período patrístico com a filosofia grega. De fato, as culturas que se fecham em seus próprios elementos e criações tendem a um desenvolvimento gradual ou retardado, ou até mesmo se "esclerosam" e "necrosam", e as que entram em contato aberto com outras culturas e tradições tendem a um desenvolvimento acelerado.¹ Não seria a estagnação ou o retrocesso do cristianismo na Europa, em parte, explicados por essas concepções?

Que todos nós e a Igreja, neste mês da Bíblia e no mês das missões, nos abramos à conversão para a qual o livro de Jonas nos impele.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

¹ Cf. LÓTMAN, I. La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1998. p. 157-161.

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Valdêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Cx. Postal 2534 • CEP 01060-970 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br

12570-000 - APARECIDA/SP

Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE

Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA

Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG

Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF

SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP

Rua Barão de Jaguara, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS

Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS

Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR

Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE

Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3225.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO

Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB

Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM

Rua Itamaracá, nº 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN

Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS

Rua Dr. José Montaury, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP

Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeirao-preto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ

Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA

Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP

Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65020-450 - SÃO LUÍS/MA

Rua da Paz, 121 - Centro • T.: (98) 3231.2665
saoluis@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP

Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES

Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-001 - PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
praca-sa@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

01060-970 - ASSINATURAS / DISTRIBUIÇÃO

Via Raposo Tavares, Km 18,5
caixa postal 2534 • São Paulo/SP
T.: (11) 3789.4000 • Fax: 3789.4004 • assinaturas@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

O ESCÂNDALO DA PEDOFILIA

Dom Demétrio Valentini*

Está tendo ampla repercussão a divulgação de casos de pedofilia que envolvem membros do clero da Igreja Católica. O assunto merece ser analisado com cuidado, para que se possa perceber com objetividade sua dimensão e distinguir os dados verdadeiros da exploração que deles se faz com o intento de denegrir a imagem da Igreja, universalizando para toda a instituição o que constitui erros pessoais, de todo condenáveis, mas que não podem ser imputados como se fossem de autoria de toda a Igreja.

Em primeiro lugar, a própria Igreja se antecipa em reconhecer e em confessar a gravidade da situação, admitindo inclusive que houve culpa por falta de vigilância em coibir abusos, o que permitiu que padres pedófilos continuassem a exercer o ministério e favoreceu assim a continuidade dos delitos.

Independentemente da quantidade de casos constatados, mesmo que fosse um só, o fato merece a clara condenação de todos e, se praticado por algum membro do clero católico, o reconhecimento de quanto isso depõe contra a imagem da Igreja.

Em recente carta à Igreja da Irlanda, onde foram constatados diversos casos de pedofilia praticada por padres católicos, o papa Bento XVI faz dura advertência à hierarquia da Igreja daquele país para que redobre a vigilância e afaste do ministério todos os envolvidos na prática da pedofilia.

Se há uma consequência positiva da discussão levantada no mundo inteiro em torno da pedofilia, é o crescimento da consciência da criminalidade dos atos de abusos sexuais contra crianças. Eles constituem crimes que precisam ser denunciados e devem ser condenados, com

responsabilização adequada de todos os que incorrem em alguma responsabilidade por seu cometimento.

As crianças têm o direito de ser preservadas das distorções sexuais dos adultos, sejam eles quem forem. Essa consciência da necessidade de preservar as crianças da maldade dos adultos precisa avançar muito mais. É toda a sociedade que precisa estar atenta para preservar a inocência das crianças. Nisso, toda a sociedade tem culpa em cartório. Se sempre fosse usado o mesmo rigor com que agora se aponta para os padres pedófilos, quantas situações precisariam ser denunciadas, nas famílias, na sociedade, sobretudo nos meios de comunicação social, nos quais não despertou ainda a consciência dos prejuízos causados às crianças pelas situações a que elas ficam expostas.

Mas, no que se refere diretamente à pedofilia, seria muita hipocrisia achar que ela se limita aos casos praticados por alguns padres católicos. Existe inclusive evidente campanha, levada adiante por pessoas interessadas em denegrir a imagem da Igreja Católica, que está se aproveitando dessa situação para tornar ainda mais virulentas as acusações contra ela. Por isso, no Brasil, não é de se estranhar que uma conhecida rede de televisão se esmere agora em ampliar o que é sua razão de ser: acusar continuamente a Igreja Católica, usando para tanto todos os meios de que dispõe.

Nesse sentido, sem fazer dos números uma desculpa, é importante olhar os dados com objetividade. O professor Carlos Alberto di Franco, doutor em Comunicação pela Universidade de

* Bispo de Jales (SP) e presidente da Cáritas Brasileira.

Navarra (difranco@iics.org.br), traz a seguinte constatação: desde 1995, na Alemanha, houve 210 mil denúncias de abusos de pedofilia. Desses denúncias, só 300 se referem a padres católicos. Isto é, só 0,02% do total. E por que só se insiste em falar da Igreja, tentando inclusive envolver o papa, acusando-o de responsabilidade por ter aceito um padre pedófilo na sua diocese, no tempo em que era arcebispo de Munique? Por que não se fala dos outros 99,98% dos casos?

Se olhamos o clero do Brasil, em sua imensa maioria constituída de beneméritos ministros devotados à sua missão, com os limites humanos de que todos somos revestidos, a proporção é certamente parecida com a análise apresentada pelo professor Di Franco. Os raros casos de pedofilia constatados no clero brasileiro, por mais deploráveis que sejam, não justificam a hipócrita escandalização levada à frente por meios de comunicação que trazem evidente a marca da tendenciosidade, que fica desmascarada à luz de qualquer dado objetivo.

A Igreja Católica está disposta a uma severa autocrítica de sua própria instituição, diante dos casos reais de pedofilia praticada por membros do seu clero. Ela aceita de bom grado os questionamentos objetivos que podem ser feitos pela sociedade. Mas dispensa a hipocrisia de quem generaliza as acusações, escondendo seus interesses escusos e desvirtuando uma análise objetiva do problema da pedofilia.

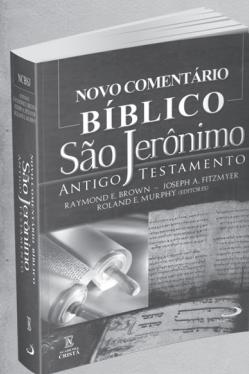
LITURGIA DIÁRIA

LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus e uma melhor participação e compreensão da liturgia.

Traz a liturgia do mês (leituras e orações de cada dia), partes fixas da missa, prefácios em consonância com as festas litúrgicas do mês, orações eucarísticas para a missa diária, artigos e esclarecimentos sobre a liturgia.

Para adquirir **LITURGIA DIÁRIA**, basta escrever para a Cx. Postal 2534, cep 01060-970, São Paulo-SP, ou telefonar para (11) 3789-4000. E-mail: assinaturas@paulus.com.br.

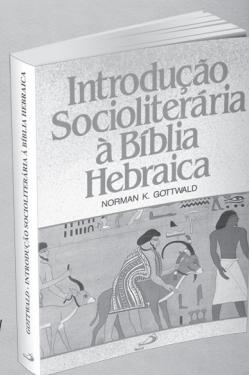
**TODA A IMPORTÂNCIA
HISTÓRICA E LITERÁRIA
DA BÍBLIA AGORA AO
SEU ALCANCE!**



Novo comentário bíblico São Jerônimo Antigo Testamento
Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy (editores)
1.268 págs.

Esta obra é uma verdadeira enciclopédia bíblica. Além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos, encontram-se também artigos concernentes à história de Israel, à teologia bíblica e à hermenêutica. Destinada a toda pessoa que busca informações consistentes sobre a Palavra de Deus.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.



Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica
Norman K. Gottwald
652 págs.

Este livro traz os métodos críticos tradicionais e os novos enfoques literários e sociais que adquiriram impulso nas últimas décadas para a leitura e o estudo do Antigo Testamento. Mapas, gráficos e quadros orientam o leitor na localização dos livros bíblicos dentro de sua respectiva época e contexto social.

Vendas: (11) 3789-4000
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



FOBIAS E PEDOFILIA

Pe. Luís Corrêa Lima, sj*

Em recente declaração, uma autoridade eclesiástica sustentou não haver qualquer relação entre celibato sacerdotal e pedofilia. Mas afirmou que, segundo psicólogos e psiquiatras, existe uma relação entre homossexualidade e pedofilia. Isso causou indignação e protestos.

O grave problema do abuso sexual de menores por alguns membros do clero exige resposta lúcida e enérgica. Quando o papa Bento XVI foi aos Estados Unidos, disse: não se trata de homossexualidade, é outra coisa. De fato, a pedofilia é causada por uma fantasia perversa de se aproveitar da inocência da criança. A maioria dos casos ocorre dentro de casa, e o responsável é o pai ou o padrasto. Esse abuso pode ser cometido por adultos hetero ou homossexuais, com vida sexual ativa ou celibatários. Não é questão de orientação sexual, nem de prática ou abstinência sexual. Distinguir as coisas, como fez o papa, afasta injusta suspeita de perversidade que às vezes paira sobre os homossexuais.

Em complemento, o diretor da Sala de Imprensa do Vaticano, Frederico Lombardi, emitiu uma nota de esclarecimento: as autoridades da Igreja não consideram de sua competência fazer afirmações gerais de caráter especificamente psicológico ou médico, as quais se devem remeter aos estudos dos especialistas. O que é de competência da autoridade eclesiástica são os dados estatísticos dos casos de abuso sexual tratados pela Congregação para a Doutrina da Fé, nos quais as vítimas são meninos e meninas em diferentes proporções. As estatísticas se referem ao conjunto desses casos, e não à população em geral.

Não se deve tomar a entrevista de uma autoridade eclesiástica como se fosse a posição oficial da Igreja. Fazê-lo significa pôr indevidamente a Igreja contra os homossexuais e vice-versa. Nem devemos defender os homossexuais apedrejando o celibato sacerdotal. Ordenar pessoas casadas é prática da Igreja Católica nos ritos orientais, bem como dos cristãos ortodoxos. Há quem defenda essa prática também no Ocidente, para ampliar o acesso ao sacerdócio e aumentar o número de candidatos. Mas não se deve de modo algum acabar com o celibato por causa dos escândalos de pedofilia, nem repudiar suas motivações espirituais autênticas e legítimas, como se se tratasse de uma negação alucinada da sexualidade.

Inegavelmente há homofobia na sociedade, com consequências nefastas. Mas há também “celibatofobia”: uma espécie de tabu da virgindade, produzido por uma sociedade hipersexualizada. Ambas as fobias são preconceitos, ambas são injustas e intolerantes. A sã cidadania deve reconhecer e estimar os diferentes âmbitos da diversidade humana e não dar margem a um preconceito com sinais trocados. Movidos pela fé e pela razão, podemos desejar um mundo sem fobias nem pedofilia, onde haja menos muros e mais pontes.

* Padre jesuíta, historiador e professor do Depto. de Serviço Social da PUC-Rio.

LEVANTA-TE E VAI À GRANDE CIDADE

Uma introdução ao livro de Jonas¹

Maria Antônia Marques*

Na Bíblia, o livro de Jonas faz parte da coleção dos livros proféticos. Ele se situa entre os livros de Abdias e Miqueias. No entanto, em vez de anúncio e denúncia, como era de se esperar, temos uma espécie de relato sobre o chamado de um profeta que, do início ao fim, faz oposição à sua missão. Em vez de oráculos, temos uma historieta ou novela. Esse tipo de literatura é uma narrativa cujo enredo é composto de episódios breves, construídos com elementos da vida real, mas também com o uso de exageros, suspense e ironia. A preocupação, nesse tipo de história, não é documentar fatos, mas entreter e instruir a audiência que a lê ou escuta. Na Bíblia, há muitas historietas: por exemplo, a narrativa de Jó (1-2 e 42,7-17), os vários contos presentes no livro de Daniel 1-6, a história de Tobias, Judite e Susana, entre outras.

Para melhor entender o livro de Jonas, vamos recordar a origem do nome da personagem central: “Jonas, filho de Amati” (Jn 1,1). De acordo com a tradição, há um profeta do tempo de Jeroboão II com o mesmo nome (783-743 a.C.), da aldeia de Gat-Ofer, que havia anunciado o restabelecimento das fronteiras de Israel (2Rs 14,25). A narrativa adotou um nome histórico, adaptando-o para outro contexto. A cidade de Nínive só se tornou a capital da Assíria no tempo de Senaquerib (704-681 a.C.).

A narrativa de Jonas é uma das mais populares, tanto na tradição judaica quanto na cristã. Ela é lida no Dia do Perdão (*Yom Kippur*), o dia do arrependimento e do retorno ao bem, uma data muito importante na religião judaica, celebrada com um jejum de 25 horas e intensa oração. Na tradição cristã, essa história é conhecida e citada desde o tempo das primeiras

comunidades cristãs. A estada de Jonas no ventre do monstro marinho prefigura a morte e a ressurreição de Jesus (Mt 12,40). A conversão dos habitantes de Nínive é lembrada como modelo e censura para Israel (Mt 12,41-42; Lc 11,32). A história de Jonas é lida na liturgia da Igreja Católica na 27^a semana do tempo comum – segunda, terça, quarta-feira (respectivamente Jn 1,1-2, 1.11; 3,1-10 e 3,10-4,11) – e na quarta-feira da primeira semana da Quaresma (Jn 3,1-10).

É uma história lida, contada, recontada, desenhada e celebrada. Quem ainda não leu esse livro, pelo menos já ouviu falar de um sujeito rebelde que foi engolido por um peixe, onde permaneceu três dias e três noites, e depois foi devolvido. Vivo e inteiro! Você conhece alguma história semelhante?

1. Recontando a história de Jonas

Jonas é enviado para a cidade de Nínive, mas vai em direção oposta: embarca num navio para Társis. Ele quer fugir para bem longe. Javé provoca forte tempestade, e toda a tripulação trabalha arduamente para sobreviver ao temporal, exceto Jonas, encontrado em sono profundo. O capitão ordena-lhe que invoque o

¹ Os artigos sobre Jonas são fruto de encontros e conversas com muitas pessoas, especialmente com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo. Um agradecimento especial a Vanda Pinta, nossa amiga e colaboradora, pelas leituras e correções. Veja a bibliografia consultada na p. 35 (ao final do último artigo).

* Assessora do Centro Bíblico Verbo, ministra cursos de Bíblia em diversas comunidades; professora de Bíblia nas seguintes faculdades: Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, na Dehoniana, em Taubaté, e na Faculdade Católica de São José dos Campos. E-mail: ma-antonia@uol.com.br

Deus dele. Ao ser questionado pelos marinheiros, o próprio Jonas reconhece sua culpa e pede que seja atirado ao mar para aplacar a ira de Javé. Se morrer, não terá de assumir a ordem de Javé. Ele prefere morrer a cumprir sua missão, mas um grande peixe, por ordem de Javé, o engole. No ventre do peixe, Jonas reza e agradece a Javé por sua salvação. E Deus atende a sua oração: o peixe vomita Jonas em terra firme. Nem ele o aguentou. Novamente Jonas recebe a ordem de ir a Nínive e, desta vez, obedece. Ele vai e anuncia a destruição da cidade. Todos os habitantes se convertem: homens, mulheres, rei e animais. Deus se compadece, mas Jonas fica indignado com a atitude misericordiosa de Javé.

A narrativa de Jonas termina com uma pergunta: “Tu tens pena da mamoneira, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer, que em uma noite existiu e em uma noite pereceu. E eu não terei pena de Nínive, a grande cidade?” Uma pergunta que continua ecoando em nossos ouvidos e nos instiga a pensar. Além dessa pergunta, surgem outras: afinal, quem são os autores dessa narrativa que continua provocando risos ainda hoje? E em que período foi escrita? Não existem respostas exatas para essas questões. Buscaremos, junto com estudiosos/as desse livro, arriscar uma resposta.

2. Autoria e data

Quem começa a ler o livro de Jonas constata que o texto é uma narrativa coerente, com unidade de tema e estilo. Somente o capítulo 2,3-10, uma narrativa poética, apresenta uma teologia bem diferente do restante do livro. Um salmo que provavelmente foi acrescentado depois. Em todo o texto, não há menção alguma a Jonas como um profeta.

Quem foi o autor ou os autores do livro? Não sabemos. Na época de Jonas, um dos grupos responsáveis pela educação eram os sacerdotes, cuja obrigação era ensinar ao povo a instrução (lei). Em geral, os ensinamentos dos sacerdotes estavam mais relacionados ao culto e ao sacrifício. Esse tipo de ensinamento e a centralidade do templo são mencionados no capítulo 2, que é um salmo posterior (2,5.8.10).

O autor do livro de Jonas não pode ter sido do círculo de sacerdotes. Além desse grupo, outros ensinavam ao povo: os sábios. Em Israel, a sabedoria oficial estava ligada ao templo, mas

no meio do povo existiam pessoas sábias, comprometidas com a fé e a vida. O autor do livro de Jonas pode ter sua origem entre os sábios de Israel, pois conhecia bem a tradição de seu povo, bem como a de outros povos. Ele devia manter contato com estrangeiros e os considerava com bons olhos. A história apresenta Javé que teve compaixão dos estrangeiros e, para completar, de um grande inimigo! Trata-se de uma ironia contra a corrente judaica da época de Esdras, que acreditava ser o povo judeu o único povo eleito e santo e considerava os estrangeiros impuros.

Como datar o livro de Jonas? A narrativa não oferece nenhuma evidência no próprio texto. A existência de um profeta de nome Jonas no século VIII não significa que o livro tenha sido escrito naquela época. O objetivo do livro é transmitir um ensinamento às pessoas que viviam no tempo em que foi escrito. Há alguns indícios que possibilitam uma datação tardia. Eis os mais significativos:

1. A narrativa de Jonas apresenta várias palavras de origem aramaica. A língua aramaica se tornou a língua oficial no período persa. As palavras que designam os marinheiros (Jn 1,5), o navio (Jn 1,5), o decreto do rei de Nínive (Jn 3,7), entre outras, vêm do aramaico.
2. A compreensão de Deus. O autor utiliza a expressão “Deus do céu”, que aparece nos livros do pós-exílio (cf. Esd 1,2; 5,11; Ne 1,4.5; Dn 2,18).
3. A história de Jonas faz alusão a costumes persas, por exemplo: a participação de animais nos rituais de penitência (Jn 3,7-8).
4. Existem estreitos paralelos com a teologia do livro de Jeremias e de Joel (cf. Jr 18,7-10 e Jn 3,9-10; Jl 2,13b.14a e Jn 4,2b; 3,9). O livro de Jeremias foi relido e atualizado no exílio e no pós-exílio. O livro de Joel surgiu no século IV ou meados do século III a.C.
5. A identificação de Nínive como capital da Assíria no tempo de Jonas. Nínive só se tornou importante no tempo de Senaquerib, em 704 a.C. O rei seria tratado como rei da Assíria e não rei de Nínive. Para um profeta de Gat-Ofer, uma aldeia da Galileia, era mais fácil embarcar nos portos de Tiro ou Aco, e não em Jope, porto próximo para quem vivia em Jerusalém e nas regiões próximas.

No livro de Jonas, não há influência da época helenística, do tempo de Alexandre Magno e de seus sucessores (333 a.C.-134 a.C.). Não aparece o conflito com os samaritanos, nem mesmo a questão dos casamentos com mulheres estrangeiras, tratados por Neemias e Esdras (Ne 13,23-27; Esd 4; 9-10). Não há uma precisão quanto à data, mas, diante dos elementos apresentados, é possível afirmar que o livro tenha sido escrito no final do século IV ou no início do século III a.C., no período persa.

3. Estrutura do livro

Para melhor entender a mensagem do livro de Jonas, vejamos um esquema básico da narrativa. É uma história bem desenvolvida e planejada, que pode ser dividida em duas cenas paralelas. Nas duas cenas, encontramos a palavra de Javé, a reação de Jonas, a presença de personagens estrangeiras e de elementos da natureza. Podemos esquematizar a narrativa da seguinte forma (Magonet, 1992: 937-938):

<i>Primeira cena – capítulos 1 e 2: no mar</i>	<i>Segunda cena – capítulos 3 e 4: em terra</i>
A – 1,1-2: o chamado de Jonas.	A – 3,1-2: o chamado de Jonas.
B – 1,3: Jonas levanta-se e foge.	B – 3,3: Jonas levanta-se e vai a Nínive.
C – 1,4: Ação de Javé: a grande tempestade.	C – 3,4: Ação de Jonas – pregação.
D – 1,5: Ação dos marinheiros.	D – 3,5: Ação dos ninivitas – jejum.
E – 1,6: O capitão reconhece o poder da divindade por trás da tempestade.	E – 3,6-8: O rei reconhece o poder de Deus, faz penitência e proclama um jejum.
F – 1,7-13: Os marinheiros acham o culpado.	F – 3,8b: Ordena a conversão.
G – 14: Os marinheiros rezam a Javé.	G – 3,9: oração pode mover a ação de Deus.
H – 15: Jonas é lançado ao mar; cessa a tempestade.	H – 3,10: Deus arrependeu-se e não fez o mal que ameaçara fazer-lhes.
I – 16: Os marinheiros temem a Javé.	I – 3,5: homens de Nínive creram em Deus.
J – 2,1: Javé salva Jonas.	J – 4,1.5.8c: Jonas fica desgostoso com Javé.
L – 2,2-10: Jonas reza e agradece a sua salvação.	L – 4,2-4: Jonas reza.
M – 2,11: Javé responde – Jonas é devolvido a terra firme.	M – 4,4.6-8b.9: Deus responde.

O chamado de Jonas é repetido duas vezes: na primeira, ele foge; na segunda, obedece. Os marinheiros e os ninivitas representam os estrangeiros, descritos de maneira positiva. Eles reconhecem o poder de Deus e rezam, enquanto Jonas, representante do povo de Israel, continua fechado em sua recusa à ordem de Javé.

A história emprega alguns recursos narrativos, como a repetição de palavras, o uso de citações e a inversão irônica.

– Repetição de palavras

a) Descer, *yārad*, aparece três vezes no primeiro capítulo, indicando o caminho descendente

de Jonas: desceu para Jope, desceu para o navio (Jn 1,3), desceu para o fundo do navio, onde dormia profundamente (Jn 1,5). No capítulo 2, o texto afirma que ele desceu até as raízes das montanhas (Jn 2,7).

b) Grande, *gādol*. Um adjetivo que o autor não economiza. Ele emprega para Nínive (Jn 1,2; 3,2.3; 4,11), para o vento (Jn 1,4), para a tempestade (Jn 1,4.12), para o temor dos marinheiros (Jn 1,10.16), para os homens de Nínive (Jn 3,5.7).

c) Lançar, atirar ou jogar, *tūl*, é usado quatro vezes no capítulo (Jn 1,4.5.12.15). No capítulo 2, o autor usa outro verbo para lançar, *shālak* (2,7).

d) Mandar, determinar, designar, *mānah*. Os quatro eventos miraculosos que aparecem na história são introduzidos pela mesma raiz verbal: o grande peixe (Jn 2,1), a planta (Jn 4,6), o verme (Jn 4,7) e o vento (Jn 4,8).

– Uso de citações

a) O capítulo 2 é um salmo que traz citações de outros salmos: “Tuas vagas todas e tuas ondas passaram sobre mim” (Sl 42,8b; cf. Jn 2,4b); “Quanto a mim, na minha ânsia eu dizia: ‘Fui excluído para longe dos teus olhos!’ Tu, porém, ouvias a minha voz suplicante, quando eu gritava a ti” (Sl 31,23; cf. Jn 2,5); “Salva-me, ó Deus, pois a água sobe até o meu pescoço” (Sl 69,2; cf. Jn 2,6); “Iahweh, tiraste minha vida do Xeol, tu me reavivaste dentre os que descem à cova” (Sl 30,4; cf. Sl 16,10; Jn 2,7b); “Tu detestas os que veneram ídolos vazios; quanto a mim, confio em Iahweh” (Sl 31,7; cf. Jn 2,9); “De ti vem meu louvor na grande assembleia, cumprirei meus votos frente àqueles que o temem”; “A Iahweh pertence a salvação! E sobre o teu povo, a tua bênção” (Sl 22,26; 3,9; cf. Jn 2,10).

b) O argumento do rei de Nínive (Jn 3,8-9) pode ser uma releitura da tradição de Jeremias: “Ora, eu falo sobre uma nação ou contra um reino, para arrancar, arrasar, destruir, mas se esta nação, contra a qual falei, se converte de sua perversidade, então me arrependo do mal que jurara fazer-lhe (...). Converta-se, pois, cada um de seu caminho perverso, melhorai vossos caminhos e vossas obras” (Jr 18,7-8.11b; cf. Jr 26,3.13.19).

c) “Tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para a ira e rico em amor e que se arrepende do mal” (Jn 4,2) é uma citação de Ex 34,6-7.

d) “Então Jonas pediu a morte e disse: ‘É melhor para mim morrer do que viver’” (Jn 4,8c). Afirmação semelhante encontramos em 1Rs 19,4: Elias “pediu a morte, dizendo: ‘Agora basta, Iahweh! Retira-me a vida, pois não sou melhor que meus pais’”.

– Inversão irônica

O autor inverte a narrativa bíblica convencional. Logo no início, há a ordem para Jonas: “Levanta-te e vai”, e quem está lendo espera que ele obedeça. Ele “levantou-se e fugiu para Társis” (Jn 1,1.3). A personagem central age de um jeito inesperado. Os marinheiros e os

ninivitas têm um comportamento exemplar. Os marinheiros tentam salvar Jonas; os habitantes de Nínive creram em Deus, convocaram jejum e fizeram penitência; o rei convoca jejum, penitência e exorta o povo à conversão. Outra inversão interessante é Jonas rezando: “Eu te peço, tira a minha vida, pois é melhor para mim a morte do que a vida” (Jn 4,3). Os marinheiros rezam: “Ah, Iahweh, não queremos perecer por causa da vida deste homem! Mas não ponhas sobre nós o sangue inocente, pois tu agiste como quiseste” (Jn 1,14). Jonas prefere morrer a ver os ninivitas viver.

No capítulo 2, Jonas reza. Mas não menciona uma palavra sequer sobre sua missão ou sua fuga. Apenas agradece a Javé pela salvação (Jn 2,7). E mais: destaca a importância do Templo. Um Jonas muito diferente do resto do livro. Rezar um salmo dentro da barriga de um peixe é ideia tão absurda quanto a de que ele poderia sobreviver ali de um a três dias. É história de pescador!

O livro de Jonas surge da pena de quem conhece a tradição de seu povo. Um sábio que mantém vivas algumas memórias importantes. Os recursos narrativos, especialmente o uso de citações, apontam para o período do pós-exílio. Um texto que apresenta uma teologia de um Deus da gratuidade e da misericórdia para com todos os povos, incluindo os piores inimigos do povo.

Afinal, qual a mensagem de Jonas? Qual a intenção dessa narrativa?

4. A mensagem de Jonas

No tempo de Neemias e Esdras (450-350 a.C.), entre os interesses principais destacavam-se a reconstrução de Jerusalém, a restauração da Lei e das práticas rituais, a eliminação de influências estrangeiras e a proibição de casamentos mistos. O livro de Jonas ignora esses temas. Ao contrário, é um texto que ironiza o comportamento do judeu nacionalista e tem um olhar favorável aos estrangeiros. A resistência demonstrada pelo personagem Jonas representa os grupos que não aceitam que Javé seja misericordioso com estrangeiros – muito menos com os assírios –, como Abdias, Joel, Neemias e Esdras.

De acordo com a narrativa, as pessoas de Nínive são chamadas à mudança de vida: “Invocarão a Deus com vigor e se converterá cada qual de seu caminho perverso e da violência que

está em suas mãos” (Jn 3,8). Nínive era símbolo do império opressor e de sua crueldade. Uma cidade chamada de “sanguinária” (Na 3,1.3). O termo hebraico traduzido por ações violentas é *hamás*, que nos textos proféticos significa as mais diversas injustiças sociais. Não se trata de uma conversão dos opressores ao verdadeiro Deus, mas de abandonar toda forma de injustiça social. Portanto, o perdão e a misericórdia de Deus são para todas as pessoas, até para os piores inimigos do povo de Israel. Dessa forma, os grupos nacionalistas e exclusivistas de Israel são chamados à conversão. O personagem Jonas é símbolo de um povo que não acredita na intervenção de Deus em favor daqueles que consideram seus inimigos. Mas o autor do livro de Jonas segue em outra direção. Ele acredita que o perdão e a ação de Deus não têm fronteiras.

As pessoas que liam ou ouviam a narrativa de Jonas eram convidadas a rever sua compreensão de Deus. O livro de Jonas foi usado contra a visão reduzida de alguns grupos de judeus que pensavam serem eles o único povo abençoado por Deus. Apresentar Javé que se compadece dos assírios e se arrepende do mal não é o mesmo que afirmar que todos os povos são escolhidos por ele, mas sim que ele é favorável a todos os que se convertem de sua má conduta e ações violentas. De acordo com o ensinamento das primeiras comunidades, Deus se alegra por um só pecador que se converte (Lc 15,7.10).

Há muitas perguntas na história de Jonas. Diante da tempestade, o capitão o questiona: “Como podes dormir?” (Jn 1,6). Os marinheiros querem saber qual é a missão de Jonas, de onde ele vem, qual a sua terra e o povo a que pertence (Jn 1,8). Sabendo da identidade de Jonas, os marinheiros questionam: “Que é isso que fizeste?” (Jn 1,10). Na tentativa de encontrar soluções, os marinheiros dizem-lhe: “Que te faremos para que o mar se acalme em torno de nós?” (Jn 1,11). No capítulo 4, há duplo questionamento de Javé para Jonas: “Tens, por acaso, motivo para te irar?” “Está certo que te aborreças por causa da mamoneira?” (Jn 4,4.9). “E eu não terei pena de Nínive?” (Jn 4,11). Nem todas as perguntas estão respondidas. O questionamento continua.

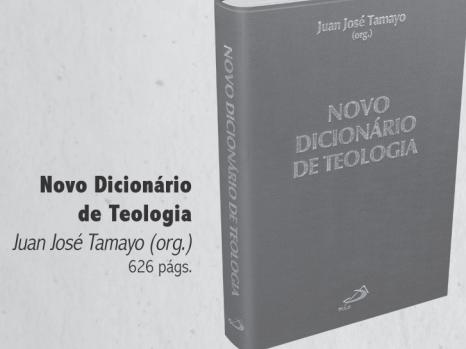
A história de Jonas é tão antiga e tão nova. A releitura dessa narrativa nos ajudará a refletir sobre a necessidade de assumir nossa missão

A PAULUS colabora para o enriquecimento dos estudos sociológicos e teológicos.



Compêndio de sociologia
Philippe Riutort
800 págs.

Esta obra possibilita a descoberta da abordagem sociológica e facilita a percepção das ligações que a Sociologia mantém com as outras disciplinas.



Novo Dicionário de Teologia
Juan José Tamayo (org.)
626 págs.

Crítico e científico, este dicionário oferece as linhas fundamentais da teologia cristã em perspectiva histórica e facilita o acesso às novas contribuições da reflexão teológica e das disciplinas com ela relacionadas, em diálogo com a filosofia e com a ciência.

Vendas: (11) 3789-4000
SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



de cada dia. É um convite para identificarmos nossos preconceitos e eliminá-los. Refletindo sobre a oração de Jonas, buscaremos ampliar nossos horizontes para reconhecer a presença de Deus em cada pessoa que vive e pratica a justiça, independentemente de sua confissão religiosa. O coração de Deus é capaz de se comover diante da pessoa que se converte. E o nosso? Essa história nos recorda a importância de dar o perdão, e dá-lo em primeiro lugar a si mesmo. Deus é compaixão e misericórdia; portanto, criados à sua imagem e semelhança, é nossa vocação desenvolver as mesmas atitudes. São essas as perspectivas para nossa leitura de Jonas.

5. Chaves de leitura

Para que possamos mergulhar no horizonte sociocultural e histórico em que nasceu o livro de Jonas, apresentamos algumas chaves que poderão auxiliar a leitura.

1. Nacionalismo judaico. Para compreender a formação dessa mentalidade, é necessário retomar a história. Em 587 a.C., o Templo e a cidade de Jerusalém foram destruídos e uma parte da população foi deportada para a Babilônia, onde já havia colônias de judeus exilados da primeira deportação (597 a.C.). Esse período é conhecido como o exílio da Babilônia. Em 539 a.C., os persas dominaram os babilônios e, no ano seguinte, os judeus exilados puderam retornar a Jerusalém. No exílio, para garantir a unidade e a coesão do povo judeu, surgiu a ideia de povo eleito. No pós-exílio, especialmente no tempo de Neemias e Esdras (450-350 a.C.), consolidou-se a compreensão de que o povo de Israel era o único povo santo, escolhido e privilegiado por Deus. Essa visão nacionalista gerou exclusão de outros grupos, principalmente dos estrangeiros. Nesse contexto, o livro de Jonas mostra-o sendo enviado por Javé para pregar a Nínive, a capital dos assírios. Ele foge em direção contrária, desce para Jope, de onde embarca para Társis, considerado o lugar mais distante de Israel. De acordo com a mentalidade da época, o único lugar da morada de Javé era Jerusalém. Os profetas de Israel pregaram contra as outras nações, mas Jonas é o único enviado para pregar a destruição de uma cidade (no caso, Nínive) na própria cidade. A novidade já aponta para a intenção do autor: mais do que destruição, parece que o objetivo é que a palavra de Deus seja ouvida.

2. Os estrangeiros – pessoas consideradas excluídas – vivem a justiça. No pós-exílio, começa um processo de exclusão, até chegar à eliminação do estrangeiro. No livro do Êxodo, que teve sua redação final nesse período, lemos: “Fica atento para observar o que hoje te ordeno: expulsarei de diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. Abstém-te de fazer aliança com os moradores da terra para onde vais, para que não sejam uma cilada” (Ex 34,11-12). A ideia de povo eleito e santo, que inicialmente possibilitou manter a coesão e a identidade do judeu no exílio, agora provoca fechamento e isolamento de outros povos e até dos judeus que haviam ficado na terra. Conforme a religião oficial, o povo judeu era considerado puro e os estrangeiros, impuros. Ser puro significava pertencer ao povo eleito e cumprir com todas as exigências da Lei, principalmente as leis da pureza (Lv 11-15). De acordo com a teologia do Templo, a pessoa fiel à Lei era abençoada com riqueza, terra e descendência. O Templo era o único lugar da manifestação de Deus. Só os sacerdotes da linhagem de Aarão, considerados os principais sacerdotes, podiam oferecer sacrifícios a Javé. O estrangeiro, sob pena de morte, não podia entrar no Templo (Nm 3,38). A história de Jonas mostra os estrangeiros trabalhando arduamente para sobreviver à tempestade, enquanto Jonas, representante do judeu que acredita que só o povo de Israel é privilegiado por Deus, dorme, permanece distante das pessoas e de Deus. Sempre houve vozes contrárias à exclusão de estrangeiros. Podemos ouvir alguns ecos nos livros de Jó, Jonas, Rute, do Terceiro Isaías e em alguns salmos, que propuseram a inclusão do estrangeiro.

3. A presença de Deus não está presa ao Templo. A oração de Jonas mostra que, mesmo dentro do peixe, no abismo mais profundo, ele continua olhando para o Templo e espera que a sua prece chegue até o Templo. Desde sua reconstrução, em 515 a.C., o Templo se tornou o centro da vida religiosa e política do povo judeu. Esse sistema ficou conhecido como teocracia; em outras palavras, é o governo a partir do Templo e da liderança do sumo sacerdote. O livro de Jonas mostra Deus agindo na tempestade, no mar, nos elementos da natureza. Um Deus que age para além das fronteiras de Israel: em Jope e em Nínive. Mas, quando lemos a oração de Jonas, a narrativa poética (Jn 2,3-10), vemos que

Deus ouve a prece e realiza a salvação a partir do Templo. A personagem Jonas representa as pessoas que acreditavam ser o Templo o único lugar da presença de Deus. É possível rezar o mesmo salmo rezado por ele, acreditando que Deus se faz presente nos momentos de dificuldade e sofrimento, mas precisamos ampliar nossos horizontes e reconhecer a sua presença em todo o universo e em todos os seres criados. Como o grupo do Terceiro Isaías, acreditamos que tudo que existe foi feito pela mão de Deus e seus olhos estão voltados “para o pobre, o abatido, para aquele que treme diante de minha palavra” (Is 66,2). Deus está presente onde reina o amor e a justiça.

4. *Deus perdoa sempre, até mesmo o pior inimigo do povo de Israel.* A cidade de Nínive era considerada o símbolo dos opressores de todos os tempos. Os assírios eram famosos por sua violência e crueldade. O povo de Israel, tanto do Norte quanto do Sul, experimentou por longo tempo a crueldade do império assírio. Desde 738 a.C., o rei do Norte, Manaém, pagava tributos para o rei da Assíria. Por volta de 732 a.C., os assírios se apropriaram de várias cidades do reino do Norte. Dez anos depois, a Samaria foi invadida e transformada numa província assíria, a elite foi deportada e substituída por estrangeiros (2Rs 17,24). O reino do Sul viveu a mesma situação. Desde 732 a.C., pagava tributos para a Assíria. Foi invadido em 701 a.C. por Senaquerib, que se apoderou de 36 cidades-fortalezas. É justamente para Nínive que Javé envia Jonas. Mesmo contra a sua vontade, o enviado vai e anuncia a destruição da cidade. De acordo com a narrativa, os habitantes de Nínive fazem jejum, penitência e se convertem de seu caminho perverso e da violência de suas mãos (Jn 3,5,8). E Deus amolece o coração. Ele teve compaixão. Afinal, qual é o objetivo do autor de Jonas ao mostrar que Javé se compadece do pior inimigo de Israel? Qual é a grande cidade da época do livro? Seria apenas uma referência aos vários povos estrangeiros que moravam em Judá? É um texto que nos questiona diante dos desafios que enfrentamos na grande cidade. Quais são os maiores inimigos do nosso povo? Aceitamos que a compaixão e a misericórdia de Deus também são para eles? Eis um grande desafio para nossa reflexão pessoal e uma chave importante na leitura e compreensão da história de Jonas.



Pias Discípulas do Divino Mestre

Como discípulas, vivemos o seguimento de Jesus Mestre em comunidade e somos enviadas a servir o povo de Deus pelo ministério da oração e da arte a serviço da liturgia.

**Jovem, você que tem espírito missionário, gosta de liturgia, ama a oração, a arte, a vida...
Venha nos conhecer!**

Endereços:

Rua dos Estudantes, 285 - B. Liberdade
01505-001 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3208.2376
vocacional@piasdipiculas.org.br

R. Otaviano Pessoa Monteiro, 31
Casa Caiada
53130-350 - Olinda - PE
(81) 3431.2346
divinomestre.pe@piasdipiculas.org.br

BR 116, km 145, nº1847 – C. Postal 95
Bairro São Ciro
95001-970 - Caxias do Sul – RS
(54) 3229.2907
divinomestre.caxias@piasdipiculas.org.br

5. A misericórdia e a gratuidade de Deus não têm fronteiras. Após a queda de Jerusalém, em 587 a.C., as pessoas que foram atingidas, especialmente as elites, tentaram encontrar os motivos de sua destruição e, apesar do sofrimento e decepção, acreditavam que o exílio era castigo de Javé. Alguns salmos trazem o eco dessa maneira de pensar: “Até quando te esconderás, ó Iahweh? Até o fim vai arder como fogo tua cólera?” (Sl 89,47). No Salmo 44,12-13, lemos: “Tu nos entregaste como ovelhas de corte, tu nos dispersaste por entre as nações; vendes o teu povo por um nada, e nada lucras com seu preço”.

No pós-exílio, a identidade de um judaíta não vem do fato de pertencer ao povo, mas de sua fé em Javé. Isso pode ser constatado no livro de Jonas, quando os marinheiros lhe perguntam: “Donde vens, qual a tua terra e a que povo pertences?” Jonas responde: “Sou hebreu e temo a Iahweh, o Deus do céu, que fez o mar e a terra” (Jn 1,8-9). Os membros da comunidade judaica eram designados como tementes a Deus: “Vós que temeis a Iahweh, louvai-o! Glorificai-o, descendência toda de Jacó! Temei-o, descendência

toda de Israel” (Sl 22,26; cf. Sl 85,10). A fé em Javé e a ideia de ser o povo eleito permitiram ao povo judeu manter identidade no exílio. Mas, no pós-exílio, a categoria de povo eleito, que inclui a noção de privilégios e superioridade, provocou atitudes exclusivistas e separatistas de grupos divergentes e estrangeiros. Riqueza, descendência e vida longa eram consideradas como bênçãos divinas para a pessoa que observava a Lei de Deus, adorando somente o Deus de Israel. As leis da pureza determinavam quem estava mais próximo de Deus e quem estava mais distante. As pessoas ligadas ao Templo acreditavam que a misericórdia de Javé era apenas para o povo de Israel puro. Na contramão da teologia oficial, o livro de Jonas apresenta um Deus que age com misericórdia para com todos os povos.

Abrir-se para o outro, superar preconceitos, desenvolver em nossa vida atitudes de misericórdia e compaixão são passos de um projeto que dura a vida inteira. Que o encontro com Jonas nos ensine a não ser como ele. Que o Deus da ternura e da compaixão seja nossa força e nossa inspiração.

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de vinte anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento

Pós-Graduação

Estudos de temas específicos

Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Seminário de espiritualidade bíblica

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)

Hebraico e Grego (semanal)

Especialização e aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Maiores informações:

Tel.: (11) 5181.7450

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br ou cbiblicoverbo@uol.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

OS ESTRANGEIROS ACREDITAM NA AÇÃO DE JAVÉ: UMA LEITURA DE JONAS

Centro Bíblico Verbo

Certa vez, um bispo estava examinando a aptidão de um grupo de candidatos ao batismo.

– Qual é o sinal que permite aos outros reconhecerem que vocês são católicos? – perguntou.

Não teve resposta. Evidentemente, ninguém esperava a pergunta. O bispo a repetiu. Depois perguntou novamente, desta vez fazendo o sinal da cruz para dar uma pista para a resposta.

De repente, um dos candidatos entendeu.

– Amor – disse ele.

O bispo ficou surpreso. Ia dizer ‘errado’, mas se conteve na hora h.¹

Que resposta o bispo esperava? Qual a nossa resposta? Em geral, ouvimos que o sinal do cristão é a cruz. A cruz lembra o gesto de doação, amor e compromisso de Jesus. Essa lição, as comunidades de João aprenderam bem: “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34b-35).

No livro de Jonas, encontramos um questionamento semelhante: “Conta-nos qual é tua missão, de onde vens, qual a tua terra, a que povo pertences” (Jn 1,8). Jonas tem a resposta na ponta da língua: “Sou hebreu e venero Iahweh, o Deus do céu, que fez o mar e a terra” (Jn 1,9). A resposta certa: Jonas decorou bem a lição da teologia oficial. Mas há uma incoerência entre o que sua boca diz e sua oposição a Deus: ele é

enviado por Javé à cidade de Nínive, mas foge de sua missão e até de seu Deus.

Para os judeus do século IV a.C., Nínive, a capital da Assíria, permanece como a lembrança de um dos grandes inimigos do povo de Israel. Simboliza a opressão exercida por todas as potências estrangeiras. Os habitantes de Nínive são impuros e distantes de Deus. Por isso, Jonas, um judeu nacionalista que se considera membro do povo eleito e santo, tem preconceito contra os estrangeiros.

Nos tempos atuais, ainda há muitos conflitos provocados pela crença na superioridade de uma nação ou de um grupo sobre outros. A ideia de “raça pura” continua produzindo vítimas. Basta lembrar os grupos de extermínio que agem contra homossexuais, negros e pessoas prostituídas, entre outros. Nesse sentido, a releitura do capítulo 1 do livro de Jonas poderá nos ajudar a rever as atitudes e preconceitos que criam separações em nosso meio. Nessa caminhada, o primeiro passo será a tentativa de compreender o contexto em que nasceu o livro de Jonas.

1. O contexto do livro de Jonas

A tradição judaica preservou o nome de Jonas, filho de Amati, que anunciou a expansão territorial no tempo de Jeroboão II, por volta de 780 a.C. (2Rs 14,25). É possível que o autor do livro de Jonas tenha utilizado esse nome por se tratar de um profeta nacionalista, mas o livro foi escrito no final do período persa. Vejamos alguns elementos desse império para nos situarmos na história.

Ciro II foi o fundador do reino e do império persa (559-530 a.C.). Em 539 a.C., ele ocupou

¹ MELO, Anthony de. *O enigma do iluminado*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 114. v. 2. Veja a bibliografia consultada na p. 35 (ao final do último artigo).

a Babilônia, que não lhe ofereceu resistência. A chegada de Ciro II foi recebida com grande expectativa, tanto que um sacerdote babilônico chegou a afirmar: “Em Babilônia, reina a alegria”. A tomada de poder foi festejada pelos povos dominados e, de modo especial, pelos judeus. O grupo profético do Dêutero-Isaías reconheceu em Ciro II o “ungido de Iahweh” (Is 45,1). Mais tarde, por volta de 525 a.C., ocorreu a conquista do Egito. Com isso, o reino persa tornou-se o maior império até então conhecido.

O motivo da alegria e da esperança era resultado da estratégia política adotada pelos persas: tolerância religiosa, que não pode ser confundida com um governo brando. Essa maneira de agir baseava-se no princípio de que assim a dominação imperial poderia ser melhor e mais duradoura. Os persas reprimiam violentamente qualquer ação que tivesse como objetivo a independência política.

Depois de enfrentar muitos conflitos, Dario I (521-486 a.C.) dedicou-se à organização administrativa do império, que foi dividido em 23 províncias, chamadas de satrapias. Cada uma delas era governada por um sátrapa, uma espécie de vice-rei em seu território, e todas tinham corte, palácio e funcionários.

O rei contava com a assistência de um grupo governamental, constituído por um conselho de sete integrantes, e exercia algum controle sobre os sátrapas por meio da burocracia e de inspetores. Para consolidar esse controle, aperfeiçoou-se o sistema de comunicação entre o rei e as satrapias. Ao longo das estradas, havia postos para a troca de cavalos e cavaleiros, permitindo que uma mensagem chegassem de uma ponta a outra do império em pouco tempo. Cabia ao sátrapa recolher e enviar ao governo central o tributo anual. A língua oficial do império era o aramaico.

No domínio persa, o uso da moeda foi amplamente adotado. Dario I introduziu a moeda imperial, o *dárico*. Muito antes da introdução da moeda, existia dinheiro em forma de peso de prata e de ouro. As primeiras moedas citadas no Primeiro Testamento foram as *dracmas* persas de ouro (Esd 2,69; Ne 7,70-72). Existiam também as moedas de prata de Atenas (Ne 5,15; 10,33). O valor do ouro era muito alto, na proporção de 1 moeda de ouro por 20 de prata. O imposto da Judeia era de 350 talentos de prata. Para conseguir o dinheiro de prata exigido, os mora-

dores da Judeia vendiam os produtos agrícolas excedentes. Em geral, os produtos valiam bem menos (Lv 27,16).

Os livros de Neemias e Esdras registram informações sobre esse período, mas elas devem ser olhadas com cuidado especial. De acordo com Esdras 1, o édito de Ciro II decretando a volta dos exilados ocorreu em 538 a.C. Isso não seria possível, pois nesse período a troca de poder havia atingido apenas o centro – Babilônia – e dificilmente Ciro II se preocuparia com uma região periférica tão distante como Judá. A permissão da volta foi uma estratégia política e não um decreto. A repatriação aconteceu aos poucos e em diferentes grupos. A reconstrução do Templo foi realizada com a permissão de Dario I.

Por volta de 520 a.C., Zorobabel e Josué, representantes da elite judaica, chegaram a Jerusalém com a missão de reconstruir o Templo. O grupo que voltou do cativeiro, chamado de Golá, veio com o apoio do império. Esse grupo se considerava como o verdadeiro Israel e legítimo dono da terra. Em Judá, ele entrou em conflito com o povo que havia ficado na terra – chamado de povo da terra – e com outros povos, como os moabitas e os amonitas, que estavam morando em Judá. Muitos grupos protestaram contra a construção do Templo, mas mesmo assim ele foi reconstruído em 515 a.C.

Alguns anos mais tarde, começaram a surgir revoltas no Egito e na província de Transeufrates, da qual Judá fazia parte. A instabilidade na região era muito grande. Em torno de 445 a.C., com a intenção de fortificar o corredor siro-palestino, os persas enviaram Neemias para organizar Jerusalém e transformá-la numa cidade-fortaleza. Apesar da resistência de vários grupos contra o projeto, Neemias conseguiu reconstruir as muralhas e executou algumas reformas que auxiliaram na reestruturação da comunidade. Em seguida, os persas enviaram Esdras (398 a.C.).

A cidade de Jerusalém e o Templo se tornaram um centro do poder político e econômico. A população do campo passou a pagar tributos ao Templo e ao império persa (Ne 10). A Lei de Deus foi promulgada como lei do rei (Esd 7,25-26). Ela foi apropriada pelos sacerdotes oficiais do Templo e se tornou um mecanismo de opressão religiosa e econômica. Os sacrifícios

se multiplicaram e as leis da pureza atingiam todas as pessoas (Lv 11-15). A maioria do povo era explorada pelo império persa e pelas elites política e religiosa de Judá.

O projeto de Neemias e Esdras fortaleceu a posição do grupo da Golá. Só eles podiam ser considerados o verdadeiro Israel; os outros foram excluídos. A preocupação com a identidade de um povo exilado e enfraquecido contribuiu para a criação do conceito de povo eleito como privilégio, separação e superioridade em face de outros povos. Os habitantes da terra passaram a representar o maior perigo para a infidelidade de Israel. Ser fiel a Javé e seus mandamentos era manter a separação entre a Golá – semente santa – e as mulheres dos povos de Judá. A identidade da comunidade judaica é definida à luz do poder e dos interesses do império persa.

E o livro de Jonas? É possível que essa história tenha surgido para defender uma posição mais aberta diante dos estrangeiros. O povo de Israel é chamado a ser instrumento da salvação de Deus em favor de todos os povos. Jonas representa um grupo de Jerusalém que não aceitava essa mentalidade. Desde o início, vemos o profeta rejeitando a ordem de Javé para ir a Nínive.

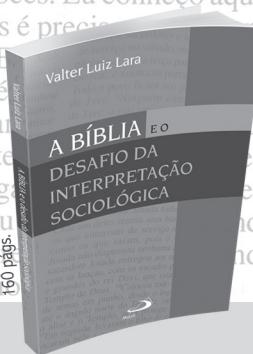
2. Jonas levanta-se e foge de sua missão

“A palavra de Iahweh foi dirigida a Jonas” (Jn 1,1). Essa expressão é comum na abertura dos livros proféticos. É a fala da divindade a seu mensageiro (1Rs 17,2-9; Jr 28,12; Os 1,1; Jl 1,1). Não há menção de data nem de lugar, nem se situa o acontecimento da palavra, mas o que se destaca é o conteúdo: “Levanta-te e vai a Nínive”.

Quem recebe a palavra é Jonas, filho de Amati. Conforme uma tradição de 2Rs 14,25, é o nome de um profeta oriundo de Gat-Ofer, uma aldeia na Galileia, que atuou no tempo do rei Jeroboão II (783-743 a.C.). Segundo a tradição, esse profeta anunciou ao rei o restabelecimento das fronteiras do reino do Norte, Israel. Trata-se de um profeta defensor da monarquia, que pregava bem-estar e sucesso para o rei. Muito diferente da profecia de Amós, que anunciou a morte de Jeroboão II e a destruição do sistema político de Israel (Am 7,11).

Por que o autor escolheu o nome de um profeta que havia atuado quatro séculos atrás?

NO MÊS DA BÍBLIA, ADQUIRA OBRAS QUE AJUDAM A COMPREENDER POR COMPLETO A RIQUEZA DA PALAVRA DA DEUS.



A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica
Valter Luiz Lara

A obra pretende ajudar o leitor a perceber a relevância dos contextos histórico e sociológico no trabalho de interpretação bíblica, condição para atualização e contextualização críticas da Sagrada Escritura.



A Bíblia sem mitos
Uma introdução crítica
Eduardo Arens

A abordagem dos problemas de contexto cultural e religioso dos textos bíblicos, com senso crítico e apoio das ciências históricas, permite respeitá-los e valorizá-los como aquilo que são: testemunhos de vida e de fé, capazes de alimentar hoje nossa própria vivência.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



Não é possível saber com certeza, mas uma razão pode ter sido o fato de que muitas pessoas da época do surgimento do livro pensavam como o Jonas do século VIII a.C. Elas acreditavam que somente o povo de Israel era escolhido e protegido por Javé.

No fim do império persa, havia grupos que pensavam que a misericórdia de Javé existia somente para o povo de Israel. A escolha de um profeta nacionalista favorece a identificação com os nacionalistas do tempo do livro. E, além disso, o nome “Jonas” significa pomba, um dos símbolos de Israel (Os 7,11; 11,11). Isso leva a deduzir que Jonas pode ser entendido como a personificação de um grupo dentro do povo de Israel.

Ele recebe uma ordem: “Levanta-te, vai”. Essa fórmula é comum no envio de um profeta (1Rs 17,9; 21,18; Jr 13,4-6; Ez 3,22). A ordem dada a Jonas especifica o lugar e o que deve ser anunciado: “Nínive, a grande cidade, anuncia contra ela que sua maldade chegou até mim” (Jn 1,2). Pregar contra uma cidade estrangeira dentro da própria cidade é ordem totalmente nova. Outros profetas pregaram contra as nações, mas sempre em Israel. Por exemplo, o profeta Naum denunciou Nínive e Isaías proferiu oráculos contra o Egito (Is 19). O fato de o profeta ter de ir para uma terra estrangeira aponta para uma intenção diferente: Javé quer que sua palavra seja ouvida.

Jonas foge para Társis. Ele não é a única pessoa na tradição bíblica que opõe resistência à sua missão. O próprio Moisés achava que as pessoas não iriam acreditar nele: “Não sou um homem de falar (...) tenho a boca pesada, e pesada a língua” (cf. Ex 4,10). Na lista dos juízes, encontramos Gedeão, que, ao ser enviado por Javé, questiona: “Como posso salvar Israel? Meu clã é o mais fraco em Manassés, e eu sou o último na casa de meu pai” (Jz 6,15). Outra hesitação bem conhecida é a de Jeremias: “Ah! Senhor Iahweh, eis que não sei falar, porque sou ainda criança” (Jr 1,6). Ao ser enviado, Jonas não diz uma palavra, apenas age... Levanta-se e vai em direção contrária.

Társis era considerada pelos hebreus como o fim do mundo (Is 66,19). De acordo com algumas tradições do Primeiro Testamento, parece tratar-se de uma região de grande importância econômica, que fornecia prata, ferro, estanho e

chumbo aos navegadores fenícios (Ez 27,12; Jr 10,9). Os navios de Társis eram construídos para enfrentar tempestades e empreender grandes viagens (Is 60,9). O desejo de Jonas é ir “para longe da face de Iahweh”, frase repetida duas vezes (1,3). Além do livro de Jonas, essa frase só se encontra na história de Caim: “Terei de ocultar-me longe de tua face” (Gn 4,14.16). É impossível fugir da presença de Javé, que está em toda parte, como expressa o salmista: “Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro. Se tomo as asas da alvorada para habitar nos limites do mar, mesmo lá é tua mão que me conduz, e tua mão direita que me sustenta” (Sl 139,7-10; cf. Am 9,1-4).

A fuga de Jonas começa bem, mas Javé o colocará de novo no caminho de Nínive. Ao se rebelar contra a ordem de Javé, Jonas começa a descer... Ele desce a Jope e lá encontra um navio para Társis. Não tem dúvida: paga a passagem e embarca. Portanto, ele representa grupos bem estabelecidos economicamente, pois não pensa duas vezes antes de iniciar uma viagem que poderia durar cerca de seis meses. Jope é um porto que passou a pertencer aos fenícios no século V a.C., e a maioria da população do lugar provavelmente não era israelita. Era o porto mais próximo para quem morava em Jerusalém ou nas regiões vizinhas. Para quem escreveu a história, Jonas representava grupos israelitas que moravam em Jerusalém ou próximos dessa cidade.

3. Os marinheiros ofereceram um sacrifício a Javé

A fuga de Jonas provoca a ira de Javé: ele “lançou sobre o mar um vento violento, e houve uma grande tempestade” (Jn 1,4). Os marinheiros, com toda a experiência que tinham, não previram a proximidade do mau tempo. O temporal piora e põe a embarcação em risco. Os marinheiros têm consciência de que a tempestade não é simples coincidência, mas um acontecimento sobrenatural; por isso, cada qual invoca o seu deus (Jn 1,5). O texto mostra Javé agindo fora das fronteiras da Palestina.

Há várias passagens no Primeiro Testamento que afirmam que Javé controla o vento e o mar. Ele “faz subir as nuvens do horizonte, faz relâmpagos para que chova, tira o vento de seus reservatórios” (Sl 135,7; cf. Ex 10,12-19; Jó

26,12; Sl 89,10; Is 50,2; Jr 49,32-36). No Novo Testamento, Jesus é apresentado com característica semelhante: “Levantando-se, conjurou severamente o vento e disse ao mar: ‘Silêncio! Quietos!’ Logo o vento serenou e houve grande bonança” (Mc 4,39).

A reação dos marinheiros contrasta fortemente com a de Jonas: tiveram medo, começaram a gritar e lançaram a carga ao mar. Ao passo que Jonas desceu, deitou-se e dormia profundamente (Jn 1,5). Há três verbos para descrever a ação dos marinheiros e três para Jonas. Enquanto a atividade daqueles aumenta, diminui a do profeta. É provável que o navio, como era costume, estivesse carregado, pois estava a serviço do comércio. A carga é lançada ao mar. Enquanto isso, Jonas continuava dormindo.

Como é que Jonas não percebeu toda a agitação e o medo dos marinheiros? Ele se encontra afastado das pessoas e alheio aos acontecimentos ao seu redor. A palavra hebraica usada para dormir profundamente é *radam* (Jn 1,5.6; Jz 4,21; Pr 10,5). Outro sentido desse termo é “estar inconsciente” (Dn 8,18; 10,19). A palavra *torpor*, que designa o sono de Adão, vem da mesma raiz de *radam* (cf. Gn 2,21; 15,12). O fato de Jonas estar alienado da realidade pode indicar passividade ou depressão, por estar fugindo da ordem de Javé e de sua missão.

O capitão do navio depara com Jonas e questiona: “Como podes dormir?” Não se trata de um julgamento, mas de espanto. Sem rodeios, o capitão ordena: “Levanta-te, invoca o teu Deus!” Essa ordem contém os dois verbos usados por Javé quando enviou Jonas a pregar contra Nínive: “Levanta-te (...) e anuncia”. O verbo *qārā'* pode ser traduzido por chamar, convocar, recitar, invocar. A origem de Jonas é diferente da dos que estão no navio; portanto, era natural que ele cultuasse outra divindade, e a sua oração poderia ajudar a solucionar a dificuldade vivida naquele momento, caso as outras divindades não respondessem a seus fiéis.

Os marinheiros têm certeza de que a tempestade é uma punição divina. Alguém dentre eles ofendeu a divindade. Assim, decidem tirar a sorte, que recai sobre Jonas. Antes de tomar qualquer atitude, os marinheiros querem saber quem é ele: “Qual é a tua missão, donde vens, qual a tua terra, a que povo pertences?” (Jn 1,8) Não se trata de um conhecimento amigável;

a tripulação quer entender a situação e saber exatamente quem é Jonas, o que implica tomar conhecimento de qual Deus ele ofendeu. Dessa forma, Jonas é posto contra a parede.

Jonas não responde à primeira questão, embora ela seja muito importante. De maneira decorada, o passageiro responde: “Sou hebreu e temo a Iahweh, o Deus do céu”. Em geral, “hebreu” era o termo usado pelos israelitas para explicar aos estrangeiros quem eram. No sentido jurídico, distingue os israelitas dos não israelitas (Dt 15,12). Conforme alguns salmos, os tementes a Javé são os que participam do culto em Jerusalém (Sl 22,24.26; 31,20; 66,16).

O verbo temer é usado três vezes para expressar o sentimento dos marinheiros. No início, trata-se de medo: eles têm medo de naufragar e morrer afogados (1,5). No v. 9, Jonas afirma que teme a Javé. No v. 10, os marinheiros tiveram um grande temor. Agora, os marinheiros sabem qual divindade enviou a tempestade. E, no final, repete-se o grande temor dos marinheiros, que parece indicar respeito e veneração (Jn 1,16).

Afirmar que Javé é o Deus do céu equivale a dizer que ele é a divindade suprema. Chamar Javé de Deus do céu tornou-se comum no pós-exílio (2Cr 36,23; Esd 1,2; Ne 1,4.5; 2,4). Um termo também encontrado nos textos em aramaico (Dn 2,18; Esd 5,11; 7,12). A confissão de que Javé fez o céu e a terra faz parte da crença do povo de Israel. Assim proclama o salmista: “Iahweh é Deus grande, o grande rei sobre todos os deuses (...) é dele o mar, pois foi ele quem o fez, e a terra firme, que plasmaram suas mãos” (Sl 95,3.5). Entre o que Jonas proclama e seu comportamento existe grande distância. Diz temer a Javé, mas faz exatamente o contrário do que ele pede. Não põe sua vida a serviço de Javé. Parece uma confissão “da boca para fora”, sem convicção.

Jonas sabe ser o culpado pela tempestade que ameaça vidas inocentes. Ele relata aos marinheiros sua tentativa de fugir da presença de Javé (Jn 1,10). Não há dúvida de que a tempestade é o julgamento divino. Os marinheiros compreenderam que a desobediência de Jonas era muito séria: “Que é isso que fizeste?” A ofensa era grave. Os marinheiros perguntam a Jonas o que fazer com ele para que o mar se acalme, pois o temporal aumentava cada vez mais. A resposta é imediata: “Lançai-me

ao mar e o mar se acalmará em torno de vós” (1,11). Jonas admite sua culpa. Conforme a Lei, quem causou o mal deve ser castigado (Dt 24,16; Ez 18).

Jonas aceitou sua responsabilidade? Ele ofereceu a si mesmo como vítima sacrificial para salvar os marinheiros (Jn 1,12). Que generosidade! Será mesmo? Ou sua intenção continuava sendo fugir da presença de Javé? Egoísmo visto como atitude generosa. Morrer é o caminho mais fácil para Jonas, pois assim ele não precisa ir a Nínive. Jonas é um profeta que está sem esperança. Enquanto ele continua se opondo ao projeto de Deus, os marinheiros e o capitão são descritos como pessoas de esperança, integridade e justiça.

A tripulação não tem dúvida de que a tempestade foi enviada por Javé, mas mesmo assim procura formas de salvar a vida de Jonas. Eles não querem lançá-lo ao mar, pois têm medo de ser punidos pela sua morte. Remam para atingir a terra, mas sem êxito, pois não podem mudar os planos de Javé. Assim, decidem seguir a opinião de Jonas. E eles próprios rezam a Javé: “Não ponhas sobre nós o sangue inocente desse homem, pois tu agiste como quiseste” (Jn 1,14). Derramar sangue inocente era um crime terrível (Dt 21,8-9; Jr 26,15). Os marinheiros se declaram inocentes, pois a ação deles segue a vontade de Javé.

A ação de jogar Jonas no mar produziu o efeito desejado: “O mar cessou seu furor”. A oração dos marinheiros foi ouvida. De fato, Jonas era culpado (1,15). Esse capítulo termina com uma conclusão: “Foram tomados por um grande temor para com Iahweh, ofereceram um sacrifício e fizeram votos” (Jn 1,16). Dificilmente um sacrifício poderia ter ocorrido a bordo do navio. Naquele tempo, não era costume transportar animais num navio. Em todas as religiões do Antigo Oriente, os sacrifícios eram realizados nos santuários ou nos templos.

No tempo de Neemias e Esdras, o lugar oficial do sacrifício era o Templo de Jerusalém. E só os sacerdotes da linhagem de Aarão, os puros, podiam oferecer sacrifícios a Javé. O estrangeiro nem podia entrar no Templo: “Moisés, Aarão e seus filhos tinham o encargo do santuário em nome dos israelitas. Todo estranho que se aproximasse devia ser punido com a morte” (Nm 3,38).

Como podemos entender a perspectiva do autor do livro de Jonas, que mostra os marinheiros estrangeiros fazendo sacrifícios em alto-mar com a aceitação de Deus? Qual é o sentido e o objetivo desse protesto? Ao que tudo indica, o livro é uma ironia e, ao mesmo tempo, uma reação contra o fechamento religioso e a opressão ideológica de uma elite nacionalista que rejeita e exclui os judeus impuros e os estrangeiros. A narrativa apresenta Javé, o Deus dos hebreus, agindo para os estrangeiros. Os marinheiros fizeram sacrifícios e votos para Javé! Descrever os estrangeiros como pessoas que vivem a justiça e creem em Javé pode ser uma crítica à visão nacionalista. Essa mesma concepção está presente em outras novelas; por exemplo, no livro de Rute.

4. Crítica ao nacionalismo

Na tradição judaica, a exigência de casamento dentro do mesmo grupo étnico começou no exílio da Babilônia. Foi uma forma de manter a identidade e a unidade dos grupos exilados. No período de Neemias e Esdras, os conflitos relacionados a casamentos mistos aumentaram. As proibições de união já existentes na tradição da Torá (Ex 34,16; Dt 7,3) foram retomadas, aplicadas e radicalizadas. Segundo o livro de Neemias, a comunidade assumiu o compromisso de obedecer a algumas exigências da Lei, entre as quais a de não realizar casamentos mistos (Ne 10,31).

No livro de Esdras, lemos: “O povo de Israel, os sacerdotes e os levitas não se separaram dos povos das terras mergulhados em suas abominações – cananeus, heteus, ferezeus, jebuseus, amonitas, egípcios e amorreus –, porque tomaram esposas para si e para seus filhos entre as filhas deles. A linhagem santa misturou-se com os povos das terras: os chefes e os magistrados foram os primeiros a participar dessa infidelidade” (Es 9,1-2).

Para Esdras, os habitantes da terra representavam o maior perigo para a fidelidade de Israel, com o risco de perda da terra. Nesse contexto, a fidelidade a Javé e aos seus mandamentos era manter a total separação entre a semente santa – o grupo que volta do exílio – e as mulheres dos povos da terra presentes em Judá. Os judeus que não haviam sido exilados eram tão estrangeiros quanto as pessoas de outras nações.

As reformas empreendidas por Neemias e Esdras foram importantes para manter a identidade e a coesão do povo no pós-exílio. Mas a consolidação da teologia da retribuição e a lei do puro e impuro provocaram exclusões de diversos grupos considerados impuros: estrangeiros – especialmente as mulheres –, doentes, pobres e pessoas com deficiência física.

Na contramão da teologia oficial, temos o livro de Rute. O cenário dessa novela é a emigração de uma família de Belém para Moab e a volta para Belém. Em terra estrangeira, a família enfrentou grandes sofrimentos. Elimelec e seus dois filhos, Maalon e Quelion, casados com mulheres moabitas, morreram. As três mulheres viúvas, Noemi e suas noras, Rute e Orfa, iniciaram a viagem para Belém, mas Orfa decidiu retornar para a casa de sua mãe. Em Belém, Rute recolheu espigas nos campos de Booz, fazendo uso do direito dos pobres (Lv 19,9-10). Depois que um parente próximo se recusou a exercer a lei do levirato (Dt 25,5-10), Booz casou-se com Rute. O primeiro filho desse casamento, Obed, foi considerado filho de Noemi.

Nessa novela, Noemi representa a imagem de Israel, que se encontra sem perspectivas de futuro. E, por ironia, o único fio de esperança que restava dependia de uma mulher viúva, estrangeira e ainda por cima moabita, um dos povos inimigos de Israel. A lei deuteronomica proibia a entrada de moabitas e amonitas na assembleia de Javé até a décima geração (Dt 23,4).

Esdras proclama a Lei de Deus como a lei do rei, impondo a obrigatoriedade de cumprila (Esd 7,25-26). O grupo por trás do livro de Rute fez uma releitura de antigas leis que não estavam sendo cumpridas. Uma delas era a lei da respiga: “Quando estiveres ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltés para pegá-lo: ele é do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que Iahweh teu Deus te abençoe em todo trabalho das tuas mãos. Quando sacudires os frutos da tua oliveira, não repasses os ramos: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva. Recorda que foste escravo na terra do Egito. É por isso que eu te ordeno agir deste modo” (Dt 24,19-21; cf. 23,22).

A lei da respiga garantia o direito dos pobres. Outra lei importante era a do resgate da terra. A lei afirma o seguinte: “Se o teu irmão cair na pobreza e tiver de vender algo do seu patrimônio,

o seu parente mais próximo virá a ele, a fim de exercer seus direitos de família sobre aquilo que o seu irmão vende” (Lv 25,25). O livro de Rute é o único que une a lei do resgate da terra à lei do levirato. A primeira, além de não poder ser realizada sem a segunda, amplia a compreensão desta, incluindo o parente próximo, e não apenas os cunhados.

Nesse contexto, a novela de Rute é muito significativa, pois defende as mulheres estrangeiras, evidenciando que a pertença ao povo eleito não se restringe à nacionalidade judaica, mas se vincula à prática da justiça e da solidariedade. É um protesto contra a política pós-exílica de isolamento social e eliminação dos estrangeiros defendida pela teocracia de Jerusalém. Ao apresentar uma mulher moabita como modelo de solidariedade, a história propõe o acolhimento dos estrangeiros e protesta contra a proibição de casamentos mistos.

5. Uma palavra final

A mensagem do livro de Rute, como a do livro de Jonas, continua atual. O estrangeiro é sempre visto como alguém de fora e, muitas vezes, ironizado em piadas ou imitações grotescas. Quem não é estrangeiro hoje? Há um constante vaivém de pessoas, seja dentro de seu próprio país ou dele para outra nação. Em alguns casos, a migração é motivada por aventura, mas a grande maioria busca melhores condições de vida.

A crise mundial agrava as dificuldades para a emigração, levando milhões de pessoas a viver de maneira ilegal – sem cidadania e, portanto, sem direito algum. Além das fronteiras externas, crescem as barreiras internas, manifestadas nas diversas disposições e ações contra estrangeiros.

A novela de Jonas continua nos desafiando a conhecer a realidade dos migrantes e emigrantes que vivem ao nosso redor. Esse é o primeiro passo para uma convivência solidária.

VIDA PASTORAL

Disponível também na internet,
em formato pdf.

www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

"CONTINUO A CONTEMPLAR O TEU SANTO TEMPLO" (Jn 2,5): Uma leitura de Jonas 2,1-11¹

| Pe. Shigeyuki Nakanose, svd*

Muita coisa me passa pela mente em relação a meus tempos de infância. Trago algumas lembranças marcantes de minha vida na ilha de Kaminoshima, em Nagasaki, Japão. Uma delas é o lugar sagrado. No caminho para a escola primária, meus olhos se voltavam para vários pontos: a montanha, as árvores, o mar, a igreja, as imagens de Buda, as casinhas do xintoísmo, religião nativa do Japão. O favorito era uma pequena imagem de Buda vestido de babador vermelho, com um sorriso amoroso e misericordioso. Ficava numa casinha sagrada do xintoísmo, ao lado de um poço. Água, Buda e deuses, tudo isso fazia parte de meu cotidiano.

Na volta da escola, meus amiguinhos e eu caminhávamos em bando e brincávamos, correndo, pulando, gritando e rindo muito. Mas, quando chegávamos àquele poço, o grupo fazia reverência ao pequeno Buda e bebia água à vontade. Água, Buda e deuses, tudo acontecia com naturalidade.

Era um ato de reverência ao sagrado, transmitido de geração em geração. Ninguém dizia, mas sentia, no corpo e na alma, o mistério da vida: os deuses estavam presentes em toda parte. Desde a infância, aprendíamos a respeitar as pessoas, a natureza, a vida e a morte. Isso é sagrado.

O tempo passou, mas essa lembrança não me saiu da mente. Desde os primeiros anos, estudei o cristianismo: orações, cantos, ensinamentos, teologia... Mas a imagem daquele poço com o sorriso de Buda e a de meus amiguinhos permanecem em mim.

Com base nessa e em outras experiências marcantes com o sagrado, leio o livro de Jonas e retomo a pergunta de sempre: onde está Deus?

O livro de Jonas é um dos livros da Bíblia que questionam a visão reduzida dos judeus do século IV a.C., que acreditavam ser o Templo de Jerusalém o único lugar da presença de Deus.

Jonas representa o judeu nacionalista, que prefere ser jogado ao mar e morrer a assumir a sua missão. Na história, ele é engolido por um grande peixe e, mesmo no ventre do animal, continua com os olhos voltados para o “santo Templo”, com a certeza de que sua prece chega até esse local sagrado, pois dele é que vem a salvação.

Hoje, como no tempo de Jonas, também há pessoas com a crença de que são o único grupo abençoados por Deus e de que ele habita exclusivamente os santuários e locais estabelecidos pelo grupo. Muitas vezes, essa atitude provoca preconceitos, exclusão e até mesmo perseguições contra outros grupos. À luz do capítulo 2 do livro de Jonas, vamos refletir sobre esse problema. Iniciaremos recordando a história do Templo de Jerusalém, considerado o único lugar de encontro com Deus para os judeus nacionalistas daquele tempo.

1. O Templo de Jerusalém

No ano em que faleceu o rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado.

¹ Este artigo tem a marca de muitas pessoas, especialmente de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo. Um agradecimento especial a Maria Antônia Marques pela leitura, sugestão e revisão do texto. Veja a *bibliografia consultada na p. 35 (ao final do último artigo)*.

* religioso verbita, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no ITESP, na Faculdade Católica de São José dos Campos e na Faculdade Dehoniana, em Taubaté. E-mail: cbiblicoverbo@uol.com.br

A cauda de sua veste enchia o santuário. Acima dele, em pé, estavam serafins, cada um com seis asas: com duas cobriam a face, com duas cobriam os pés e com duas voavam. Eles clamavam uns para os outros e diziam: "Santo, santo, santo é Iahweh dos Exércitos, sua glória enche toda a terra". Ao som de seus clamores, os gonzos das portas oscilavam, enquanto o Templo se enchia de fumaça (Is 6,1-4).

O Templo de Jerusalém foi construído sobre a colina de Sião, no tempo de Salomão (970-931 a.C.). Nele, havia a seguinte divisão: o *hekal* e o *debir*. No *debir*, o santo dos santos, ficava a arca; no *hekal*, a principal sala, estava o altar de incenso, o de ouro e o de bronze. Essa mesma estrutura foi encontrada em templos da região siro-fenícia. Os fenícios trabalharam como funcionários especializados na construção do Templo de Jerusalém. O nome do chefe dos escravos (em regime de corveia), Adoram, é de origem fenícia (1Rs 5,28). Mais tarde, provavelmente na reconstrução ocorrida em torno de 515 a.C., o Templo passou a ter o *ulâm*, um pórtico ou saguão de entrada (Ez 40,6; 44,3).

No período da monarquia, o Templo fazia parte de um conjunto que incluía o palácio do rei e suas dependências. Era considerado um anexo do palácio. Os reis faziam-lhe doações, como também lançavam mão de seus tesouros (1Rs 15,15.18; 2Rs 12,19; 16,8). Quando houve a divisão do reino, em torno de 931 a.C., Jeroboão I, o primeiro rei do Norte, aproveitou a existência de dois antigos santuários, um em Betel e outro em Dã, e os transformou em templos reais, colocando neles a imagem do bezerro de ouro (1 Reis 12,28-33), entre 931 e 910 a.C. O objetivo era impedir a ida do povo ao Templo de Jerusalém (1Rs 12,26-33). Este, como o de Betel, era um santuário real, forte instrumento para consolidar a política centralizadora dos reis.

Com o fortalecimento da monarquia, o culto no Templo de Jerusalém se tornou o elemento essencial da religião. Isso se reflete, por exemplo, nas orações do período monárquico, como podemos ver no Salmo 63,2-3.10-12:

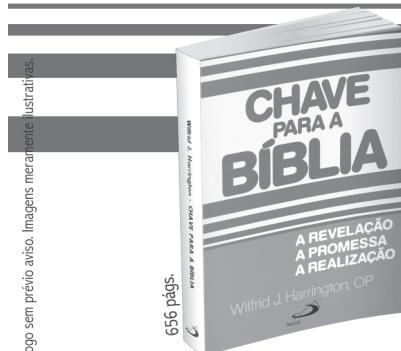
*Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te procuro.
Minha alma tem sede de ti,
Minha carne te deseja com ardor
Como terra árida, esgotada, sem água.*

Desvende as mensagens que a Sagrada Escritura reserva para você!



Bíblia Palavra de Deus
Curso de introdução à Sagrada Escritura
Valério Mannucci

Livro útil e indispensável para estudantes de teologia, sacerdotes e religiosos que desejam reciclar sua formação teológica e para leigos que desejam adquirir conhecimento mais profundo da Bíblia, que leve à verdadeira sabedoria da fé.



Chave para a Bíblia
A revelação, a promessa, a realização
Wilfrid J. Harrington, OP

Introdução aos escritos da Bíblia, com especial referência às questões de inspiração, verdade e sentido da Sagrada Escritura. Traz também um esboço da história de Israel e dos tempos do Novo Testamento.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



*Sim, eu te contemplava no santuário,
Vendo teu poder e tua glória...
Quanto aos que me querem destruir,
Irão para as profundezas da terra;
Serão entregues à espada
e se tornarão pasto dos chacais.
Mas o rei se alegrará em Deus:
Quem por ele jura se felicitará,
Pois a boca dos mentirosos será fechada.*

Os reis Ezequias e Josias empreenderam reformas administrativas com o objetivo de centralizar tudo em torno do Templo de Jerusalém. Eles procuraram controlar o povo em torno de um só Deus, Javé oficial, e de uma dinastia, a casa de Davi. Por volta de 622 a.C., Josias iniciou sua reforma, eliminando os outros cultos existentes no Templo; mandou

que os guardas retirassem do santuário de Javé todos os objetos de culto que tinham sido feitos para Baal, para Aserá e para todo o exército do céu; queimou-os fora de Jerusalém, nos campos do Cedron, e levou as cinzas para Betel. Destituiu os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam estabelecido e ofereciam sacrifícios nos lugares altos, nas cidades de Judá e nos arredores de Jerusalém, e os que ofereciam sacrifícios a Baal, ao sol, à lua, às constelações e a todo o exército do céu (2Rs 23,4b-7).

A reforma foi interrompida com a morte de Josias no confronto com Necao, imperador do Egito (609 a.C.). O domínio do Egito, porém, durou pouco. Em 605 a.C., Nabucodonosor, imperador da Babilônia, venceu Necao, apoderou-se da Palestina e submeteu o reino de Judá. Com as revoltas dos reis de Judá, o exército da Babilônia invadiu e saqueou a cidade de Jerusalém e o Templo duas vezes, em 597 a.C. e em 587 a.C. A classe governante e uma parte do povo pobre foram levadas para o exílio.

O Templo, conforme a teologia da época, era sinal da eleição e escolha de Javé (Dt 12,5). A ruína do Templo, em 587 a.C., abalou a fé do povo de Israel: “Eis por que nosso coração está doente, eis por que se escurecem nossos olhos: porque o monte Sião está desolado, nele passeiam os chacais!” (Lm 5,17-18). Havia grupos que continuaram se reunindo ao redor das ruínas no Templo (Jr 41,5), como possivelmente

o grupo que escreveu o livro das Lamentações. Em meio à situação de destruição, a esperança ainda permanecia: “Tu, Iahweh, permaneces para sempre; teu trono subsiste de geração em geração” (Lm 5,19).

Em 539 a.C., o exército de Ciro, rei dos medos e persas, derrotou a Babilônia. No ano seguinte, os judeus exilados tiveram a permissão de voltar e receberam auxílio para reconstruir o Templo e a cidade de Jerusalém. O primeiro grupo voltou sob a liderança de Sassabassar (Esd 5,15-16). Não há outras informações sobre essa primeira expedição. O que a Bíblia registra é que houve conflitos com os habitantes da Samaria e com o povo da terra, que tentaram impedir a construção do Templo. O projeto da reconstrução foi retomado em 520 a.C., com Zorobabel, de descendência davídica, e Josué, descendente de família sacerdotal sadoquita, com o apoio dos profetas Ageu e Zacarias (Esd 5,1-2). Apesar dos protestos, o Templo foi reconstruído em 515 a.C., de acordo com os interesses do império persa.

No tempo de Neemias, em torno de 450 a.C., a província de Judá conseguiu total autonomia. Em seguida, Esdras veio com a missão de instituir a Lei. Ele adotou uma política de total fechamento ao povo da terra – grupos de judeus que haviam ficado na terra durante o exílio da Babilônia. Nesse período, afirmou a autoridade da Lei de Deus como a lei do rei. Esdras confirmou a teocracia: um Estado governado por sacerdotes e escribas, a partir do Templo, com uma postura de separação em relação aos povos vizinhos. O centro da vida política e religiosa da comunidade de Judá passou a ser o Templo e sua teologia da eleição do povo de Israel, as leis da pureza e a teologia da retribuição. É essa espiritualidade que transparece nos salmos da época.

– O Templo se tornou o único lugar da morada de Deus, aonde as pessoas iam para adorá-lo: “Uma coisa peço a Iahweh, a coisa que procuro; é habitar na casa de Iahweh todos os dias de minha vida, para gozar a doçura de Iahweh e meditar no seu Templo” (Sl 27,4; cf. 42,5). A oração cantada pelo povo expressava a convicção de que a morada de Javé era o Templo de Jerusalém: “Sua tenda está em Salém e sua morada em Sião” (Sl 76,3).

– O Templo era considerado lugar de proteção e repouso; Javé era o hospedeiro que acolhia

o peregrino em sua morada (Sl 84). Os salmos de subida descrevem a alegria da visita ao Templo de Jerusalém, como o lugar onde reina a justiça (Sl 122,1-5).

– O Templo era visto como o centro da vida religiosa: “E agora bendizei a Iahweh, servos todos de Iahweh! Vós que servis na casa de Iahweh pelas noites, nos átrios da casa de nosso Deus. Levantai vossas mãos para o santuário e bendizei a Iahweh! Que Iahweh vos abençoe de Sião, ele que fez o céu e a terra” (Sl 134).

O elemento central da teologia dos teocratas era a presença de Deus no Templo, convicção propagada por toda a terra. Essa visão teológica encontra-se expressa na oração de Jonas, proclamada no capítulo 2.

2. A oração de Jonas

A história de Jonas, que foi engolido por um peixe e permaneceu no ventre desse animal por três dias e três noites, é muito conhecida. A ação do peixe é controlada por Javé. É ele que determina ao animal engolir e vomitar Jonas (Jn 2,1.11). Na Bíblia, os verbos engolir e vomitar são usados somente no sentido negativo (Ex 15,12; Nm 16,30.32.34; Jó 20,15.18). Uma boa ironia: nem o peixe aguentou Jonas. A narrativa não diz qual era o tipo de peixe nem como foi possível alguém sobreviver dentro dele. São questões sem respostas, pois a Escritura se preocupa com o sentido do acontecimento, e não com o fato em si.

Muito significativa é a menção de três dias e três noites nas entranhas do peixe. É uma forma de reforçar a duração do tempo (cf. Gn 7,4). Conforme a cultura da época, trata-se de expressão própria para designar o período que uma pessoa levava para chegar ao Xeol: três dias completos. Tal compreensão pode ser entendida com base em Jn 2,7b: “Eu descii (...) à terra cujos ferrolhos estavam atrás de mim para sempre”. O narrador afirma: “Orou Jonas a Iahweh, seu Deus, das entranhas do peixe” (Jn 2,2). Nesse versículo, a palavra hebraica usada para peixe é *dagá*, forma feminina, ao passo que, no versículo 1, o termo usado está na forma masculina: *dag*. Por que a mudança? Não é possível saber com precisão, mas o ventre de uma fêmea é o lugar onde se gera nova vida.

A oração de Jonas não é um lamento, uma súplica ou um pedido de socorro, mas um sal-

mo de ação de graças pela salvação de Javé. Jn 2,4 expressa o motivo da ação de graças: “De minha angústia clamei a Iahweh, e ele me respondeu; do seio do Xeol pedi ajuda e tu ouviste a minha voz”. O salmista faz um apelo a Javé e é atendido.

Para expressar a localização de Jonas, a narrativa em prosa usa o termo hebraico *me'eh*, que pode ser traduzido por entranhas ou parte interna (Jn 2,1.2), enquanto a narrativa poética usa *beten xeol*, seio, ventre, barriga, corpo. No Primeiro Testamento, a expressão “seio do Xeol” só aparece nesse salmo. Uma oração feita em um momento de desespero. O salmo não reflete a situação só de Jonas, mas de qualquer pessoa que, na iminência de perigo ou risco de morte, rezou a Javé e ele escutou. São palavras próprias de uma ação de graças.

O termo Xeol identifica a morada dos mortos: “Minha alma está cheia de males e minha vida está à beira do Xeol” (Sl 88,4; cf. Gn 37,35). A morada dos mortos fica abaixo da terra e de lá ninguém escapa (Nm 16,30-33; Jó 17,16). É o lugar onde Deus não está: “Com efeito, não é o Xeol que te louva, nem a morte que te glorifica, pois já não esperam em tua fidelidade aqueles que descem à cova” (Is 38,18; cf. Sl 6,6). Em contraposição, outra corrente afirma que Iahweh está em todos os lugares, até mesmo no Xeol: “Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no Xeol, aí te encontro” (Sl 138,9; cf. Am 9,2).

A imagem de ser jogado nas águas e engolido por elas é metáfora que expressa grande sofrimento ou ameaça à vida. Alguns salmos utilizam linguagem semelhante para descrever a experiência de quem suplica: “Salva-me, ó Deus, pois a água sobe até o meu pescoço. Afundo num lodo profundo, sem nada que me apoie; entro no mais fundo das águas, e a correnteza me arrasta. Que a correnteza das águas não me arraste, não me engula o lodo profundo, e o poço não feche sua boca sobre mim” (Sl 69,1-2.16). O verbo hebraico usado para lançar é *shalak* (2,5), ao passo que a narrativa em prosa utiliza outro verbo para a mesma ação, *tûl* (Jn 1,4.5b.15). Isso mostra que este salmo pode ter sido escrito por outro autor.

O salmista se sente rejeitado por Deus: “Fui expulso de diante de teus olhos” (Jn 2,5a). A narrativa em prosa mostra o empenho de Jonas em fugir da presença de Javé (Jn 1,3.10); porém,

a narrativa poética diz o contrário. Afinal, ele fugiu ou foi banido? A contradição é mais um elemento que mostra a origem diversa desse salmo. “Eu dizia” é uma forma de descrever a interioridade do salmista, que se sente expulso da presença de Javé. Com palavras semelhantes, outro salmista canta: “Fui excluído para longe dos teus olhos! Tu, porém, ouvias minha voz suplicante, quando eu gritava a ti” (Sl 31,23). Mesmo banido dos olhos de Javé, o olhar de Jonas continua voltado para o Templo, que só aparece na narrativa poética (Jn 2,5.8). O Jonas orante e fiel, apresentado pelo capítulo 2, é muito diferente do profeta teimoso e resistente à sua missão descrito nos outros capítulos.

O autor do salmo (Jn 2,3-10) está ligado ao Templo. Sua teologia é a do Templo. Estar longe de Javé significa estar distante do Templo. Diferentemente, a teologia do autor do livro de Jonas não prende Deus no Templo de Jerusalém, mas a ação dele ocorre em todos os lugares: no mar, na natureza e em Nínive. O salmo representa a teologia das pessoas que o autor da narrativa poética quer mostrar que estão enganadas. Nas origens do povo de Israel, havia diversos locais de culto. O Deus dos patriarcas é um Deus que caminha com seu povo (Gn 26,24; 28,15.20s). É um Deus peregrino.

O salmista se sente numa verdadeira armadilha: “As águas me envolvem até o pescoço”. A vida está por um fio. Sente-se cercado pelo abismo: “As algas se entrelaçam em torno de minha cabeça” (Jn 2,6). Sua experiência foi de completa descida: “Desci até as raízes das montanhas”. Onde estão as raízes das montanhas? Em algumas passagens do Primeiro Testamento lemos: “O fogo de minha ira está ardendo e vai queimar até o mais fundo do Xeol; vai devorar a terra e seus produtos e abrasar o alicerce das montanhas” (Dt 32,22). Javé fundou a terra sobre os mares e firmou-a sobre os rios (Sl 24,2). “Deus é nosso refúgio e nossa força, socorro sempre alerta nos perigos. E por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no seio do mar” (Sl 46,2-3). A descida chegou “à terra cujos ferrolhos estavam atrás de mim para sempre” (Jn 2,7). O salmista sabe que não há retorno da terra dos mortos.

Depois de tanta angústia, Jn 2,7b aponta para uma mudança importante: “Mas tu fizeste subir da fossa a minha vida, Iahweh, meu Deus”.

Inicia-se o processo de subida. A palavra cova é sinônimo de sepultura e, às vezes, pode designar a realidade da morte; por exemplo: “Iahweh, tiraste a minha vida do Xeol, tu me reavivaste dentre os que descem à cova” (Sl 30,4; cf. 71,20). O salmo do livro de Jonas mostra que o salmista voltou a viver, recobrou o ânimo e tem certeza de que foi Javé que o salvou.

O salmista conta como se deu a salvação: sua vida estava quase totalmente enfraquecida, quando se lembra de Javé e reza. A oração chega até “teu santo Templo” (Jn 2,8). O Templo é considerado o principal lugar de culto a Javé, pois se acredita que ele habita no Templo de Jerusalém. Em seu cântico de ação de graças, o salmista louva o poder de Javé para salvá-lo e denuncia o vazio, a nulidade das outras divindades (Jn 2,9). Para um israelita, o culto a outras divindades é uma violação da aliança: “Abandonam o seu amor”, a sua *hesed*, que significa fidelidade e solidariedade. O amor de Deus é incondicional.

Em atitude de agradecimento pela salvação, o salmista canta sua ação de graças e promete oferecer sacrifícios e cumprir seus votos. O objetivo do sacrifício é manter a comunhão com a divindade. Em geral, é uma oferenda em homenagem à divindade protetora. No pós-exílio, o sacrifício era considerado o principal ato de culto a Deus. Conforme o livro do Levítico, havia diferentes tipos de sacrifícios. Entre os mais comuns, estavam o de comunhão e o de expiação pelo pecado. Os sacrifícios eram considerados meios eficazes de purificação para os fiéis se apresentarem diante de Deus. O voto fazia parte das antigas práticas cultuais de Israel. A finalidade do voto era reforçar a oração, e, quase sempre, ele era acompanhado de sacrifícios (1Sm 1,11.24; Lv 7,16-17).

A oração de Jonas é um salmo que pode ter sido rezado num ambiente comunitário. Observemos que os vv. 3a, 8a, 9a e 10b falam de Javé na terceira pessoa, o que parece ser uma resposta da comunidade. O salmista testemunha sua experiência de grande sofrimento e a salvação de Javé. O v. 11, que já é parte da narrativa em prosa, revela que a oração de Jonas foi atendida. Segundo a ordem de Javé, o peixe o vomitou em terra firme. Nos textos bíblicos, a palavra vomitar refere-se ao impuro ou indesejado que será posto para fora (cf. Lv 18,25; 20,22; Is 28,8).

Seria ironia afirmar que Jonas foi indigesto até mesmo para o peixe?

Ao ler todo o livro, constata-se que a visão de Jonas representa o nacionalismo exclusivista, reforçado pela ideia de povo eleito, puro e santo, e de Jerusalém como o único lugar da manifestação de Deus. De fato, essa compreensão possibilitou manter a coesão e a identidade do judeu no exílio, mas, no tempo pós-exílico, provocou fechamento e a exclusão de outros povos e dos judeus pobres e impuros que não tinham acesso ao templo de Jerusalém. Porque, uma vez adotada e consolidada a noção de povo santo e puro, a elite governante de sacerdotes e escribas determinava quem era puro ou impuro. Uma pessoa impura, como o pobre, o doente e o estrangeiro, não podia participar do culto do Templo e, consequentemente, estava excluída da sociedade e afastada do Deus oficial do Templo de Jerusalém.

Mas é com esses impuros que o Deus da vida convive. Ele está no meio dos impuros: “Não temas, vermezinho de Jacó, e vós, pobres pessoas de Israel. Eu mesmo te ajudarei, oráculo de Iahweh” (Is 41,14). A Bíblia está cheia de gritos, orações e histórias de pobres e impuros para quem o culto do Templo não era o elemento essencial da religião.

3. Uma crítica à religião baseada no culto do Templo

No Antigo Israel, havia vários lugares de culto (cf. Ex 20,22-26). Os lugares altos serviam para o encontro com a divindade e para o sacrifício. Um ritual que podia ser dirigido pelo patriarca local ou por um homem de Deus. De acordo com a tradição de 1Sm 9,12b-13, lemos: “Apressa-te: ele (Samuel) veio hoje à cidade porque hoje será oferecido um sacrifício pelo povo no lugar alto. Entrando na cidade, vós o achareis, antes que suba ao lugar alto para comer. O povo não comerá antes que ele chegue, porque é ele que tem de abençoar o sacrifício; só depois os convidados comem. Subi, pois, já. Logo o achareis”.

Antes da formação do Estado, os principais santuários estavam situados em Betel, Siquém, Silo, Guilgal e Dã. Nesses centros religiosos, havia peregrinação anual, especialmente a festa da colheita, que posteriormente ficou conhecida como festa de Sucot (Tendas). A história de Ana, narrada em 1Sm 1, tem por base esse costume

familiar: Elcana “anualmente subia de sua cidade para adorar e oferecer sacrifícios a Iahweh dos Exércitos em Silo” (1Sm 1,3). Cada santuário possuía suas próprias tradições; por exemplo, o santuário de Betel estava associado a Jacó (Gn 35).

O surgimento da monarquia em Israel trouxe algumas mudanças no modo de vida do povo, especialmente em relação às práticas religiosas. A arca de Javé, um símbolo da divindade no tempo das tribos, foi levada para Jerusalém no tempo de Davi (1010-970 a.C.) e conduzida ao Templo no período de Salomão (970-930 a.C.). Pouco a pouco, Jerusalém tornou-se o principal local de culto. Em torno de 930 a.C., houve a divisão do reino, com Jeroboão I. A partir de então, passou a existir o reino do Norte, Israel, e o reino do Sul, Judá. No reino do Norte, Jeroboão I estabeleceu os santuários de Betel e Dã, em oposição ao santuário de Jerusalém.

Estabelecer o santuário real era um passo importante para desenvolver uma política centralizadora dos dois reinos. Na religião oficial, Deus era, cada vez mais, confinado dentro de uma organização dos santuários dos reis. Em todo seu poder centralizador, o culto a Deus nos santuários tornou-se instrumento de manipulação e de exploração do povo em favor dos privilégios da elite dominante.

Por isso, algumas vozes proféticas, representantes da população camponesa, protestaram contra essa religião oficial:

Eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões. Porque, se me ofereceis holocaustos..., não me agradam vossas oferendas e não olho para o sacrifício de vossos animais cevados. Afastai de mim o ruído de vossos cantos, eu não posso ouvir o som de vossas harpas! Que o direito corra como a água e a justiça como o rio caudaloso! (Am 5,21-24).

Porque é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais que holocaustos (Os 6,6).

Com que eu me apresentarei a Iahweh e me inclinarei diante do Deus do céu? Porventura me apresentarei com holocaustos ou com novilhos de um ano? Terá Iahweh prazer nos milhares de carneiros ou nas libações de torrentes de óleo? Darei eu meu primogênito pelo meu crime, o fruto de minhas entranhas

pelo meu pecado? – Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus (Mq 6,6-8).

Ouvi, pois, isto, chefes da casa de Jacó e dirigentes da casa de Israel, vós que execrais a justiça, que torceis o que é direito, vós que edificais Sião com o sangue e Jerusalém com injustiça! Seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes decidem por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro (Mq 3,9-11a).

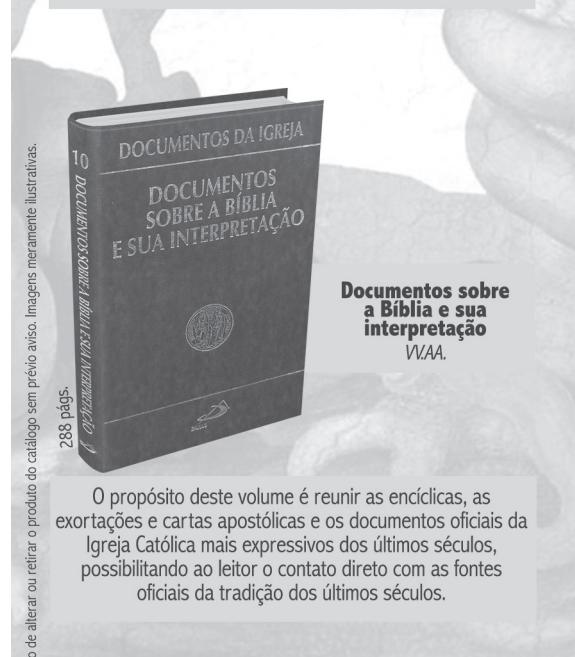
Para alguns grupos camponeses, o culto não é o elemento essencial da religião, nem pode estar a serviço da hipocrisia religiosa – pois muitas pessoas acreditavam que estavam próximas de Deus simplesmente pelo fato de fazerem sacrifícios e jejuns. Os profetas de Javé têm a firme convicção de que Deus se manifesta na prática da justiça social e do amor ao próximo.

A destruição do Templo e da cidade de Jerusalém ocorre em 587 a.C. O povo é exilado. Sem o Templo, alguns grupos fazem a experiência de um Deus mais humano, que está no meio do povo (Is 41,8-20; Sf 3,14-17). Mas os grupos ligados à religião oficial continuam sonhando com a sua reconstrução (Ez 37,26-28; Ag 2). No pós-exílio, o grupo ligado a Ezequiel organiza uma sociedade governada pelos teocratas (sacerdotes e escribas), de acordo com os interesses do império persa (cf. Esd 7,26-28). O Templo é reconstruído e volta a ser poderoso instrumento de exploração do povo.

Segundo a teologia oficial dos teocratas, Deus abençoa uma pessoa pura com riqueza, saúde, vida longa e descendência, e a pessoa impura é castigada com pobreza, doença e sofrimento (Dt 28). O culto no Templo é a única forma de um impuro ser purificado diante de Deus e voltar a participar da vida social. Pobres, famintos e doentes, que não têm recursos para oferecer sacrifícios ao deus do Templo, permanecem impuros e condenados à maldição. O deus do Templo não escuta nem o grito dos pobres (Jó 24,12).

Como no tempo da monarquia, o culto do Templo se tornou ritualista e centro de exploração do povo. No livro do Terceiro Isaías (Is 56-66), ouvimos o grito de repúdio contra a

A interpretação da Bíblia torna-se muito mais clara e compreensível com os livros da PAULUS.



O propósito deste volume é reunir as encíclicas, as exortações e cartas apostólicas e os documentos oficiais da Igreja Católica mais expressivos dos últimos séculos, possibilitando ao leitor o contato direto com as fontes oficiais da tradição dos últimos séculos.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.
Visite nossa loja virtual
paulus.com.br





teologia do Templo: “Assim diz Iahweh: ‘O céu é meu trono, e a terra o escabelo de meus pés. Que casa me haveis de fazer, que lugar para o meu repouso? Tudo isto foi minha mão que fez, tudo isto me pertence’, oráculo de Iahweh! ‘Eis para que estão voltados meus olhos, para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra’” (Is 66,1-2).

Da mesma forma que o Terceiro Isaías, o autor da narrativa de Jonas apresenta Deus agindo além das fronteiras do Templo e do território de Israel. Vemos essa convicção expressa nas orações do povo, que sintetizam a religião e a teologia dos “pobres”:

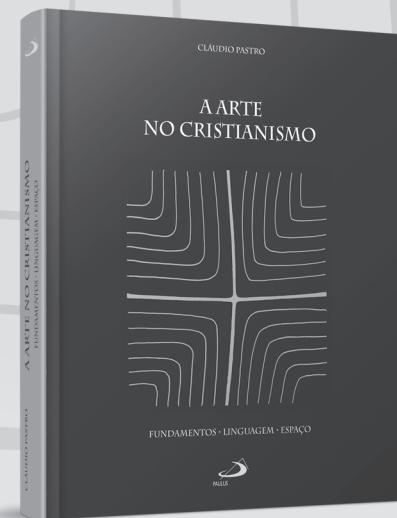
a) Deus está presente em toda parte: “Iahweh, o teu amor está no céu e tua verdade chega às nuvens; tua justiça é como as montanhas de Deus, teus julgamentos como o grande abismo. Salvas os homens e os animais. Iahweh, como é precioso, ó Deus, o teu amor! Deste modo, os filhos de Adão se abrigam à sombra de tuas asas” (Sl 36,6-8); “Iahweh firmou no céu o seu trono e sua realeza governa o universo” (Sl 103,19); “Quem é como Iahweh, nosso Deus? Ele se eleva para sentar-se, e se abaixa para olhar pelo céu e pela terra” (Sl 113,5).

b) Deus escuta os pobres: “Quanto a mim, sou pobre e indigente, mas o Senhor cuida de mim. Tu és meu auxílio e salvação; Deus meu, não demores!” (Sl 40,18); “Os pobres veem e se alegram: vós que buscais a Deus, que vosso coração viva! Porque Iahweh atende os indigentes, nunca rejeita seus cativos” (Sl 69,33-34).

c) Deus liberta e eleva os pobres: “Meu ser exultará em Iahweh e se alegrará com sua salvação. Meus ossos todos dirão: ‘Iahweh, quem é igual a ti, para livrar o pobre do mais forte e o indigente do explorador?’” (Sl 35,9-10); “Ele ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo, fazendo-o sentar-se com os nobres, ao lado dos nobres do seu povo” (Sl 113,7-8).

d) Deus não quer sacrifício nem oferta: “Quantas maravilhas realizaste, Iahweh meu Deus, quantos projetos em nosso favor: ninguém se compara a ti. Quero anunciar-lhos, falar deles, mas são muitos

Arte e espiritualidade em um grande uníssono!



A arte no cristianismo
Fundamentos, linguagem, espaço

Cláudio Castro
332 págs.

Nesta obra, do renomado artista plástico brasileiro Cláudio Castro, estão os mais belos trabalhos de arte sacra realizados ao longo da história da humanidade e compilados com cuidado pelo autor.

Os 16 capítulos e as cerca de 600 imagens coloridas trazem reflexões sobre o espaço sagrado, a iconografia cristã e uma série de outros temas ligados à Igreja e à arte.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



para enumerá-los. Não quiseste sacrifício nem oferta, abriste meu ouvido; não pediste holocausto nem expiação, e então eu disse: ‘Eis que venho’” (Sl 40,6-7).

Os pobres insistem que Deus habita em toda parte, não despreza a pobreza nem lhes oculta a face. É uma fé que nasce no fundo do coração de quem experimenta exploração, fome, escravidão: “Os pobres da terra se escondem todos juntos, passam a noite sem roupa e sem coberta contra o frio (...). O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada” (Jó 24,4.7.9). É a fé no Deus dos pobres que está na contramão da teologia dos teocratas.

O personagem Jonas, um teocrata, que desfruta dos benefícios da sociedade governada pelos teocratas, eleva sua prece a Deus a partir do Templo. Seus olhos estão voltados para o “santo Templo”, a única morada de Deus; pois é de lá que vem a salvação: “Quando minha alma desfalecia em mim, eu me lembrei de Iahweh, e minha prece chegou a ti, até o teu santo Templo” (Jn 2,8).

4. Retomando a vida

Certa vez, numa aula de religião, os alunos, com idade entre 5 e 7 anos, foram convidados a rezar. Ao final da oração, uma criança perguntou: “Professora, se Deus é tão grande e

importante, por que não posso vê-lo? Onde ele está?” Mais rapidamente do que a professora pudesse pensar numa resposta que fizesse sentido, outro coleguinha se antecipou: “É que Deus é muito grande. Ele não cabe em nossa cabeça. Ele é como o ar: a gente não vê, mas ele está em toda parte”.

Onde está Deus? Essa pergunta vem de longe. Ele se manifesta a cada instante e em todas as realidades. Responder onde está Deus depende da formação e da experiência de cada pessoa. Hoje, não sei quais seriam as respostas de meus amiguinhos de Nagasaki a tal pergunta. O tempo passou... Muitas águas correram debaixo da ponte. Como um seguidor de Jesus de Nazaré, tenho fé no Deus da vida que se encarna no meio dos impuros: “A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o mencionaram a Jesus. Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se” (Mc 1,3-31). Afinal de contas, pregamos Cristo crucificado e ressuscitado (cf. 1Cor 1,23).

A vida nos ensina que a verdadeira religião do Deus da vida é muito mais do que um conjunto de leis, dogmas e culto; é aquela que se preocupa com a prática da justiça e da solidariedade. É a certeza que cantamos em nossas comunidades: “Onde reina o Amor, fraternal Amor! Onde reina o Amor, Deus aí está”.

A revista VIDA PASTORAL pode ser solicitada pessoalmente em todas as livrarias PAULUS. Caso você more em uma cidade que não possui livraria PAULUS, envie seus dados, possivelmente acompanhados de contribuição espontânea para as despesas de envio (cheque nominal à Pia Sociedade de São Paulo) ou comprovante de depósito em uma das contas abaixo:

Banco do Brasil, agência 0646-7, c/c 5555-7
Bradesco, agência 3450-9, c/c 1139-8

Enviar para o seguinte endereço:

REVISTA VIDA PASTORAL – ASSINATURAS
Cx. Postal 2534
01060-970 – São Paulo – SP
assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789 – 4000 fax: (11) 3789-4004.

CONVERSÃO DE NÍNIVE, PERDÃO DIVINO E CONVERSÃO DE JONAS: Uma leitura de Jonas 3-4

Ir. Enilda de Paula Pedro, rbp*
Maria Antônia Marques**

Neste ano de 2010, na quarta-feira de Cinzas, a passagem do evangelho dizia o seguinte: “Não saiba tua mão esquerda o que fez tua mão direita” (Mt 6,3). O presidente da celebração aproveitou para dar um exemplo concreto, relatando o que havia acontecido com ele naquela semana.

Uma senhora, atuante na comunidade, pediu-lhe o seguinte: “Padre, estou completando 30 anos de casamento. Já paguei para colocar tapetes na igreja e enfeitá-la com muitas flores. Quero a igreja linda, mas só para mim...”. Ela ainda falava quando entraram duas senhoras muito simples e se dirigiram ao padre. Uma disse: “Faço 60 anos de casamento e quero mandar celebrar uma missa”. A outra continuou: “Eu também, padre. Meu marido e eu completamos 20 anos de casamento. Queremos comemorar com a eucaristia aqui nesta igreja, pois foi aqui que casamos”.

O padre retrucou: “Tudo bem. Faremos uma linda celebração, comemorando três casamentos! Que maravilha!” A primeira senhora se exaltou: “Maravilha, não, senhor. Eu paguei para arrumar a igreja e quero uma celebração para mim. Depois elas podem entrar com os maridos e aproveitar os enfeites”. O padre insistiu: “Mas a eucaristia é comumhão. Nós faremos tudo junto e Deus abençoará a todos e a todas”.

“Padre, não venha com gracinha para o meu lado. O senhor sabe quem sou eu? Sou membro desta comunidade antes de o senhor ser padre. Sou ministra da eucaristia, ajudo a arrumar a igreja aqui desde que ela começou. Na construção desta igreja, eu dei o material para erguer todas estas colunas. Os altares de todos os san-

tos fui eu quem doou... Eu tenho direito a uma missa especial.”

“Minha irmã, pode levar as colunas, os altares... Deus, a fraternidade, a partilha são mais do que tudo isso...”

A dita senhora saiu da igreja esbravejando e não voltou até hoje...

Essa imagem, essa autossuficiência que faz as pessoas se sentirem melhores do que as outras – como as privilegiadas, as abençoadas e as escolhidas por Deus –, vêm de longe. Na Bíblia, muitos textos refletem esse jeito de se comportar e de ver Deus.

1. Situando-nos na história

No exílio, surgiu a noção de que o povo de Israel era o povo eleito. Essa concepção foi importante para garantir a coesão e a identidade do povo. No entanto, a ideia de povo eleito incluía a noção de superioridade e privilégios. No pós-exílio, essa maneira de pensar levou o povo de Israel ao exclusivismo e à separação de grupos divergentes e de estrangeiros. Riqueza, descendência e vida longa eram consideradas como bênçãos de Deus para a pessoa que observava a Lei, adorando somente o Deus de Israel. As leis da pureza determinavam quem estava mais

* religiosa do Bom Pastor, assessora do Centro Bíblico Verbo, mestra em Teologia Dogmática, com ênfase em Bíblia. Trabalha na Pastoral Bíblica e na Pastoral da terra. E-mail: eppedro@uol.com.br;

** Assessora do Centro Bíblico Verbo, ministra cursos de Bíblia em diversas comunidades; professora de Bíblia nas seguintes faculdades: Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, na Dehoniana, em Taubaté, e na Faculdade Católica de São José dos Campos. E-mail: ma-antonia@uol.com.br

próximo de Deus e quem estava mais distante. As pessoas ligadas ao Templo acreditavam que a misericórdia de Javé era apenas para o povo de Israel.

O livro de Jonas nasceu em resposta a esses conflitos, reafirmados pela oficialização da teologia racial e nacionalista em Jerusalém no pós-exílio. Essa teologia surgiu entre os judeus exilados, provavelmente entre grupos sacerdotais, para enfrentar a escravidão, manter sua identidade e dignidade no exílio da Babilônia. A elite judaica estendeu a todos os exilados a lei do sábado, da pureza e da circuncisão. Israel foi apresentado como povo eleito por Deus que devia ser santo e puro, afastando-se dos costumes dos estrangeiros opressores. Nesse período, desenvolveu-se o monoteísmo, ou seja, a afirmação de que as divindades dos opressores não são deuses e só o Deus dos escravos em luta contra a escravidão – neste caso, Javé – é o Deus verdadeiro.

A partir de 538 a.C., porém, determinados grupos de judeus voltaram para Jerusalém com o apoio do império persa e com genealogia que os apresentava como legítimos e puros descendentes de Abraão. Assim, eles reivindicaram seus latifúndios de volta, e as concepções nascidas no exílio foram usadas para legitimar a concentração do poder em suas mãos. Além de tudo, acusaram as lideranças que haviam ficado na terra de se terem tornado impuras, bem como os pobres e os estrangeiros, e as discriminaram.

O que foi libertador no exílio agora estava sendo usado para excluir os estrangeiros, marginalizar e oprimir os pobres e os doentes que viviam em Israel. Esse conflito se acirrou quando o contato de Israel com outros povos aumentou, seja na diáspora, seja no avanço do comércio internacional. Nesse contexto, os grupos mais abertos, contrários a essa visão nacionalista, elaboraram o livro de Jonas.

Em síntese, os judeus nacionalistas se sentiam o povo eleito e por isso não se converteram. No texto sobre Jonas, os estrangeiros são identificados com os ninivitas, e esse povo se converte. E quem são os ninivitas?

2. Conhecendo a cidade de Nínive

“Nínive era uma cidade muito grande, de três dias de marcha” (Jn 3,3b); era uma das quatro maiores cidades da Assíria, ao lado de Assur, Calah e Arbela. Uma cidade que tinha como

No mês da Padroeira do Brasil, a PAULUS presta-lhe homenagem com novos subsídios.

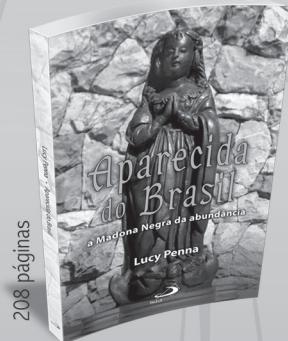


Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Cantar a Liturgia

Frei José Luiz Prim, ofm

As melodias presentes neste CD são uma forte e bela homenagem à Virgem Santíssima, fonte de fé e devoção para milhares de pessoas em todo o Brasil. O CD também permite ao fiel cantar as partes fixas da missa, valorizando ainda mais a Eucaristia.

Imagens meramente ilustrativas.



Aparecida do Brasil A Madona Negra da abundância

Lucy Penna

Este livro inovador parte em busca de compreensão lúcida do fenômeno “Aparecida”, impulsionado pelo desafio de encontrar o “para que” dessa poderosa presença espiritual.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



protetora Ishtar, a deusa do amor e da guerra. Por sua importância comercial e geográfica, Nínive foi transformada em uma das capitais do império no reinado de Sargão II (721-705 a.C.) e, no tempo de Senaquerib (704-681 a.C.), se tornou a única capital do império assírio. Nesse período, o rei fortificou a cidade, estabeleceu um novo palácio e fez grandes construções. Seus sucessores também construíram outros palácios e templos. Nínive media em torno de 4,5 km de largura por 5,5 km de extensão. Afirmar serem necessários três dias para atravessá-la é um exagero do autor do livro de Jonas, para reforçar a sua importância (Jn 1,2; 3,2; 4,11).

Os assírios se tornaram famosos por sua crueldade. De acordo com os registros da história, eles empalavam e queimavam vivos os povos dominados. A profecia de Naum chama Nínive de a “cidade sanguinária, toda cheia de mentira, repleta de despojos, onde não cessa a rapina” (Na 3,1). Para atingir seus objetivos, os assírios usavam meios violentos e inescrupulosos. Nínive se tornou símbolo da maldade dos imperadores que dominaram o Antigo Oriente, dos oficiais e de todo o exército que agiam de maneira brutal (Na 3,2-4).

Por diversas vezes, o povo de Israel experimentou a opressão da Assíria. De acordo com 2Rs 15,19-20, Teglat Falasar III invadiu Israel e Manaém teve de pagar enorme tributo para consolidar seu poder. Mais tarde, por volta de 732 a.C., grande parte do território do Norte foi tomada e parte da população deportada. Em 722 a.C., a Samaria foi invadida e transformada numa província assíria, a elite foi deportada e substituída por uma estrangeira (2Rs 17,24). O reino do Sul, Judá, passou a pagar tributo à Assíria em 732 a.C. Em 701 a.C., Senaquerib, rei assírio, invadiu o reino do Sul e apoderou-se de 36 cidades-fortalezas (cf. 2Rs 18-20). O povo de Israel, tanto do Norte quanto do Sul, experimentou na própria pele a violência do império assírio.

Quando o livro de Jonas foi escrito, Nínive já não existia havia mais de dois séculos, mas permanecia como símbolo de cidade má e opressora. A cidade podia ser identificada com qualquer centro estrangeiro da época. No livro de Jonas, Nínive é salva, mas no livro de Tobias, escrito um pouco antes, ela é destruída. Afinal, qual é o objetivo do autor do livro de Jonas ao mostrar a

compaixão de Javé por um dos grandes inimigo de Israel? Qual a grande cidade da época do livro? Trata-se de Susa, principal centro administrativo do império persa (Ne 1,1; Est 1,2), ou o livro de Jonas quer fazer referência aos vários povos estrangeiros que moravam em Judá? E hoje, que desafios enfrentamos na grande cidade? Quais são os maiores inimigos de nosso povo? Aceitamos que a compaixão e a misericórdia de Deus também sejam para eles?

Vamos procurar respostas lendo e aprofundando os capítulos 3 e 4 do livro de Jonas.

3. Conversão de Nínive e o perdão divino

Temos novo recomeço da história de Jonas no capítulo 3. Mais uma vez, usando as mesmas palavras do capítulo 1, Jonas é convocado para a missão: “Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia-lhe a palavra que eu te disser” (Jn 3,2). Esse versículo não revela o conteúdo do anúncio, mas o capítulo 1,1 informa tratar-se de um julgamento. Como da primeira vez, Jonas levantou-se (Jn 3,3; cf. 1,3), mas agora não opôs obstáculos à sua missão. Ele agiu conforme a palavra de Javé: foi a Nínive.

Apesar da fuga de Jonas, não há uma palavra de ofensa ou recriminação. Javé o chama e insiste em sua missão. Ele é persistente e paciente com Jonas, assim como é com cada pessoa.

Imediatamente depois do chamado e da resposta de Jonas, a cena muda para Nínive. O autor não diz nada sobre a viagem de Jonas até lá, nem mesmo sobre as circunstâncias anteriores à viagem. O que importa é a informação sobre a missão de Jonas: bastou um dia de anúncio. Uma pregação brevíssima – apenas cinco palavras –, mas com êxito total.

Jn 3,4-10 relata a resposta de Jonas a Javé. Ele anuncia e os ninivitas se arrependerem – desde o rei até os animais –, e ocorre também o arrependimento de Javé: “E Deus viu suas obras, que eles se converteram de seu caminho perverso, e Deus arrependeu-se do mal que ameaçara fazer-lhes e não o fez” (3,10). O texto apresenta um Deus muito humano, que se arrepende e se converte. Muda de posição.

Esta parte emprega um termo hebraico genérico para se referir a Deus. O termo *Eloim* é usado quatro vezes (Jn 3,5.8.9.10), enquanto Javé, o nome do Deus de Israel, não aparece. No

capítulo 1,16, os marinheiros fazem sacrifício a Javé, ao passo que os ninivitas – habitantes e rei – pedem ajuda a *Eloim*. Os marinheiros ficaram conhecendo o Deus de Jonas, mas o mesmo não se deu com os habitantes de Nínive. Jonas não menciona o nome de Javé em seu anúncio. É possível que, tanto para o narrador como para a audiência, segundo uma visão monoteísta, os termos Javé e *Eloim* tenham o mesmo sentido.

Ao chegar à cidade, parece que Jonas não cumpre nenhum protocolo. Quer realizar quanto antes sua missão e “dar o fora”. De maneira direta, diz: “Ainda quarenta dias, e Nínive será destruída” (Jn 3,4). Conforme o “ritual” da visita, Jonas poderia continuar pregando no segundo e no terceiro dia, mas não foi necessário: “Os homens de Nínive creram em Deus” (3,5a). Acreditaram e agiram. A palavra chegou até o rei (Jn 3,6). A resposta dos ninivitas à mensagem de Deus foi imediata, antes mesmo de o pregador cumprir sua missão.

A ameaça de Deus é anunciada. Os habitantes da cidade se propõem fazer 40 dias de jejum e o estendem aos animais. Quarenta é um número muito significativo em Israel. Recorda o dilúvio, o tempo que o povo de Deus passou no deserto, o tempo do exílio da Babilônia (Ez 29,11-16). Os ninivitas compreendem o anúncio, mas têm confiança no perdão de Deus, conforme anunciado na tradição de Jeremias: “Ora, eu falo sobre uma nação ou contra um reino para arrancar, para arrasar, para destruir, mas, se esta nação contra a qual eu falei se converte de sua perversidade, então eu me arrependo do mal que jurara fazê-lhe” (Jr 18,7-8). Os habitantes de Nínive agem rapidamente: declararam um jejum, em seguida o rei também decreta um jejum extensivo aos animais grandes e pequenos. A crença de que o julgamento de Deus atinge os seres humanos e os animais é familiar a Jeremias: “Eis que minha ira ardente se derramará sobre este lugar, sobre os homens, sobre os animais, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da terra” (Jr 7,20; cf. 21,6; 27,5).

A prática do jejum é antigo costume em Israel e está ligada a um rito de penitência e expiação. A sua prática pode ser individual ou comunitária (Sl 35,13; 69,11). São vários os objetivos do jejum: pode ser uma preparação para o encontro com a divindade (Ex 34,28; Dt 9,9); para cho-

rar a morte de alguém (1Sm 31,13); para obter a cura de uma pessoa doente (2Sm 12,16-23); para conseguir o perdão de Deus (1Rs 21,27); ou ainda para livrar o povo ou a nação dos perigos (Jz 20,26; 1Sm 7,6).

O jejum e o arrependimento não são garantias do perdão de Deus para os assírios. A ação de Deus é livre: “Quem sabe? Talvez Deus volte atrás, arrependa-se e revogue o ardor de sua ira, de modo que não pereçamos” (Jn 3,9). No livro do profeta Joel, há uma passagem semelhante a esse texto de Jonas. Ela afirma que um arrependimento verdadeiro por parte do povo pode mover o coração de Deus: “Rasgai os vossos corações e não as vossas roupas, retornai a Javé, vosso Deus, porque ele é bondoso e misericordioso, lento para a ira e cheio de amor e se compadece da desgraça. Quem sabe? Talvez ele volte atrás, se arrependa e deixe atrás de si uma bênção, oblação e libação para Javé, vosso Deus” (Jl 2,13-14; cf. Am 5,15).

O perdão de Deus não está garantido para os gentios. Mas “Deus viu suas obras”. O ver de Deus manifesta sua sensibilidade e tem consequências práticas: “Iahweh disse: ‘Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa de seus opressores, pois conheço suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios’” (Ex 3,7-8a). Em Jn 3,10, a conversão dos ninivitas também move o coração de Deus. A resposta divina aos feitos humanos é o arrependimento, diferente de conversão. Os ninivitas não se voltam para Deus, mas se convertem do caminho perverso e da violência de suas mãos (cf. Jn 3,8.10). E aqui cabe a pergunta para nós hoje: de que precisamos nos converter?

A conversão dos ninivitas é simbólica. Nenhuma cidade estrangeira vivenciou uma conversão total, muito menos a capital da Assíria e seu rei. Talvez, por isso mesmo, o rei não tenha nome. O fato de ele levantar-se do trono e sentar-se na cinza é lendário, assim como o sucesso do anúncio de Jonas. O relato de Jonas tem a intenção de provocar a conversão na cabeça de seus ouvintes. É um chamado para os israelitas aceitarem que seu Deus é Deus de todas as nações e não fecharão o diálogo com as cidades estrangeiras do final do império persa, que poderão se converter de sua maldade e violência. A misericórdia de Deus é para todas as nações.

O “talvez” na boca dos marinheiros e no decreto do rei de Nínive demonstra respeito à liberdade de Deus. Diante das catástrofes provocadas pelos desastres naturais e das situações de violência e injustiça, sempre volta o grito: onde está Deus? Esquecemos que a causa está na ambição do ser humano e em sua maneira egoísta de agir.

É preciso conversão, sim, do “caminho perverso” da ambição, da busca desenfreada pelo lucro. Assim, poderemos viver num mundo justo; e, onde há justiça, Deus se faz presente.

No livro de Jonas, lemos que a conversão dos ninivitas e a misericórdia de Deus provocam a ira de Jonas. Vamos aprofundar o capítulo 4, que trata diretamente dessa questão.

4. A misericórdia de Javé provoca a ira de Jonas

A conversão dos habitantes de Nínive faz Javé rever sua posição e se decidir a não destruir a cidade. Por isso, Jonas sente grande desgosto e fica irado. Com ira, ele reza a seu Deus. Sua oração é um confronto direto com Javé: “Por isso, fui apressadamente para Társis, pois eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para a ira e rico em amor, e que se arrepende do mal” (Jn 4,2). Assim, ficamos sabendo por que Jonas foge. Sendo inteligente, ele comprehende que a misericórdia do Deus de Israel se estende a todos os povos. Saber ele sabe, mas não aceita e permanece insensível à dor dos que o cercam.

A raiva de Jonas impede sua reflexão. Para ele, a atitude salvadora de Javé com relação a Nínive é inaceitável. Mas o que representa essa cidade para os judeus de Jerusalém? Ela é símbolo do pior inimigo de Israel. Como anunciar a palavra de Deus a um povo inimigo? É duro demais para Jonas aceitar essa missão, por isso ele resiste. Ele cumpre a missão contra a vontade. Não quer que esse povo se converta. Afinal, Jonas não tem nenhum interesse em conviver com eles.

Ele está tão desgostoso, que chama pela morte: “Iahweh, toma, eu te peço, a minha vida, pois é melhor para mim a morte do que a vida” (Jn 4,3). Javé responde à oração de Jonas com uma pergunta: “Tens, por acaso, motivo para te irar?” (Jn 4,4). A resposta de Javé não diz uma palavra sobre o conteúdo da oração de Jonas, não faz

referência à sua fuga e não responde a seu desejo de morrer. A pergunta é sobre o comportamento de Jonas no momento presente. Uma pergunta que continua sem resposta. Parece dirigida a Jonas e a cada leitora e leitor.

Em seguida, o narrador descreve a saída de Jonas da cidade. Este não diz uma palavra sequer. Rompe o diálogo com Deus. O texto afirma que ele “instalou-se a leste da cidade”. O mesmo lugar para onde ele tentou fugir inicialmente, mas sem sucesso. Será que é pura coincidência ou tem algum propósito? Em seguida, “construiu uma tenda e assentou-se à sua sombra para ver o que aconteceria na cidade” (4,5). Jonas quer ver de longe a desgraça que, em sua imaginação, cairia sobre Nínive... Como diz o povo: “A alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo!”

Para sua decepção, nada acontece! Será que o afastamento de Deus também provoca o afastamento das pessoas? Deus, que salvou os habitantes de Nínive, agora volta a atenção unicamente para Jonas. Mas a bondade, a gratuidade, a misericórdia de Deus incomodam esse homem.

A boca de Jonas professa a fé em Javé misericordioso, mas sua vida nega essa imagem de Deus. Jonas quer morrer. Deus questiona se ele tem motivo para tanto. O texto passa a descrever coisas inéditas: do dia para a noite, Deus faz crescer uma mamoneira. Jonas se alegra.

Essa planta tem duplo objetivo: dar sombra à sua cabeça e libertá-lo de seu mal. De que mal Jonas precisa ser libertado? De sua mentalidade reduzida de que o povo de Israel é o único povo de Deus e por isso mesmo tem privilégios. Deus quer libertar Jonas também de sua insensibilidade para com outros tipos de pessoas, com diferentes maneiras de ver, de agir e de viver sua fé, sua religiosidade.

Da noite para o dia, surge um verme que destrói a mamoneira. Vem um vento forte que, com o calor do sol, faz Jonas desfalecer. Jonas se entristece e, novamente, pede a morte (Jn 4,6-8). Deus, mais uma vez, questiona-o: “Está certo que te aborreças por causa da mamoneira?” Jonas é tão teimoso, que confirma: “Está certo que eu me aborreça até a morte” (Jn 4,9). A criatura humana e a natureza são atingidas: a planta secou e Jonas desmaiou. Afinal, o que Deus quer com esses gestos?

Deus fala pela última vez: “Tu tens pena da mamoneira que não te custou trabalho, e eu não terei pena de Nínive, onde 120 mil seres humanos e tantos animais não sabem distinguir entre a direita e a esquerda?” (4,10-11). Não foi fácil para Jonas aceitar a gratuidade de Deus. Muitas vezes também não o é para nós.

O sentimento de Jonas pela planta é usado para explicar o sentimento de Javé. De acordo com a antiga mentalidade oriental e israelita, as plantas não eram consideradas seres vivos. Assim, o texto mostra a diferença: Jonas tem pena de uma planta, que era comparada a um objeto, e Javé não pode ter pena de uma cidade inteira e dos animais? A pergunta fica sem resposta. O final aberto do último versículo é um convite para a leitora e o leitor continuarem a refletir e se posicionar.

A teologia do texto está baseada no amor gratuito de Deus. O ser humano é salvo por graça de Javé. Não sabemos se Jonas aceitou essa compreensão de Deus. Pelo jeito, não. No capítulo 3,10, há uma teologia diferente: são os atos humanos – as obras dos ninivitas – que movem o coração de Deus. Já no capítulo 4, o pano de fundo é a ira de Jonas (4,1.4.9), mas não existe condenação desse sentimento, trata-se de um ato humano. De acordo com sua crença, Jonas proclama a misericórdia de Javé, mas sua vida e sua prática negam. Há uma contradição entre a teoria e a prática.

O livro de Jonas termina com um final aberto. Afinal, Jonas se converte? Não sabemos...

Pois bem, vendo no espelho Deus-Jonas, Jonas-Deus, contemplando o relacionamento de ambos com os outros, com a natureza, que apelo fica para nós, nos dias de hoje?

5. Continuando a pensar

Jonas representa os teocratas, os nacionalistas que não queriam a conversão dos estrangeiros, pois não se dispunham a conviver com eles. Conheciam a misericórdia de Deus, mas não a aceitavam na prática. Eles não queriam se converter a essa maneira de agir de Deus.

Converter-se é mudar o rumo de nossa vida de acordo com o projeto de Deus. Isso supõe abertura, disponibilidade, sensibilidade diante das diferentes culturas, diante das diferentes maneiras de ser, de viver, de agir. Ninguém é

dono da verdade. “Todo ponto de vista é a vista de um ponto” (Leonardo Boff).

Deus é gratuidade, misericórdia. Jonas sabe disso, mas fica irado com Deus e chega a dizer: “Eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para a ira e rico em amor e que se arrepende do mal” (4,2). Essa bondade de Deus o incomoda, e ele pede a morte!

E eu, me alegro ou me entristeço com a alegria, com a vitória, com a vida do outro e da comunidade?

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- CARDOSO PEREIRA, Nancy. Lições de cartografia: pequena introdução ao livro de Jonas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 35-36, p. 199-205, 2000.
- KILPP, Nelson. Jonas. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2008.
- MAGONET, Jonathan. Book of Jonah. In: FREEDMAN, David Noel (org.). *The anchor Bible dictionary*. New York: Doubleday, 1992. p. 936-942. v. 3.
- TRIBBLE, Phyllis. The book of Jonah. In: KECK, Leander E. (org.). *The new interpreter's Bible*. Nashville: Abingdon, 1996. p. 463-529.

LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

A forma de oração cultivada e aprovada pela longa tradição da Igreja em formato que permite mais fácil acesso e manuseio para todo o povo cristão, de maneira a difundir e recuperar essa prática milenar. Os fascículos mensais trazem os dois principais momentos de oração diárias: as Laudes (oração da manhã) e as Vésperas (oração da tarde).

Assinaturas: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Frei Jacir de Freitas Farias, ofm*

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM (5 de setembro)

NOS CAMINHOS DO REINO,
ENCONTRARÁS SABEDORIA E CRUZ,
MAS LEMBRA: SOFRIMENTO
NÃO SALVA!

I. INTRODUÇÃO GERAL

“Quem não carrega a sua cruz e não vem após mim, não pode ser o meu discípulo” (Lc 14, 27). Essa emblemática frase dita por Jesus, conservada pela comunidade lucana, nos coloca na condição do seguimento, do caminho. Caminho, em hebraico *derek*, é o que nos lembra o texto das bem-aventuranças (Mt 5,1-12 e Lc 6,20-23). Ser um bem-aventurado é pôr-se *em marcha*, *estar a caminho*. É como se Jesus dissesse: “Em marcha os que têm sede e fome de justiça – continuem nessa luta, nesse caminho, porque vocês serão saciados” (Mt 5,6). Quem está *em marcha* é um *bem-aventurado*, pois está a caminho. E o caminho é dinâmico e exige estar de pé, disposto a não parar nunca. O bem-aventurado é aquele que caminha em Deus.

As leituras de hoje nos colocam, inevitavelmente, nesse caminho do seguimento de Jesus, o qual exige: sabedoria, amor ao excluído, reflexão e cruz. O que significa para nós seguir Jesus, tendo a cruz como caminho? O sofrimento salva? Como ser sábio no seguimento de Jesus? Eis algumas questões para a homilia deste domingo.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 9,13-19): o caminho da sabedoria

A primeira leitura deve ser compreendida a partir dos capítulos anteriores e, sobretudo, de Sb 9,1-12, a oração do rei Salomão, na qual ele pede sabedoria para governar Israel. O seu contexto é a comunidade judaica radicada em Alexandria, no Egito. Salomão descreve a sua vida, igual à de todos os mortais, desde o nascimento, mas diferente, porque ele pediu a Deus e dele recebeu, como dom, a sabedoria. Sabedor de que a sabedoria é divina, ele diz que a prefere aos cetros e tronos, considerados bens terrenos preciosos. “Amei-a mais que a saúde e a beleza e me propus tê-la como luz” (Sb 7,10), afirma Salomão. E ele ainda acrescenta que todos os seus bens materiais – uma riqueza incalculável, provêm da sabedoria (7,11).

Para o povo da Bíblia, a sabedoria vem de Deus. Ela se personifica, torna-se visível, na Torá, na Palavra de Deus. Os judeus cristãos

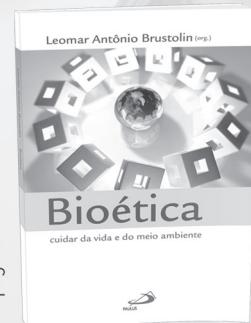
* Padre franciscano, escritor, mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, especialista em evangelhos apócrifos, professor de exegese bíblica no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, em Belo Horizonte e em cursos de Teologia para leigos. Autor de uma centena de artigos. Autor e coautor de treze livros, sendo o último: *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – Poder e heresias!* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Diretor-Geral e Pedagógico dos Colégios Santo Antônio e Frei Orlando, ambos em Belo Horizonte.
www.bibliaeapocrifos.com.br
E-mail: bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br

dirão, mais tarde, que Jesus é a Sabedoria de Deus (1Cor 1,24). Viver a Palavra de Deus em profundidade é ser sábio. Salomão incorporou a sabedoria no seu reino. Instituiu homens como sábios para recolher a sabedoria popular. A sua sabedoria foi notória entre todos os reinos da época. Verdade ou não, essa corrente de pensamento bíblico celebrizou Salomão como o grande sábio de Israel. Por isso, ele nem precisava perguntar a Deus o que deveria fazer para se salvar, pois sabia o caminho e o ensinava a todos.

A terceira parte da oração de Salomão, que constitui a nossa primeira leitura de hoje, constata que ao ser humano não compete conhecer o designio de Deus. Como criaturas, somos limitados. Temos um corpo corruptível que pesa sobre a alma. O corpo é uma tenda de argila que opõe a mente. Em outras palavras: o corpo impede o caminho da alma para o espiritual, o imortal e o celestial. Outros textos do Primeiro e do Segundo Testamentos – usamos as terminologias Primeiro e Segundo Testamentos, antes da Era Comum (a.E.C.) e Era Comum (E.C.) por razões ecumênicas com os judeus, que tratam dessas três questões – são: Rm 7,23; Gl 7,17; Is 38,22; Jó 4,19; 2Cor 4,7; 5,1.4; 2Pd 1,13; 1Pd 1,13. Também a filosofia da época, Platão, Cícero, Sêneca e Horácio, tem afinidade com esse texto do livro da Sabedoria.

Qual é, então, a diferença do pensamento judeu, expresso no livro da Sabedoria, para essas filosofias? A resposta é: para o autor de Sabedoria, alma e corpo são sinônimos de uma mesma realidade. Elas não têm dois caminhos diversos e uma não é prisão da outra. E o que é mais evidente: os caminhos de Deus somente podem ser conhecidos com o dom da sabedoria dada ao ser humano e vinda dos céus como santo espírito (17). Aqui está a essência da oração de Salomão. A salvação do ser humano do Primeiro Testamento consiste em proteção divina diante dos perigos naturais e iminentes. Um caminho perfeito no seguimento da Torá (Lei/conduita) só será possível com o dom da sabedoria, que Deus envia do céu pelo seu espírito (v. 17). Salomão sabia disso. Será que os nossos governantes modernos têm consciência desse fato? Estamos próximos ao período eleitoral. Entre nossos políticos, encontramos pessoas sárias para nos governar?

Leituras atuais voltadas para a ética e o comprometimento com o meio ambiente.



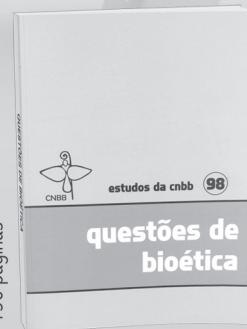
176 páginas

Bioética

Cuidar da vida e do meio ambiente

Leomar Antônio Brustolin (org.)

Este livro, resultado de uma visão multidisciplinar, pretende estimular a ética do cuidado para as pessoas, a sociedade e o ambiente. Os artigos que compõem a obra convidam o leitor a refletir sobre o advento das tecnologias, como a nanotecnologia e as pesquisas com células-tronco.



136 páginas

Questões de Bioética

Estudos da CNBB nº 98

CNBB

Nos últimos anos, o desenvolvimento das novas biotecnologias fizeram com que estudiosos católicos de diversas áreas se reunissem para abordar, a partir de um diálogo franco com a ciência, a problemática emergente. Este estudo estimula debates e reflexões no âmbito da Bioética.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



Em relação aos judeus de Alexandria, o livro da Sabedoria aponta o caminho a partir da oração de Salomão, da qual eles haviam se apropriado, para resistir com fé diante do mundão pagão das filosofias gregas. Os cristãos, mais tarde, irão questionar e rejeitar a filosofia grega – Tertuliano dirá: “O que tem Atenas a ver com Jerusalém?”, mas acabarão assimilando seus valores no cristianismo.

2. Evangelho (Lc 14,25-33): condições para seguir o Mestre Jesus

Só quem se coloca na dinâmica do mestre, daquele que ensina, é que pode manter-se no caminho. O caminho se faz caminhando, dizem os poetas. O caminho é sempre uma marcha que não para nunca.

O evangelho de hoje faz parte da famosa viagem lucana de Jesus rumo a Jerusalém (9,51-19,27). Jerusalém é a meta final do Salvador, pois ali ele iria realizar plenamente, com sua morte e ressurreição, a sua missão salvífica. A lógica do caminho de Jesus soa um tanto absurda: é preciso odiar pai, mãe, esposa, filhos, irmãos, irmãs e a própria vida; carregar a própria cruz; renunciar a tudo que possui. E, além de tudo isso, ele dá um sábio conselho: sentar-se e preparar a caminhada, calculando, ponderando despesas etc. Em outras palavras: refletir antes de começar.

Jesus se dirige às grandes multidões que o acompanham de forma proselitista. Todos, no entanto, teriam que fazer opção: rejeitar ou aderir à sua proposta. E é o que ocorre. Jesus busca adeptos, discípulos, para a sua proposta de Reino. Ser discípulo de Jesus é o mesmo que entrar no Reino de Deus. Seguindo a lógica do *Shemá Israel* – Ouve, ó Israel, que estabelece três condições para viver a fé judaica: amar com o coração, a alma (ser) e as posses (Dt 6,4-5), Jesus usa três vezes a expressão “ser meu discípulo” (vv. 26, 27 e 33). O odiar pai, mãe etc., por se tratar do sentimento, representa o coração; o carregar a cruz a ponto de martírio representa o ser; e o renunciar aos bens, as posses. O discípulo preparado é o que segue o *Shemá* (Jacir de Freitas Faria, A releitura da Torá em Jesus. RIBLA, 40. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 18).

Renunciar a tudo e carregar a própria cruz (vv. 25-26). Essa é a primeira condição do

novo discípulo. As comunidades de Mateus e de Marcos também haviam se lembrado desses ensinamentos de Jesus (Mt 10,37; 19,29; Mc 8,34), mas a de Lucas foi mais radical. Ela acrescentou deixar mulher, renunciar a própria vida e odiar. O verbo odiar jamais poderá ser entendido como rejeição aos pais, mulher e filhos. Um judeu nunca ensinaria ódio aos familiares, base de sua vida e de sua fé. Ódio aqui significa ter quer demonstrar mais dedicação a um, em detrimento do outro. O discípulo terá que fazer opção no seguimento, ser desapegado de tudo, por causa de Jesus. A comunidade de Mateus explicou isso muito bem, quando usou o comparativo “amar mais” (Mt 10,37). Nessa mesma linha de pensamento está o carregar a própria cruz, que pode significar martírio e os sofrimentos advindos da cruz, a cruz pesada da vida. Até nisso, o discípulo tem que ter clareza no seguimento.

Planejar a caminhada. Tenho condições de ser discípulo? (vv. 28-32). As duas parábolas que seguem, a da torre e a do rei, querem dizer a mesma coisa: é preciso ter um planejamento, antes de iniciar a caminhada. Quem começar a construção de uma torre sem condições de terminá-la será motivo de chacota para os seus vizinhos. O mesmo ocorre com rei que não tem forças para enfrentar o inimigo, melhor seria negociar a paz.

O objetivo deve ser calculado conforme as nossas possibilidades. Se quero ser discípulo, devo ter consciência das minhas limitações. Para Jesus, quem não tivesse o martírio como possibilidade de consequência da opção pelo Reino não seria capaz de segui-lo. E Jesus diz isso para uma multidão. E termina enfaticamente: “quem não renunciar a tudo o que possui não pode ser o meu discípulo” (v. 33).

3. II leitura (Fm 9b-10.12-17): Paulo, o discípulo perfeito, prega a compaixão

O escravo Onésimo, que em grego significa *útil*, é o centro da ação de benevolência que Paulo solicita ao amigo Filêmon, um convertido por Paulo, na prisão de Éfeso, dono desse escravo fugitivo. Paulo se apresenta como um velho e prisioneiro, que pede e não manda, como poderia fazê-lo (vv. 8-9). Paulo é aqui o sábio seguidor de Jesus. A sua caminhada,

desde a conversão, muito lhe ensinou. Agora, prisioneiro de Cristo, ele implora compaixão pelo escravo Onésimo, que deveria, segundo as leis, ser ferrado na testa, lançado às feras ou crucificado. Paulo pede que esse escravo, seu filho na fé e gerado por ele para Deus, fosse tratado como irmão no Senhor. Paulo diz a Filêmon que o escravo deve ser recebido como ele mesmo, rompendo, em Cristo, as barreiras entre escravos e livres. Com esse gesto, Paulo colocou em prática o ensinamento do seguimento de Jesus. Ele deixou tudo, estava prisioneiro da cruz de Cristo, e dava mostras de um novo tempo para os seguidores do Mestre.

Onésimo é útil para a demonstração de fé do amigo Filêmon. Ele perde um escravo, mas ganha um irmão. Onésimo é útil, a escravidão é inútil. Onésimo é útil para nos indicar um caminho de fé sem diferenças sociais, conforme nos testemunhou o apóstolo Paulo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A interpretação dos textos acima levou muitas comunidades de fé a interpretar a cruz como os sofrimentos da vida: dificuldades financeiras, drogas na família, traições etc. Seria aconselhável distinguir o sentido real da cruz de Cristo, como consequência de sua vida e não como fatalidade, do sentido popular de carregar a cruz – sofrimento passivo, simplesmente porque Jesus morreu na cruz.

Deus não quer o sofrimento. O sofrimento não é caminho de salvação. Muitos cristãos assim agiram ao longo da história, numa tremenda acomodação e aceitação do seu sofrimento, sem reagir diante das dificuldades, causando miséria humana e social. O cristão é um ser humano sempre a caminho. Sofrimento não salva. O que salva é o seguimento.

Aqueles que detêm o poder, seja econômico ou político, fazem uso dessa premissa para manter ou acobertar as injustiças. Como atuamos para evidenciar esse fato, sobretudo em relação àqueles que o fazem em nome da fé? Escravidão não é sinônimo de cidadania.

A vida de cada um de nós é marcada sempre pelas opções que fazemos. Já dizia a poetisa Cecília Meireles: “ou isso ou aquilo”. Temos que optar sempre. E toda opção exige renúncia, planejamento e dedicação à missão escolhida. Deus

nos chama e nos oferece o dom da sabedoria. “*E feliz de quem a encontra. Ganhá-la vale mais do que a prata, e o seu lucro mais do que o ouro... Felizes são os que a retêm*” (Pr 3,13-18).

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM (12 de setembro)

A MISERICÓRDIA É ACOLHER O FRACO E O ARREPENDIDO

I. INTRODUÇÃO GERAL

As três leituras de hoje nos colocam diante do tema da misericórdia. Na primeira, Deus se arrepende da decisão de punir Israel; na segunda, Paulo diz a Timóteo que Cristo veio para salvar os pecadores, dos quais ele é o primeiro; já no evangelho, a parábola da ovelha perdida e a do filho pródigo demonstram o quanto Deus é misericordioso.

Moisés, Paulo e Cristo revelam a misericórdia de Deus. O pastor e o pai do filho pródigo são exemplos de amor misericordioso. A dona de casa é o exemplo da procura constante por algo que estava perdido, mas que é valioso, uma moeda.

O substantivo misericórdia tem sua origem em *miser*: sofrimento e *cordis*: coração, vindo a significar: coração sofredor ou trazer o coração a miséria, a pedido de perdão. Quem implora misericórdia é aquele que não tem nada mais a dizer a seu favor e pede que o outro o ajude.

Como viver a misericórdia em nossas vidas? Somos capazes de perdoar e de acolher o sofredor em nossa vida? Ou somos como o filho mais velho do evangelho que não comprehendeu que Deus tem amor preferencial pelos oprimidos e pecadores arrependidos?

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 32,7-11.13-14): Deus mesmo dá exemplo de misericórdia

A primeira leitura deve ser compreendida no contexto do capítulo 32 do livro do Êxodo. Ex 32,1-29 relata que, tendo Moisés permanecido muito tempo na montanha em companhia de Deus, o povo, então, consulta Aarão, pedindo-lhe uma representação de Deus que

pudesse guiá-los. Aarão permite, e eles constroem, com suas joias, o famoso bezerro de ouro, que poderia ser a representação de três coisas: o boi Ápis – deus egípcio; Baal – divindade cananeia responsável pela fecundidade; Javé – Deus libertador do Egito. Atualizando, podemos dizer que o bezerro representa o deus do dinheiro. Mesmo que não tenhamos clareza do que esse tal bezerro de ouro representasse, o que importa é que Deus pede a Moisés que desça e aja com vigor. Deus não suportava tal atitude de seu povo eleito. A reação de Moisés foi a de jogar as tábua da Lei no chão, quebrá-las, para significar que o contrato, a aliança entre Deus e o povo, tinha sido rompido, e de se opor aos seus irmãos idólatras.

O contexto histórico da primeira leitura é o reino do Sul, Judá, na época do rei Josias (622 a.E.C.), um sábio rei que fizera uma reforma religiosa a partir de uma cópia da lei, encontrada pelo sacerdote Helcias. O povo estava indo atrás de ídolos. Por isso, a identificação dos fatos com o Sinai é para demonstrar que, já desde tempos antigos, o povo era infiel. Nada havia mudado. O pacto de fidelidade, firmando a libertação do Egito, expresso no Decálogo (Dt 5,6-21) havia sido rompido. Caso eles continuassem nesse mesmo caminho de infidelidade, seriam destruídos como os irmãos do norte, fato que ocorrerá em 722 a.E.C., quando o dominador assírio invadiu o país e os levou prisioneiros.

O relato de Ex 32,7-11.13-14 nos desconcerta, quando mostra o lado humano de Deus. Ele fica muito chateado com o seu povo. A sua ira é tamanha que ele quer castigá-los severamente. O seu interlocutor é Moisés, com quem ele desabafa. Moisés lhe pede que abrande a sua ira, levando em consideração os patriarcas. Deus, então, muda de opinião e decide perdoar o povo, por causa do seu servo fiel, Moisés. Deus decide punir para corrigir o seu povo, mas acaba acreditando que ele vai mudar de atitude. Ele acredita. A destruição do povo estava nas mãos de Deus, a sua misericórdia fez com que eles tivessem uma segunda oportunidade. O Senhor Deus de Israel se revela cheio de piedade e ternura, lento para a ira e rico em amor. E um Deus que se arrepende do mal, conforme atesta o profeta Jonas, depois de uma longa trajetória de misericórdia (Jn 4,2).

2. Evangelho (Lc 15,1-32): três parábolas de misericórdia

O Evangelho de hoje dá continuidade ao tema da primeira leitura, a misericórdia, apresentada em três modos: uma ovelha e uma moeda se perdem, em contraste com o filho que busca a perdição. Na outra ponta da linha: um pastor, uma dona de casa e um pai. O número três era muito importante para o judeu, pois representava a garantia da observância da fé judaica do *shemá Israel*: amará a Deus com o coração, a alma e as posses (Dt 6,4-9). Esses seis elementos se entrelaçam para nos ensinar que misericórdia é sinônimo de arrependimento e acolhimento. O pastor, a dona de casa e o pai expressam seus sentimentos de ternura e compaixão, assim como o Deus da primeira leitura.

a. A ovelha perdida. Pinturas iconográficas não faltam para demonstrar a cena descrita nessa parábola: Jesus, o bom pastor, carregando nos ombros uma indefesa ovelha. Já no Primeiro Testamento, encontramos inúmeras referências a Deus como pastor, solicitando ao seu povo que busque sempre a ovelha desgarrada da casa de Israel (Sl 23, Ez 34,16; Mq 4,6-7; Jr 23,1-4). Assim, a comunidade de Lucas fez questão de relembrar o ensinamento da misericórdia feito por Jesus. O pastor não era uma figura muito bem-vista entre os judeus. Ele, por causa da profissão, era considerado impuro, pecador, impedido de seguir a Lei. Não por menos, no nascimento de Jesus, a figura dos pastores foi valorizada. Fariseus e doutores da Lei não gostavam de pastores. Eles os consideravam iguais aos ladrões e prostitutas. Nessa parábola, salta aos olhos a figura do pastor misericordioso, Deus, que vai ao encontro de uma única ovelha, a perdida. Ela vale tanto quanto as outras. Aqueles que estão sãos não precisam de remédio, mas os pecadores, que precisam de arrependimento (Lc 5,31b-32). Deus é o pastor que se alegra veementemente com o convertido.

b. A dracma perdida. Dracma era uma moeda grega. O seu valor era o de um dia de salário do trabalhador (Mt 20,2.9.13). Entre os romanos, usava-se a moeda denário. Essa primeira constatação já nos mostra que se tratava de uma mulher pagã. Como as casas eram pouco iluminadas, fazia-se uso de uma lamparina. Essa parábola, como a anterior, enfatiza a alegria do

encontro de algo de valor que estava perdido. O ensinamento é o mesmo.

c. O filho pródigo. A terceira parábola do evangelho deste domingo é o ápice da mensagem da misericórdia de Deus que não faz acepção de pessoas. É fácil entender a lógica do texto. Três personagens estão em cena: o pai, o filho mais velho e o mais novo. Pela lógica da sociedade daquela época, o filho mais velho, o primogênito, tinha o direito de posse da terra que era administrada pelo pai (Lc 25,23). O filho mais novo é chamado de pródigo, isto é, o gastador, o esbanjador. Esse filho rompe com o pai ao exigir-lhe que lhe desse a parte da herança que lhe cabia. Ele dá o grito de liberdade: quero ser eu e seguir o meu caminho. O fim da história é conhecido: ele, depois de se perder com festas e vida devassa, é obrigado a comer com os porcos, animais impuros para os judeus. O filho pródigo chegou ao ápice de sua condição indigna. Lembrou-se da vida tranquila que tinha com o pai e resolve, então, voltar para a casa paterna, com o propósito de pedir perdão, pois havia se arrependido amargamente pela atitude que tomara. O que o motiva a voltar, mais do que a saudade do bem-estar, é a figura, a imagem do pai que ele havia perdido. À sua volta, o pai faz uma grande festa, oferece até um banquete, calça-lhe sandálias para dizer que ele era um homem livre, e lhe dá um anel para demonstrar que a sua autoridade estava reconquistada.

O filho mais velho, na lógica do relato, não aceita aquela atitude. O que isso significa? O filho mais novo representa os deserdados, os impuros que Jesus acolhia no seu Reino, bem como o filho que quer independência na relação paterna. É o passarinho que criou asas e quer voar. O filho mais velho representa os fariseus e doutores da Lei, tidos como os certinhos, que também recusam os pobres e os ensinamentos de Jesus. A parábola não deixa claro qual a decisão que ele tomou: entrou na casa em festa ou afastou-se dela. O filho mais velho somos todos nós quando ficamos indiferentes e indecisos em relação à proposta do Reino, assim como os fariseus de ontem. O pai representa a misericórdia de Deus e a figura paterna que está dentro de cada um de nós. Ele é o interlocutor que deixa o filho fazer a sua experiência. Ele perdoa, porque sabe que o filho é um limitado.

Compreenda a Palavra de Deus com facilidade.

Coleção Como ler a Bíblia

Com mais de **60 títulos**, esta coleção traz, de maneira didática e acessível, as explicações sobre os livros que compõem tanto o Antigo quanto o Novo Testamento.



Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



3. II leitura (1Tm 1,12-17): Paulo agradece a Cristo a misericórdia para com ele

A comunidade de Éfeso, palco dessa leitura, estando sob a liderança de Timóteo, estava dividida em meio a conflitos de poder. As lideranças, julgando-se irrepreensíveis e donas do saber, não usavam de misericórdia para com os membros da comunidade.

Escrevendo ao seu filho na fé, Timóteo, Paulo começa agradecendo a Cristo Jesus, nosso Senhor, por tê-lo considerado digno de segui-lo. Ele relembra a sua condição de perseguidor e blasfemo e mostra como Cristo usou de misericórdia para com ele. Paulo ainda afirma que a graça do Senhor Jesus operou nele, de modo que todos os que creem, como ele, possam encontrar o perdão. Paulo passa a ser o exemplo de cristão. Ele tem consciência disso. Ele é humilde em reconhecer a sua condição de pecador. Paulo, com isso, elabora a teologia da salvação em Jesus, que veio trazer a misericórdia e o perdão para os pecadores.

A Deus, para Paulo, só resta fazer um louvor, uma doxologia litúrgica: “Ao Rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (v. 17). Somente a Ele devemos esses louvores, mas não às lideranças e hierarquias que se julgavam sem erro e, portanto, sem a misericórdia e a graça divina.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Levar a comunidade a se perguntar pelas suas atitudes de misericórdia na comunidade e na família. Perdoar é esquecer, é recomeçar a vida. A tarefa do cristão é semear misericórdia, sem, contudo, fazer vistos grossos para com as injustiças. O perdoado também dever mudar de atitude, como fez Paulo. Vale aqui lembrar também o exemplo de Santo Agostinho e de sua mãe Mônica. Sentimo-nos como “filho mais velho” ou “filho mais novo”? “Ou somos como o pai”?

Perguntar pelos atos e obras de misericórdia social para com os pobres, de modo a resgatá-los de sua condição de miséria. As eleições se aproximam. Qual é a nossa resposta para solucionar os graves problemas sociais que assolam o nosso país? Qual é o perfil de nossas lideranças? Arrogantes como as lideranças de Éfeso?

Como temos trabalhado dentro de cada um de nós as dimensões de pastor e de pai? Pastor que cuida e, por isso, protege. Pai que educa e, por isso, deixa o filho partir para a vida educá-lo, mas que também acolhe o arrependido.

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM (19 de setembro)

SERVIR A DEUS OU AO DEUS DINHEIRO?
QUANDO A ECONOMIA NÃO GERA
A VIDA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Quem não se lembra do tema da Campanha da Fraternidade deste ano: Economia e vida? O seu lema: “não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” aparece em nosso evangelho de hoje, no versículo 13. Na primeira leitura, o profeta Amós age duramente com os ricos exploradores que compram o fraco com prata e o indigente por um par de sandálias (8,6). No evangelho, o cristão é chamado a ser discípulo, o que implica romper com todas as formas de uso dos bens que geram injustiças. Nada de ganância e usura. Nessa mesma linha de pensamento, a segunda leitura mostra a oração como forma de resistir à perseguição e à economia romana que tiram a vida. Refletimos, pois, sobre o alcance da economia que gera a vida e o serviço ao Deus da vida.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 8,4-7): a falsa medida dos ricos e o par de sandálias dos pobres

A primeira leitura é um oráculo de juízo, possivelmente dos discípulos de Amós, aquele camponês pobre do sul, de Judá, que lá pelo ano 760 a.E.C. assumiu a difícil missão de ser profeta no norte do país, Israel, no tempo do rei Jeroboão II. O país que havia vivido uma situação econômica favorável passa a ter nos seus líderes e comerciantes uma situação insuportável aos olhos de Deus: a exploração dos pobres. Para Amós, essa atitude decretava o fim do povo eleito. O desejo dos comerciantes era o lucro indevido, vendendo até o refugo dos cereais, violando a balança. Para eles, não importavam as festas religiosas,

lua nova e sábado, oportunidades em que todos podiam celebrar e descansar (1Sm 20,5; Is 1,13s; Os 2,13; Jr 17,21-27; Ne 13,15-22; Ex 35,3). Eles se perguntavam pelo fim da lua nova para vender o trigo. E o que é pior: “Quando vai passar o Sábado, para abrirmos o armazém, para diminuir as medidas, aumentar o peso e viciar a balança, para comprar os pobres por dinheiro, o necessitado por um par de sandálias, e vender o refugo do trigo?” (vv. 5-6).

O indigente é comprado por um par de sandálias. Esse crime de Israel já fora denunciado pelo profeta (Am 2,6). Até o ser humano é objeto de negócios ilícitos. Todo ser humano busca a sua sobrevivência. Na relação com as pessoas, ele adquire bens. Pessoas e bens estão entrelaçados. No entanto, o bem econômico não pode ser adquirido sob a condição de que o outro seja lesado em sua dignidade. A injustiça, desse modo, nasce do desejo e da prática que mantêm o outro na pobreza. A sandália é um objeto de primeira necessidade para o indigente. Há uma ganância e exploração despropositadas dos pobres (vv. 4 e 6). Ganância que leva os comerciantes a falsear a balança. Para Amós, o juízo divino será implacável com Israel. Deus não se esquecerá dessa atitude de seu povo.

O motivo de tamanha ira divina é o fato de a religião ser usada para justificar a opressão social e econômica de Israel, o povo eleito por Deus para ser sua testemunha de santificação no mundo. O povo aguardava ansioso o “dia do Senhor”. Muitos diziam que ele seria de bonança e de glória para Israel. O profeta Amós, ao contrário, afirmava que esse dia seria terrível, de destruição e exílio para os pretensos religiosos corruptos, seus compatriotas, que, fazendo injustiças contra os pobres, atingiam o próprio Deus, o defensor e pai dos pobres. Imagine se o povo estava gostando de tal proposta? Claro que não. Estamos, pois, diante de um juízo divino, que também aparece no evangelho, que veremos a seguir.

2. Evangelho (Lc 16,1-13): uma estranha parábola de um esperto administrador. Deus versus Dinheiro

Dando continuidade ao tema da economia da primeira leitura, estamos diante de uma parábola própria da comunidade de Lucas, a

do administrador infiel que, vendo que estava prestes a ser demitido por esbanjar os bens do patrão, resolve bancar o esperto, usando o dinheiro do próprio patrão para fazer amigos, que o ajudariam quando estivesse demitido, isto é, diminuindo o valor da dívida destes para com o seu patrão. A economia está no centro de sua ação. Ele sabe defender o seu lado, mesmo que de forma desonesta. Mas em que consiste a sua desonestade e o elogio de Jesus? Naquele tempo, a economia do empréstimo funcionava assim: o dono dos bens os confiava a um administrador, que tinha seu pagamento no valor aumentado na mercadoria. Essa prática era vista como normal e permitida. No caso da parábola, o administrador simplesmente se abdicou de seu salário para fazer amigos e preparar “a cama”, caso viesse a perder o emprego. Por outro lado, ele ensina a partilha, deixando de lucrar para servir aos pobres.

Assim, não mais soa estranho no texto o fato de o Senhor, no caso, Jesus, ter elogiado a má ação do administrador. Ele compara os filhos da luz com os do dinheiro, com os quais os primeiros devem aprender: usar da esperteza. E Jesus orienta seus seguidores a fazer uso do dinheiro injusto para fazer amigos, de modo que os amigos possam ajudá-los, quando as dificuldades vierem (v. 9). O ensinamento de Jesus se resume em dizer que todo dinheiro acumulado é fruto da injustiça, assim como é justiça roubar dos ricos para dar aos pobres. Seria um Robin Hood moderno, aquele herói inglês, um fora da lei que vivia na floresta, no século XIII, com seu arco e flecha, roubando dos ricos para dar aos pobres. Por outro lado, os discípulos de Jesus devem fazer o caminho da radicalidade. Segundo Jesus, eles “perderiam o emprego”, as benesses da vida estabilizada, os privilégios e deveriam ser fiéis ao novo projeto. Nesse sentido, Jesus também chama a atenção para o fato de a fidelidade ser expressa em pequenas coisas. Quem é fiel nas pequenas coisas o é também nas grandes. “E se não somos fiéis no que é dos outros, quem nos dará aquilo que é nosso?” (v. 10). E Jesus conclui o seu discurso com uma afirmativa que é o centro de todo o capítulo desse: “Nenhum empregado pode servir a dois senhores, porque, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro” (v. 13). Discípulo de

Jesus não fica em cima do muro. Na sequência, são citados os fariseus, chamados de amigos do dinheiro, a quem Jesus estava dirigindo a sua pregação (v. 14).

A oposição entre as duas situações antagônicas, amar a Deus ou ao Dinheiro, revela o significado do ensinamento de Jesus. Não creio que Jesus estaria ensinando que o dinheiro não presta e que não precisamos dele. E em outra ocasião, referindo-se a uma moeda com a figura e a inscrição de César, a propósito do pagamento de imposto, Jesus foi categórico: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21). Jesus não está se colocando contra o dinheiro, mas a favor de uma economia que gera a vida. Quando o dinheiro fica acumulado ocorrem duas coisas: ele é fruto de injustiças sociais, assim como vimos na primeira leitura, e gerador de outras situações de não fraternidade, de não partilha, assim como era o ensinamento de Jesus sobre o Reino de Deus.

Os bens não são em si negativos, mas o seu uso absoluto e desequilibrado gera riqueza de um lado e miséria do outro. Bens tornam-se ídolos que, idolatrados, geram fome, desemprego, falta de moradia etc. Uma falsa espiritualidade baseada na economia guia muitos de nós, a espiritualidade dos *shopping centers*, o prazer vazio de comprar, pensando que estamos adquirindo a felicidade.

Por outro lado, aproximando-se mais uma eleição presidencial, constata-se que as desigualdades sociais têm diminuído. No nosso pobre continente latino-americano, países buscam integração, trabalhadores se unem. A consciência ecológica tem levado muitos a mudar de atitudes em relação ao nosso planeta. Tudo isso, no entanto, é pouco diante dos grandes desafios da economia injusta que impera em nosso país.

3. II leitura (1Tm 2,1-8): rezar pelos governantes, por causa de nossa serenidade, e servindo a Deus

Ao escrever à comunidade de Timóteo, Paulo, retomando o papel salvífico universal de Jesus Cristo, ensina a importância da oração na comunidade cristã. A novidade da oração cristã, apresentada por Paulo, é que ela seja realizada sem ira e discussões, com mãos limpas (v. 8), e ele pede que todos rezem, seja em forma de

pedidos, orações, súplicas ou ações de graças (v. 1). E o que é mais importante, a oração deve ser para todos, também para os governantes, os que exercem autoridade. Até mesmo o imperador romano, que se julgava deus, precisava de oração para governar com sabedoria, coisa que não ocorria. Os judeus ensinavam que a oração deveria ser voltada para os seus conterrâneos, os israelitas. Paulo vai além desse preceito.

Os judeus tinham também uma oração de dezoito bênçãos. Uma delas, a décima segunda, dizia: “Não haja esperança para os heréticos e caluniadores, e pereçam todos num instante. Todos os teus inimigos sejam imediatamente destruídos, e tu, humilha-os imediatamente em nossos dias. Bendito sejas, Senhor, que despachas os inimigos e humilha os soberbos”. Essa oração, composta por volta do ano 95 a 100 E.C., na cidade de Jammia – quando os judeus fecharam a sua lista de livros inspirados da Bíblia, tinha um endereço certo: os cristãos, que haviam seguido outro caminho, deixando Jerusalém para levar a fé no judeu Jesus ressuscitado a todos os povos.

Paulo também ensina que a oração nos confere serenidade. Rezemos para que tenhamos “uma vida calma e serena, com toda a piedade e dignidade” (v. 2). Diante das perseguições romanas, os cristãos são chamados à oração. Diante da economia romana que causava miséria para muitos e riqueza para poucos, os cristãos são chamados à oração que foca Jesus, o salvador de toda a humanidade.

A reflexão de Paulo, nessa carta a Timóteo, ilumina a temática das outras leituras de hoje. Os nossos governantes e lideranças precisam da oração da comunidade para agir com sabedoria. A oração é reflexo do nosso serviço a Deus. Economia que gera vida é o que esperamos todos. Pensem nisso na hora de exercer a nossa cidadania por meio do voto.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O exemplo do administrador infiel serve para nos levar a perguntar pela nossa condição de pessoas decididas a tomar uma atitude em nossas vidas. Somos inertes diante das dificuldades ou somos corajosos? Estamos decididos a ser radicais como o administrador do evangelho?

Diante da temática suscitada nas leituras de hoje, perguntemo-nos como agimos com o dinheiro. Ele serve para nos oferecer condições dignas de vida ou para acumular nossas falsas riquezas? Amamos a Deus, a vida partilhada, ou o Dinheiro, o acúmulo desnecessário? Usamos tudo que temos?

Como está a nossa vida de oração? Pensamos mais no ter e aparecer ou no nosso ser de forma íntegra? Deus é o centro de nossas vidas ou somos mais um da espiritualidade dos *shopping centers*? A nossa oração tem dimensão política e social? Somos capazes de votar em candidatos que defendem o acúmulo de bens nas mãos de poucos? Conhecemos a vida de nossos candidatos, ao decidirmos o nosso voto?

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM (26 de setembro)

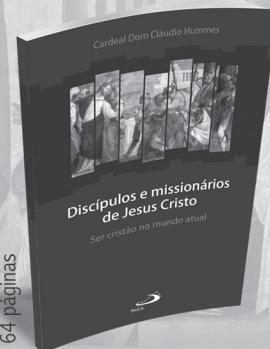
O RICO E O POBRE LÁZARO: QUANDO A VIDA É PERDIDA POR OPÇÃO

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo estão em sintonia com aquelas do domingo anterior, quando reforçam o tema da economia na ótica da justiça social. Amós tece duras críticas contra a classe dominante, os ricos de Israel e de Judá. A comunidade de Lucas faz memória do ensinamento de Jesus sobre o rico avarento e o pobre Lázaro. Dois opostos insuportáveis aos olhos de Deus, e isso deve ser a nossa bússola de orientação nesses dias que antecedem as eleições. Saber escolher os nossos governantes é fundamental para a realização de uma sociedade justa e fraterna.

Neste último domingo do mês de setembro, também não podemos nos esquecer do dia dedicado à Bíblia. Ela que é a carta magna da fé judaica e cristã. O substantivo Bíblia nos remete a um outro, biblioteca. É isso mesmo. A Bíblia é uma biblioteca composta de livros, os quais fazem parte de uma literatura que levou séculos para ser escrita. Parafraseando o grande mestre da leitura popular da Bíblia, Frei Carlos Mesters, a Bíblia nasceu da vontade de o povo ser fiel a Deus e a si mesmo. Nasceu da preocupação de transmitir aos outros e a nós essa fidelidade. Ela nasceu sem rótulo. Só mais tarde, o próprio povo descobriu

Caminhe e anuncie, a exemplo dos discípulos de Cristo, toda a força da mensagem do Pai.



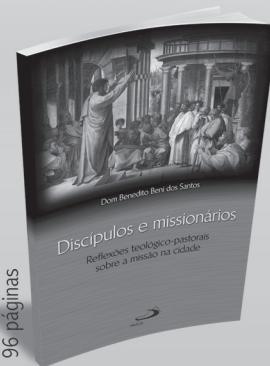
Discípulos e missionários de Jesus Cristo

Ser cristão no mundo atual

Cardeal Dom Cláudio Hummes

Nesta obra, D. Cláudio Hummes nos mostra que ser discípulo não envolve apenas inteligência, razão e conhecimento; antes disso, é preciso aderirmos incondicionalmente aos ensinamentos de Jesus para exercermos a cristiandade no mundo atual.

Imagens meramente ilustrativas.



Discípulos e missionários

Reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade

Dom Benedito Beni dos Santos

A articulação entre discipulado e missão é a ideia central destas páginas. Cada uma das reflexões tem presente os desafios que a pastoral enfrenta na nova civilização representada pela cidade.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



nela a expressão da vontade e da presença real de uma Palavra Santa (*Bíblia, livro feito em mutirão*. São Paulo: Paulus, 1986, p. 8).

Divididos em Primeiro e Segundo Testamentos, os livros da Bíblia estão organizados em forma de uma grande inclusão (forma literária em que uma palavra, uma frase ou um conceito presente no início reaparece no fim e funciona como um enquadramento, que delimita e encerra tudo o que ficou “incluso” entre eles, como em um sanduíche); no início (Gênesis) e no fim (Apocalipse), encontramos referência ao Éden, o paraíso da economia vivida na liberdade e na fraternidade entre homens e mulheres. No centro, nos livros de Malaquias e Mateus, temos duas personagens ímpares do judaísmo e cristianismo, Elias e Jesus. Elias voltará e Jesus veio para nos propor, na inspiração da fé judaica, o Reino de Deus, que tem como baliza fundamental a opção pelos pobres e oprimidos de ontem e de hoje. É o que veremos nos textos das leituras que passamos a comentar.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 6,1a.4-7): punição para os nobres corruptos

Amós se volta de forma drástica contra os ricos governantes de Israel e Judá – as críticas se dirigem, de fato, aos nobres da Samaria, capital político-administrativa do Reino do Norte. O texto foi modificado para referir-se a Sião/Jerusalém (Reino do Sul), os nobres da primeira das nações: governantes, cortesãos, oficiais e latifundiários. O motivo é simples: eles vivem tranquilos e seguros na capital e nas montanhas, os seus leitos são de marfim, possuem divãs, se alimentam de cordeiros e novilhos, fazem festas orgiásticas ao som de harpa e com vinhos finos. E o que é pior: eles não estão nem aí para os pobres do país que estão ao seu lado. Eles usufruiam o bem-estar das minorias, advindo das conquistas de Jeroboão II, bem como esperavam o dia de Javé, que seria a redenção de Israel. Amós dirá que esses homens são os verdadeiros responsáveis pela violência social e econômica do seu povo. A vida luxuosa deles era fruto da opressão dos pobres, do roubo e da corrupção (Am 3,9-10; 2,6-8; 4,1-3; 5,10-12). Tendo que manter essa situação, como não criar injustiças?

Esses ricos viviam numa situação de orgia (v. 7b), alicerçados numa falsa intuição de que toda aquela situação era de bênção de Deus.

A semelhança dessa situação com os nossos dias é mera coincidência? Não. As classes dirigentes parecem mudar somente os figurantes. Os mensalões e os “panetones de Brasília” continuam a se repetir. Infelizmente, a classe política brasileira deixou se levar pela corrupção.

O que diria o profeta Amós? Vocês, os nobres, serão exilados, vão puxar a fila dos deportados para uma terra estrangeira. E foi isso mesmo que ocorreu anos depois, em 722 a.E.C., quando os dominadores assírios chegaram e destruíram a capital de Israel, Samaria, e levaram todos para o exílio. E aí o ai do profeta já não mais pode surtir efeito. Não tinha mais como voltar atrás. Deus tinha dado o seu veredito.

2. Evangelho (Lc 16,19-31): o rico injusto escolhe a própria condenação

O texto que antecede essa parábola é o que vimos na semana anterior, “não é possível servir a Deus e ao Dinheiro” (Lc 16,13), ensinamento central do capítulo. A parábola, modo de ensinar de forma comparativa, muito utilizada por Jesus, tem como seu público-alvo os fariseus, chamados de amigos do dinheiro (16,14). Ela faz parte da grande viagem de Jesus a Jerusalém, chamada também a viagem lucana (9,51-19,27), de cunho teológico-catequético. Quem acompanha a trajetória de Jesus vai entendendo os desafios e as condições para ser um cristão, um seguidor do mestre Jesus de Nazaré.

O evangelho de hoje tem forte relação com a primeira leitura. É um modo encontrado por Jesus para ensinar a tradição da fé judaica: é preciso *fazer esmola*, isto é, fazer justiça. Em hebraico, esmola se diz *Tzedakáh* e justiça, *Tzedek*. Esmola deriva de justiça. Fazer esmola, como ensinam os judeus, significa cumprir a Torá (Bíblia), isto é, fazer justiça. Quando um judeu pobre gritava pelas ruas *Tzedakáh*, todos entendiam: “Faça justiça! Cumpra a Torá!”. E esse grito incomodava qualquer judeu piedoso. A Torá, a Lei de Deus, não estava sendo cumprida, o que implicava estar fora do caminho de Deus. O judaísmo conclama os seus adeptos a fazer esmola. E fazer esmola (*Tzedakáh*) é agir com justiça no que diz respeito a como cada

judeu ganha, gasta e compartilha suas riquezas. No pensamento judaico, esmola não tem um sentido religioso moral cristão de “dar esmola”. Esmola é um modo de ser, mais que oferecer ou dar. *Tzedakáh* é mais que caridade, expressão de fé piedosa diante do sofrimento do outro. Viver de modo justo na relação com as pessoas é fazer *Tzedakáh*. A esmola não pode ser em função da vangloria daquele que dá esmola, mas deve ser um gesto de solidariedade e justiça. Fazer esmola, fazer justiça, é melhor que dar esmola. Nisso, sou mais judeu que cristão.

A cena do evangelho, nessa perspectiva do fazer esmola, é simples. De um lado, um rico epulão e bem-vestido, com púrpura e linho – material importado da Fenícia e do Egito, e, do outro, um pobre de nome Lázaro que jazia à sua porta, esperando comer as migalhas de seus banquetes. Lázaro significa “aquele que vem em ajuda de”. Ele espera ser ajudado com obras de justiça, de divisão dos bens.

Com elementos da fé dos antepassados: inferno, céu e o Patriarca Abraão, a parábola relata a cena que paira na cabeça de muitos: os bons estão no céu e os maus, no inferno, separados por um abismo. Tranquilidade e banquete de um lado, tormento e fogo do outro. A Bíblia nos oferece muitas imagens do inferno (Jacir de Freitas Faria, *O outro Pedro e a outra Madalena. Uma leitura de gênero*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, p. 76-102): uma delas é essa da parábola de hoje: um lugar do desespero e do pavor. Receber a pena do inferno é o mesmo que entrar em pânico. É saber que um lugar sombrio me espera. Jesus usa a imagem do choro e do ranger os dentes dos que forem para o inferno (Lc 13,28). Ele também compara o inferno com o verme que não morre (Mc 9,48), bem como à Geena, lixão da cidade de Jerusalém. As imagens usadas na Bíblia para descrever o inferno são todas simbólicas. O fogo que devora simboliza a absoluta frustração humana e o seu total distanciamento de Deus (Leonardo Boff, *Vida para além da morte*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 90). Diante de tal situação, só resta ao ser humano chorar e ranger os seus dentes, na escuridão de uma vida sem utopias, no exílio de opção feita por ele mesmo. É o que ocorre com o rico da parábola de hoje. Ele implora ao pai Abraão que Lázaro venha lhe trazer água, que vá até à casa de seus cinco irmãos para avisá-los

da sua situação desesperadora e que mudem de vida. Nenhum desses pedidos pode ser atendido. A situação estavaposta por opção do rico, o ser humano opressor. O número citado, cinco, relembra o Pentateuco; Moisés, toda a lei e os profetas. Isso quer dizer que o rico e seus cinco irmãos tinham e têm a Palavra de Deus (Bíblia) para observar e mudar de vida. Se assim não o fazem, mesmo que um morto, Lázaro, ressuscite para ensinar-lhes o caminho, eles não o fariam. Os judeus não acreditavam em sinais, milagres. Jesus fez muitos deles, e, mesmo assim, eles não se converteram. O fim é trágico, mas é fruto da opção que fazemos, assim como os ricos da primeira leitura.

3. II leitura (1Tm 6,11-16): viver como homem de Deus

Ao escrever ao amigo Timóteo, Paulo o exorta a viver como homem de Deus, isto é: seguir a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão, combater o bom combate da fé, conquistar a vida eterna, guardar o mandamento de Jesus até o dia de sua Aparição. Antes disso, que o cristão professe a fé e testemunhe Jesus ressuscitado (vv. 12-13).

Ser homem de Deus é ser profeta, assim como Elias e Eliseu que receberam esse título por terem deixado o palácio e se aproximado do povo. Com eles, o rei, se precisasse de um profeta, teria de ir aonde o profeta estava, no meio do povo. Muitos cristãos da comunidade de Éfeso estavam fazendo da pregação do evangelho uma fonte de lucro. Atitude parecida com a de muitos cristãos de hoje. Abrir uma igreja é o mesmo que abrir negócio, uma empresa lucrativa. Paulo é claro no ensinamento: “Fuja dessas coisas” (v. 11). A fé não é para ser debatida, sobretudo de forma fundamentalista, mas vivenciada.

Paulo termina com uma doxologia (vv. 15-16): a Deus honra e poder eterno. É um hino litúrgico de origem judaica. Ele ensina que o cristão deve prestar culto somente a Jesus, pois ele possui a imortalidade, a vida plena. Viver o projeto apresentado por Jesus é encontrar Deus (vv. 11-12).

Essa breve leitura reforça o ensinamento das outras leituras deste domingo, mostrando que o cristão é aquele que segue os ensinamentos de Jesus e não anda conforme as injustiças dos seres humanos deste mundo. O seu combate

está em outra esfera. Ele luta como atleta para chegar ao Reino pregado por Jesus, e este já começa aqui.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Chamar atenção para o dia da Bíblia e suas interpretações a partir das leituras deste domingo. Dar um destaque para a Bíblia na celebração.

Fazer uma análise da situação econômica do país, dando destaque para as eleições e tendo como pistas de reflexão a questão da riqueza e seu uso indevido pelos governantes. Mostrar que quem faz opção de servir ao Dinheiro acabará perdendo a vida.

Perguntar pelos sinais de solidariedade que a comunidade demonstra na relação entre rico e pobre. Ela está a serviço dos pobres e contra a pobreza? Ou existe um abismo, um fosso, entre ela e os pobres? A comunidade se preocupa em dar ou fazer esmola?

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM (3 de outubro)

A FÉ, A SEMENTE DE MOSTARDA E O SERVIÇO

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras de hoje nos chamam a atenção para a fé. “Aumenta-nos a fé!”, disseram os apóstolos a Jesus. Por que os discípulos pedem para aumentar a fé deles? Qual é a relação entre as duas parábolas do evangelho de hoje, semente de mostarda e servo inútil, e a fé? O que é a fé? A carta aos Hebreus define fé como “firme fundamento das coisas que se esperam, uma posse antecipada, um meio de demonstrar as realidades que não se veem”. E ainda acrescenta: “foi por meio dela que os antigos deram seus testemunhos” (Hb 11,1-2). Mesmo não tendo visto Jesus ressuscitado, eu acredito, tenho fé, certeza de que ele ressuscitou. Por isso, eu tenho fé. Não preciso manifestar fé em uma árvore, pois já sei que ela existe. Ninguém precisa me transmitir esse ensinamento. Podemos correr o risco de banalizar a fé, quando a colocamos na dimensão da incerteza. Os discípulos acre-

ditavam nas palavras e promessas do Reino que Jesus anunciaava, mas também disseram: aumenta-nos a fé.

Neste domingo, dia em que o país irá às urnas para escolher presidente, senadores, governadores e deputados, perguntemo-nos: Qual é a contribuição do cristão neste ato cívico? Temos fé em nossos políticos? As suas promessas se tornam realidades? Por enquanto, permaneçamos com essas inquietações.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Hab 1,2-3; 2,2-4): a fé salva e a fidelidade me faz justo seguidor da Lei

Habacuque, quem nos apresenta neste domingo uma profecia, foi um profeta realista, contestador, lamentador e esperançoso. Como Jó, ele foi o “homem da crise”. Ele atuou entre 605 e 600 a.E.C., período em que Judá viveu sob a dominação do império neobabilônico, pagando-lhe tributos. O rei Joaquim, aliado de um outro opressor, o Egito, foi colocado no trono pelo Faraó para governar Judá. A tirania de Joaquim foi tamanha que a injustiça aumentou no país. Pouco tempo depois, os babilônios, com Nabucodonosor, invadiram o país, destruíram Jerusalém e levaram as lideranças do povo para um exílio, que duraria cinco décadas, na Babilônia.

Habacuque, que num primeiro momento acreditou na reforma de Josias, percebe que não mais seria possível esperar por uma solução baseada na Lei. Ele perde a esperança na reforma deuteronomista, mas crê que Deus vencerá (2,1-3; 3,15.19). Esta descoberta lhe restituui a esperança. Habacuque manteve-se firme nas seguintes denúncias: a não observância da Lei (1,4); os juízes corruptos (1,4); o roubo (2,9-10); a política injusta (2,12-14); a idolatria (2,18-20); os impérios egípcio (1,2) e babilônico (1,12-17); e o cinismo do conquistador (ou qualquer pessoa) que embriaga o seu próximo para lhe contemplar a nudez (2,15).

A primeira leitura é um lamento do profeta pela situação do povo e um questionamento a Deus, pedindo-lhe que os ouça: “Até quando, Senhor, pedirei socorro e não ouvirás” (1,2). A resposta de Deus vem em dois momentos. Ele diz que o opressor, a Babilônia, virá para

destruir o país (1,5). Esse será o castigo para o povo de Judá. O profeta Jeremias dirá o mesmo. Habacuque se assusta com essa resposta de Deus (1,12-17). E Deus novamente responde, dizendo que ele sabe o que faz e não engana (2,2-4). E acrescenta: “o justo viverá pela sua fidelidade”. Habacuque chama o povo a ter confiança na justiça humana e na força libertadora do Senhor. A salvação virá pela fé e não pela observância da Lei (2,4). É o que São Paulo, mais tarde, irá aprofundar na sua teologia da “justificação pela fé” (Rm 1,17; Gl 3,11), tendo como base esse texto de Habacuque. A tradução da Bíblia hebraica para o grego, chamada de Setenta, traduziu o termo hebraico ‘*emunah*’ por fé, em vez de fidelidade, como está no texto de Habacuque. Fidelidade está relacionada com o justo que segue a Torá.

Outro fator que chama a atenção no texto de Habacuque é que Deus vai castigar o povo por causa de seus governantes iníquos. Relembrar isso em dia de eleição é muito propício. Em tempos modernos, não precisamos chegar a tanto, como foi o caso de Judá. Por outro lado, se a nossa lei punisse, de fato, os políticos corruptos, com certeza, nosso país seria diferente em questões sociais. Outro dado, muitos de nossos políticos não se envergonham de manifestar em público a sua fé. Neste ano, um deles chegou a rezar agradecendo a Deus pelo dinheiro conseguido com as suas falcatruas. Ele ficou conhecido como o político da oração.

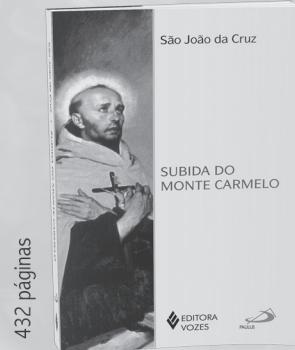
A fé que nos salva é aquela que me faz justo seguidor da justiça pregada pela Palavra de Deus. Esta sim, o resto é pura enganação. Fiquemos atentos, sobretudo para o grande mercado da fé que assola o nosso país.

2. Evangelho (Lc 17,5-10): “Senhor, aumenta a nossa fé!”

No evangelho de hoje, nos encontramos todos com uma inquietante pergunta: Senhor, aumenta-nos a fé! Jesus responde com duas parábolas. Vejamo-las.

a) “A fé pode até ser do tamanho de uma semente de mostarda” (vv. 5-6). Essa passagem também pode ser lida em Mt 17,20-21; 21,21; Mc 9,24; 11,23. Os apóstolos pedem a Jesus que aumente a fé deles. A interpretação desse texto

Escritos de São João da Cruz e a luta por um mundo mais justo são assuntos de lançamentos da PAULUS.



432 páginas

Subida do Monte Carmelo

São João da Cruz

Nestas páginas repousa um exemplo de fé e amor a Deus. Ao tê-las em mãos o leitor poderá conhecer mais a fundo a personalidade do grande mestre espiritual São João da Cruz, sua subida do Monte Carmelo e o tema central defendido por esse místico: a comunhão com Deus a partir da purificação do espírito, para que n'Ele sejamos um só.

Imagens meramente ilustrativas.



200 páginas

Deus em nós

O reinado que acontece no amor solidário aos pobres

Hugo Assmann e Jung Mo Sung

A presente obra propõe reflexões acerca da teologia e da justiça social e incentiva debates sobre formas inéditas de ver e entender a realidade humana.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso.

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



nos ensina que a fé, por menor que seja, assim como uma pequenina semente de mostarda, pode realizar maravilhas, até mesmo exigir que uma amoreira se replante no mar. Viver a fé em tempos modernos é um desafio para todos nós. Somos senhores de muitos poderes e de nós mesmos. A fé é muito mais que uma boa obra ou uma dimensão psicológica de nossa existência. Ela é um colocar em Deus, que é amor que nos redime e nos impulsiona a viver na integridade das relações. Fé não é questão de quantidade, mas de qualidade.

b) “A fé é um serviço” (vv. 7-10). Na sequência da fé comparada à semente de mostarda, Jesus, fazendo uso de uma situação não muito peculiar aos apóstolos, a de um patrão que tem um empregado que o serve sem se perguntar o porquê de sua atitude, ensina que é simplesmente fazer o que se tem que fazer. Quem tem fé faz. Isso basta. As obras são consequências de nossa fé em Deus que tudo pode. E se Deus tudo pode, eu também posso, com a minha fé, realizar grandes obras. O serviço é uma dimensão da fé.

Amanhã, dia quatro de outubro, a Igreja faz a memória de São Francisco de Assis, o santo da paz e do bem, o defensor da ecologia e inventor do presépio. No final de sua vida, quando tanto havia feito e vivenciado a fé em Deus, com todo o ardor próprio da Idade Média, Francisco de Assis disse: “Irmãos, vamos recomeçar novamente, porque pouco ou nada fizemos”. Essa espiritualidade é a do serviço e da fraternidade universal. Por menor que seja, ela será sempre um serviço à justiça e ao bem comum, realizado de forma gratuita e não por dinheiro, como pensavam alguns.

3. II leitura (2Tm 1,6-8.13-14): Timóteo, viva a sua fé!

A segunda leitura tem uma orientação clara: Paulo, apóstolo propagador da fé em Jesus, com quem ele nem mesmo convivera, mas fora um perseguidor aguerrido de seus seguidores, exorta ao seu discípulo, Timóteo, a viver a fé por causa de sua consagração a serviço da Igreja, na coordenação da comunidade. Timóteo é convocado a cooperar com os dons do Espírito Santo. Ele não pode transmitir medo, mas reavivar sempre a sua fé. O cristão deve alimentar sempre a sua fé para não desanimar. Da mesma forma, ele

deve dar testemunho de Jesus Cristo e guardar o depósito da fé, eis a sua missão. Paulo também não se intimida em demonstrar com palavras as suas atitudes de fé.

Na prisão, Paulo lhe diz: “Toma por modelo as sãs palavras que de mim ouviste, com fé e com amor que está em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que habita em nós” (vv. 13-14). O cristão precisa ser corajoso, não olhar interesses pessoais. “Não se envergonhe de dar testemunho de nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro” (v. 8), afirma, categoricamente, Paulo a Timóteo. A prisão não desmerece Paulo, pelo contrário, ela o credencia como discípulo de Cristo Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Mostrar que o mundo é marcado por situações que não agradam a Deus e, tampouco, ao seu povo. Os que não creem podem até dizer que as desigualdades são normais e que Deus não existe, mas a promessa da vinda de Jesus se realizará. Os maus serão extirados e os bons, chamados de benditos do meu Pai.
2. A igreja, por ser a aglutinação daqueles que creem, deve anunciar e propiciar o caminho da salvação para todos, lutando pela justiça social, pela paz e pela divisão fraternal dos bens. Fazer tudo isso é já ter a fé aumentada, assim como pediram os discípulos a Jesus.
3. A comunidade de fé tem um compromisso fundamental com a vida política do país. Escolher bem os governantes e, depois, cobrar deles atitudes coerentes com o prometido são o compromisso de fé que todos devemos assumir.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM (10 de outubro)

A CURA DA LEPRA PELA FÉ E A ERRADICAÇÃO DA HANSENÍASE

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras de hoje nos chamam a atenção para o fato de a doença ser uma condição humana que nos desafia e nos leva a procurar ajuda em Deus. O que nos dizem as leituras? Quando tudo parece perdido, eis que surge um

profeta que cura um estrangeiro acometido pela lepra. Nessa mesma condição, estão dez outros homens, os quais procuram por Jesus, o grande médico das almas e dos corpos, aquele que foi enviado por Deus para salvar a todos. Como nas leituras do domingo passado, estamos diante de testemunhos de pessoas de fé no Deus de Israel e em Jesus.

A doença dos personagens da primeira leitura e do evangelho é chamada de lepra. Atualmente se usa o termo hanseníase, por não ser tão estigmatizado como lepra e leproso. A hanseníase é uma doença transmissível causada por uma bactéria chamada *Mycobacterium leprae*, daí também o nome lepra. O nome hanseníase foi dado em homenagem ao descobridor da bactéria, Gerhard Hansen.

A doença já era conhecida muito antes de Jesus. O livro do Levítico dedica dois capítulos à lepra, o treze e o quatorze, mostrando as incideências sobre o seu portador e a comunidade de Israel. Sem conhecer bem a origem da doença, a mesma é identificada como impureza e o seu portador, como impuro, sendo o mesmo afastado da vida social. Essa orientação motivou a segregação de hansenianos nos chamados leprosários. A lepra era um castigo dado por Deus (2Cr 26, 16-23).

O Brasil é o segundo país no mundo com maior incidência de hanseníase. Em países desenvolvidos, essa doença já foi erradicada. O governo brasileiro possibilita o diagnóstico e tratamento gratuito, mas até o momento não avançou no sentido da erradicação.

Vejamos em que as leituras de hoje nos iluminam sobre essas questões acerca da hanseníase.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Rs 5,14-17): Naamã, o estrangeiro, é curado da lepra e professa a fé no Deus de Israel

A primeira leitura trata de um relato muito conhecido no Primeiro Testamento, a cura de um estrangeiro, Naamã, pelo profeta Eliseu.

Discípulo de Elias, Eliseu superou o mestre em número de milagres. Sua biografia é legendária (1Rs 19,19-21; 2Rs 2-9). Eliseu foi o líder de

um movimento político-religioso pró-reforma da monarquia. O profeta Eliseu atuou aproximadamente nos anos 852 a 783 a.C., no Reino do Norte, Israel, nas dinastias de Jorão, Jeú, Joás e Joacaz. Eliseu denunciou os pecados de idolatria da “Casa de Acab” (2Rs 9,1-10), o rei de Israel, Jorão (2Rs 3,13), e a inveja de seu servo Giezi (2Rs 5,20-27). As propostas religiosas e políticas de Eliseu foram: o povo deveria creditar que o Senhor é o Deus verdadeiro de Israel (2Rs 5,1-19); a monarquia devia ser reformada por meio de uma revolução (1Rs 19,15-17; 2Rs 9,1-37); Jeú, filho de Nansi, deveria ser ungido rei de Israel, no lugar de Jorão, filho de Acab (2Rs 9); a descendência de Acab e sua esposa Jezabel (2Rs 10) deveriam ser extintos de Israel; o culto a Baal (2Rs 10,28) deveria ser eliminado de Israel. Eliseu tinha esperança de que, mudando o governo, a situação melhoraria. O movimento liderado por Eliseu, chamado de “Filhos de Profetas”, nasceu na dinastia de Omri. Juntos, eles conseguiram dethronar a dinastia de Acab, eliminar o culto a Baal e devolver a esperança ao povo. Eliseu, em um determinado tempo, foi bem-visto pelo rei arameu, da Síria, Ben-Hadad (2Rs 6,8-17; 8,7-15).

Nesse contexto é que devemos entender os fatos relatados na segunda leitura de Reis. Naamã, nome hebraico que significa “a divindade é amável”, era um general conceituado do rei da Síria, por ter dado vitórias ao seu povo. Na sua casa, ele tinha uma serva israelita. Foi essa mulher que o aconselhou a procurar o profeta Eliseu para solicitar a cura de sua doença, possivelmente uma lepra ou doença de pele. Ele fala com seu rei, que o aconselha a tomar consigo dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez vestes de gala. Naamã parte. O rei de Israel o recebe e fica nervoso com a proposta do rei da Síria, justificando que isso seria um pretexto contra ele, pois ele, não sendo deus, não teria o poder de dar vida e morte (2Rs 5,1-7). O profeta Eliseu, tendo sabido do fato, pede que Naamã venha até ele. Contrariando o desejo de Naamã, Eliseu não o recebe. Ele manda ordens pelo seu mensageiro para que Naamã deva se banhar sete vezes no rio Jordão para ser curado. Sete, na visão bíblica, é o número da perfeição, o encontro do divino, representado pelo trés, com o terreno, o quatro. Naamã resiste em cumprir a ordem, mas acaba sendo convencido pelos seus servos

(2Rs 5,8-13). Naamã fora curado pelas águas de Israel. Ele voltou para agradecer ao profeta e oferecer-lhe presentes pela cura, os quais Eliseu não aceita para ensinar que o Deus de Israel não deve ser pago pelos seus atos benéficos.

Naamã disse ao profeta Eliseu: “Agora sei que não há Deus em toda a terra a não ser em Israel” (v. 15). Naamã pede a Eliseu que lhe conceda levar terra de Israel para o seu país, de modo que pudesse cultuar o deus de Israel, Javé, no seu país, onde a terra estava impura pelos cultos a ídolos. A declaração de fé de Naamã e o seu pedido é o objetivo principal da narrativa: mostrar que o Deus de Israel é o único verdadeiro e que mora em Israel, não na Síria, terra de Naamã.

Naamã fica extremamente grato pela cura da lepra. Eliseu lhe pede para realizar um rito de cura. Naamã é um estrangeiro. O que tem a ver tudo isso com o evangelho? Vejamos.

2. Evangelho (Lc 17,11-19): samaritano, o leproso estrangeiro, curado pela fé, louva a Deus

O contexto da lepra/hanseníase no evangelho de hoje é regido pelas leis de Israel (Lv 13,45-46). O leproso deveria usar vestes rasgadas, ter cabelos desgrenhados, ter o bigode coberto e clamar: Impuro! Impuro! Enquanto estivesse com a doença, deveria morar em lugar separado, conviver com outros impuros, como os samaritanos, mas não com os puros da cidade. Quando alguém era curado de lepra, ele deveria se apresentar ao sacerdote (Lv 14). Os parentes do leproso deveriam chorar por ele, pois a lepra era considerada um castigo de Deus.

Com essa explicação, já podemos citar alguns detalhes do texto: a) os leprosos se encontram com Jesus quando ele estava para entrar num povoado, o lugar dos puros; b) eles estão em número de dez, o que relembra o decálogo, que faz do judeu um verdadeiro seguidor de Deus; c) somente um samaritano, isto é, um estrangeiro, é que volta para agradecer; d) Jesus cumpre a Lei, pedindo-lhe que fosse se apresentar ao sacerdote.

Assim como Naamã, os leprosos são chamados a passar por um rito. O primeiro é lavar-se nas águas do Jordão, como vimos acima, o segundo consiste em ir aos sacerdotes. Todas

essas atitudes querem provar se a fé na palavra do profeta e de Jesus são verdadeiras. A palavra de Cristo cura. A diferença, no entanto, nos dois episódios, é que Naamã tem fé porque foi curado. O leproso samaritano, ao voltar-se logo para Jesus e agradecer-lhe, demonstrou fé na palavra e, o que é mais importante, ele mesmo teve fé. Por isso, Jesus lhe diz: “levanta-te e vai, a tua fé te salvou” (v. 19). Essa atitude de Jesus, segundo a comunidade lucana, demonstra que a fé em Jesus salva, mesmo sem o cumprimento dos ritos legais da fé judaica. E ainda tem outro detalhe: eles são curados enquanto estão a caminho. Isso quer dizer que quem se coloca no caminho de Jesus já está curado. Os outros nove, que eram judeus, se contentaram com os ritos de cura. O samaritano, o estrangeiro, manifesta a sua fé e louva a Deus pela cura recebida. Assim como na primeira leitura, a salvação está para além de Israel. Lucas sabe que a Samaria é um lugar que, em primeiro lugar, será evangelizado.

3. II leitura (2Tm 2,8-13): ter fé é viver em Cristo

O contexto dessa leitura é o do domingo passado, em que Paulo exorta Timóteo a viver e guardar a fé. Paulo acrescenta outros dados importantes: a memória da ressurreição de Cristo; assumir os sofrimentos advindos da luta; Jesus é o messias esperado; Jesus é fiel; devemos pregar a palavra de Deus, pois ela não está algemada. E ele conclui: quem renegar a Cristo será renegado. A infidelidade humana não muda a fidelidade divina. Todos esses elementos estão recolhidos em um hino batismal e de resistência dos primeiros cristãos.

Paulo, sofrendo na prisão, sabe que é preciso resistir e manter a fé em Cristo ressuscitado que venceu a morte e nos trouxe a vida. O corpo está preso, acorrentado no cárcere de pedra, mas a palavra do evangelho vai além de tudo isso. A Palavra não pode estar aprisionada. É o que ensina Paulo e pede a todos: ter fé e viver em Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

No evangelho, vimos que dez hansenianos se unem. Eles têm em comum a doença. Nove são judeus e um, samaritano. A miséria humana os une na luta por liberdade. Os leprosos de hoje,

em todos os sentidos, merecem a solidariedade. O que estamos fazendo com e por eles?

O samaritano voltou e louvou Deus pela cura. Levar a comunidade a tomar consciência da importância da oração de louvor e do colocar-se no caminho de Jesus. A terra de Israel, na compreensão de Naamã, era o lugar da manifestação de Deus. Como em nosso país estamos sendo testemunhas de Deus?

Mostrar que a hanseníase ainda não está erradicada do nosso meio. Há grupos que trabalham com esse objetivo. Trabalhar em conjunto com o poder público e a sociedade para a eliminação da hanseníase no Brasil, conscientizando a população para a importância do diagnóstico precoce e dando apoio às pessoas que estão em tratamento. Trabalhar a questão do preconceito e da erradicação da hanseníase.

NOSSA SENHORA APARECIDA

Padroeira do Brasil (12 de outubro)

NOSSA SENHORA APARECIDA, MULHER-MÃE, ESPERANÇA E RESISTÊNCIA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje, o Brasil católico celebra o dia de Nossa Senhora Aparecida, sua padroeira. Ela foi encontrada sob a forma de imagem negra por pobres pescadores, no ano de 1717, no local onde hoje é a cidade de Aparecida do Norte, em São Paulo. O local passou lentamente a ser referência de peregrinação. Esse acontecimento marcou época. A mãe de Deus se apresenta como padroeira dos pobres e negros escravos do Brasil de outrora. A Maria do *Magnificat*, que canta a derrubada dos opressores e soerguimento dos pobres (Lc 1, 45-55), é a mesma negra de Aparecida, aquela que devolveu a alegria aos pobres pescadores com uma pesca milagrosa. Aparecida, que virou Nossa Senhora Aparecida. Um título de rainha para uma mulher que marcou a humanidade desde sua terra natal, Nazaré. Quem não conhece a música Maria de Nazaré, aquela que me cativou, fez mais forte a minha fé e por filho me adotou?

Nas leituras de hoje, três mulheres são apresentadas para a nossa reflexão. Ester, Maria e a

mulher anônima do Apocalipse. Ester é a mulher da luta, da resistência à dominação grega. Por sua sábia atitude, consegue livrar seu povo do extermínio. Maria é a mulher-mãe que leva seu filho a iniciar suas atividades missionárias, realizando o seu primeiro milagre. Já a mulher anônima do Apocalipse pode ser identificada com Eva, com a esposa de Deus, Israel/Sião, ou com Maria. Ela está prestes a dar à luz, mas se vê ameaçada pelo dragão, a força do mal.

Em que essas mulheres vencedoras iluminam a nossa fé? Sobretudo, neste dia de nossa mãe Aparecida, aquela que apareceu para nos colocar no caminho da vida, da libertação dos opressores de ontem e de hoje. Falar de Maria é falar dessas três mulheres e de tantas outras de nosso tempo.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Est 5,1b-2; 7,2b-3): Ester, a mulher-esperança que salva o seu povo do extermínio

Ester é a mulher-resistência e esperança do seu povo. O pequeno trecho de sua história, que ouvimos na leitura de hoje, nos recorda o seu papel na história do povo de Israel. Mulher de rara beleza, graça e feminilidade, a judia Ester chegou a tornar-se rainha no palácio do opressor (Ester 3,6-13).

Embora o fato narrado esteja situado no período da dominação dos persas (485-465 a.E.C.), na Palestina, ele é uma denúncia e uma chamada de resistência à dominação grego-helenista, que teve seu início em 333 a.E.C. com as conquistas da Síria, Palestina e do oriente por Alexandre Magno. Com sua morte prematura, os generais de Alexandre dividiram o reino entre eles. Na Palestina, o povo sofreu muito com os ptolomeus (301-198). Os gregos, além do domínio econômico, se impunham culturalmente. Eles construíam ginásios, teatros, templos e palácios conforme o modelo grego. Os gregos davam nomes helenísticos às cidades existentes e fundavam outras. A língua grega passou a ser o idioma universal. O povo judeu sofria muito para poder seguir seus antigos costumes segundo a Lei dada a Moisés. Uma das diferenças básicas entre os gregos e os judeus era que Deus era medida das coisas para os judeus, ao passo que,

para os gregos, o ser humano. Nós, ocidentais, somos frutos da cultura grega.

Ester, sabedora dessa realidade, se aproxima do opressor, o rei da Pérsia, Assuero. Estando em um banquete com ele, como nos mostra a leitura de hoje, ela recebe a graça de libertar o seu povo de um massacre preestabelecido, por meio de um sorteio, por Amã, primeiro-ministro do rei (Est 3,6-13). Amã já tinha recebido do rei a autorização para executar a sentença contra os seus supostos inimigos. Ester havia conquistado o coração do opressor e por ele sido feita sua rainha. Antes da realização do banquete oferecido por Ester, o rei lhe havia prometido que lhe daria o que ela lhe pedisse, ainda que fosse a metade do seu reino. Ester, então, tendo sabiamente reunido em um banquete o rei e o malvado Amã, pediu ao rei que concedesse vida a seu povo que iria morrer pelas mãos de Amã. O rei não só realiza o seu desejo, mas manda matar Amã.

Mesmo que o nome de Deus não apareça no texto hebraico do livro de Ester, é Ele quem conduz a história por meio da sabedoria e resistência de mulheres como Ester. Esta é a mensagem principal dessa novela bíblica. O povo judeu nunca se esqueceu desse episódio. Uma de suas festas anuais judaicas se chama *Purim*, o dia da sorte, que celebra esse dia em que ele foi salvo pelas mãos de uma mulher. Ela é celebrada no dia 14 do mês de Adar para lembrar que "... esse mês é aquele em que, para eles, a aflição deu lugar à alegria e o luto às festividades" (Est 9,22). *Purim* é a festa do bom humor. Todos saem para as ruas com máscaras e fantasias, assim como no nosso carnaval. Nessa festa, o livro de Ester é lido na sinagoga. Na hora em que o nome de Amã é citado, as crianças fazem algazarra para não ouvi-lo.

Ester, com a sua atitude, passou para a história como símbolo de resistência e de fé. Ela libertou o seu povo oprimido, devolveu a alegria a seu povo, que, com pavor, esperava o dia da morte.

Maria, a mãe Aparecida, aparece aos pobres pescadores que serviam aos nobres, ela lhes devolve a alegria da vida. Maria, a mãe de Nazaré, devolve a alegria ao casamento com um vinho novo. Bom, mas isso é o tema do evangelho de hoje.

2. Evangelho (Jo 2,1-11): Maria, a mãe que adianta a hora do filho por saber quem ele era, o Messias

A comunidade joanina reservou para nós a belíssima narrativa das bodas de Caná, uma pequena cidade da Galileia. Com uma população atual em torno de 8.000 habitantes, Caná da Galileia é a cidade de maior proporção de cristãos em Israel/Palestina, cerca de 25%. Cristãos e muçulmanos convivem aí de forma pacífica. Caná significa *adquirir*, tendo, por isso, um valor simbólico na realização do primeiro milagre de Jesus. Faltou vinho em Caná, não havia tempo hábil para o noivo comprar mais vinho. Jesus, sim, foi capaz de "adquirir" um vinho novo e de muita qualidade. O que isso significa?

Como vimos no evangelho de hoje, Jesus fez aí, numa festa de casamento, o seu primeiro milagre: transformou água em vinho. O matrimônio era realizado em três etapas, a saber: namoro, noivado e núpcias. A festa de casamento durava sete dias. Era o terceiro dia, o vinho tinha acabado. Jesus e sua família eram convidados. Maria solicitou a Jesus que fizesse seu primeiro milagre. Uma igreja, relembrando esse episódio, foi edificada em 1879, sobre uma bizantina e outra cruzada. Os cristãos aí renovam as promessas matrimoniais. Na sua cripta, encontram-se vasos de cerâmica. Naquele tempo, eram usados vasos de pedra, de modo que a água pudesse estar sempre pura.

O matrimônio, no Primeiro Testamento, foi relido como símbolo do casamento entre Deus e Israel (Os 2,16-25; Is 1,21-23; 49,14-16). Dentre esses textos, é muito conhecida a experiência do profeta Oseias com a sua esposa infiel, Gomer, símbolo da infidelidade de Israel. No evangelho de João, Jesus é o novo esposo de Israel, que simbolicamente está celebrando a sua festa de matrimônio, na qual faltava uma coisa essencial, o vinho. Maria, sua mãe, sabedora do papel do filho no novo Israel, lhe pede para resolver imediatamente a questão, pois a festa não podia terminar e as promessas divinas nele deveriam se cumprir. Sendo Jesus o Messias, o esposo que deveria, por obrigação cultural, oferecer vinho durante a festa, Jesus era o Messias-esposo. E Maria sabia disso. Qual mãe não conhece bem o seu filho!

O vinho, naquele tempo, era o sinal de alegria nas festas. Foi num jantar de páscoa, onde são consumidas cinco taças de vinho, cada uma delas com o seu simbolismo próprio, que Jesus toma, ao final da ceia, uma taça de vinho e diz que se tratava do seu sangue, o da salvação. O vinho era também o símbolo do amor no casamento. Basta ler o livro *Cântico dos Cânticos*, que fala do amor e do vinho (Ct 1,2; 7,10).

A resposta de Jesus não é muito elegante com a mãe, ao dizer-lhe: “*Que queres de mim, mulher? A minha hora ainda não chegou*” (v. 4). A hora de Jesus é sua morte que levaria à ressurreição. Maria nem se importa com a sua resposta e diz aos criados que façam tudo o que ele ordenar. Muitos já explicaram o fato de Jesus não se dirigir a Maria como mãe, mas como *mulher*, dizendo que mulher, aqui, representa a nova Eva, a mulher mãe de Israel, a esposa de Jesus, os novos judeus seguidores do Messias Jesus. Não temos como discordar dessas afirmativas. No entanto, vale lembrar que a tradição dos evangelhos apócrifos, ao relatar esse mesmo episódio, diz que Jesus, ao receber os criados com talhas de água enviadas por Maria, balança a cabeça, encolhe os ombros e diz rindo aos criados: “Façam o que ela está pedindo. Que filho pode negar um pedido de mãe? O melhor será atendê-la o quanto antes, porque senão irá insistir até conseguir o que quer”. E disse aos criados: “Enchei as talhas de água!” (Jacir de Freitas Faria, *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, segundo os evangelhos apócrifos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 102).

O relato apócrifo parece mais lógico. Maria é a mãe que adianta a hora do filho. Nela, estão todos que acreditaram e acreditam em Jesus, como filho de Deus. Ela nos revela que seu filho é o próprio vinho novo, o esposo da humanidade, a nova humanidade, simbolicamente representada pelas seis talhas de pedra. O seis relembraria o dia da criação do ser humano (Gn 1,26), bem como a imperfeição, o incompleto. A besta do Apocalipse é representada pelo número 666. Por serem de pedras, as talhas recordam as tábuas da lei selada entre Deus e povo, na pessoa de Moisés, o “tirado das águas”, conforme seu próprio nome significa. Agora, é Jesus, o novo Moisés, que pede para colocar água nas talhas e a transforma em vinho.

Jesus realizou o seu primeiro sinal e nele a glória de Deus. E todos crerem, mas quem roubou a cena no evento foi Maria. Não por menos, ele deveria aparecer também em nosso país. Ela é a Aparecida do Norte, do Brasil e de todos os cristãos, de modo especial, nós, de fé católica.

3. II leitura (Ap 12,1.5.13a.15-16a): mulher apocalíptica, resistência a toda prova

Uma mulher sem nome, grávida e apocalíptica, é descrita na terceira leitura de hoje. Ela aparece no céu, vestida de sol, tendo a lua a seus pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. Um dragão está ao seu lado esperando o nascimento do seu filho para logo devorá-lo. Sendo perseguida, a mulher recebe asas de Deus e foge para o deserto. Qual o simbolismo dessas imagens?

Antes mesmo de responder a essa pergunta, temos que salientar que o contexto da literatura apocalíptica é o império romano, que perseguia e martirizava os cristãos. Nero, um cruel imperador romano, no ano 64, promoveu uma perseguição aos cristãos digna de filme de terror. O historiador romano Suetônio conta que Nero mandou matar os cristãos por serem membros de uma maléfica superstição (*Vida de Nero* 6.16). Já outro historiador, Tácito, também deixou escrito o seguinte: “O suplício desses miseráveis foi ainda acompanhado de insultos, porque ou os cobriram com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimavam de noite para servirem como archotes e tochas ao público. Nero ofereceu seus jardins para esse espetáculo” (*Anais* 15.44-2-8, citado em nosso livro *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – Poder e heresias!* Petrópolis: Vozes, 2009, p. 56).

Foi nesse contexto que surgiu a profecia popular, chamada de apocalíptica. Apocalipse não é um livro sobre o medo dos fins dos tempos, mas sobre a esperança. Ele fala dos gregos, para se referir aos romanos. É o mesmo esquema usado no livro de Ester.

Os símbolos usados na leitura de hoje são: mulher grávida, sol, lua, estrelas, dragão, deserto, rio de água, filho. A mulher grávida representa várias possibilidades de interpretações: a mãe da vida repleta de Deus; Eva, a mãe da humanidade; Israel ou Jerusalém, enquanto comunidade profé-

tica que elabora projetos alternativos de libertação do povo; os cristãos que vivem perseguidos por Roma, mas serão capazes de gerar o projeto do Reino, em relação às perseguições; Maria, a mãe de Jesus Cristo, o Filho de Deus. O sol, a lua e as estrelas, por fazerem parte da morada de Deus, representam a divindade da mulher. Ela é Deus, protegida por ele com o sol, e sendo eterna com a luz a seus pés. O dragão é a força do mal, da morte, a serpente do paraíso que levou o ser humano ao caminho do mal, que enganou Eva e agora é vencido pela nova Eva, Maria. O deserto é o lugar da proteção, da intimidade com Deus. Ali está a mulher, protegida e alimentada por Deus, como o povo de Israel no deserto. O rio de água vomitado pelo dragão para devorar a mulher representa o mar vermelho na travessia do povo no deserto. A terra se encarrega de se abrir para engolir o rio, salvando a mulher. O filho gerado pela mulher é Jesus.

Com essa visão apocalíptica, as primeiras comunidades cristãs encontraram forças para resistir ao império romano e continuar semeando o projeto do Reino anunciado por Jesus. Não por menos, hoje, no dia de Nossa Senhora Aparecida, lembramo-nos de Maria, que reúne em si todos os atributos da mulher-esperança, como Ester; da mulher mãe intrépida, como a de Caná; da mulher-resistência a toda prova, como a apocalíptica.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Chamar a atenção para a piedade popular em torno a Nossa Senhora Aparecida, ressaltando valores que vão além do devocional. Maria, chamada por nós de Aparecida, veio até nós para nos ensinar que temos que fazer tudo que ele, Jesus, nos disser. Encher nossos vasos de um bom vinho e sair para a luta.
2. Mostrar que as lutas das mulheres de hoje, assim como a de Ester, não podem ser esquecidas. Ester nos mostra que, para vencer, precisamos estar solidários, homens e mulheres, na luta comum por dias melhores. Se temos fé, Deus caminha conosco. Isso basta.
3. A mulher do Apocalipse é o sinal de que a luta não pode parar. Deus está conosco. Com nossas atitudes proféticas, somos responsáveis pela geração da vida, apesar das bestas

e dragões apocalípticos que continuam vivos em nosso tempo.

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM (17 de outubro)

O JUIZ INÍQUO E A VIÚVA TEIMOSA NA LUTA PELA JUSTIÇA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Um juiz iníquo e uma viúva teimosa. Um juiz poderoso e incrédulo. Uma pobre mulher e vencedora. Dois personagens que apresentam um contraste entre suas atitudes, no evangelho de hoje. Duas atitudes que, aliadas às de Josué, Moisés e Paulo, iluminam a nossa caminhada de evangelizadores.

Outubro é o mês das missões. Na próxima semana, estaremos celebrando o dia mundial das missões. Em que esses textos podem nos ajudar na difícil tarefa de ser missionário? O missionário é aquele que, como a viúva, insiste no cumprimento da justiça de Deus.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 17,8-13): Josué e Moisés: a luta social com espiritualidade

Nesta leitura, dois personagens se destacam: Josué e Moisés. O primeiro é enviado pelo segundo para cumprir a missão divina de ir ao país inimigo, dos amalecitas, habitantes da região do deserto do Neguev (1Sm 15,7), e destruí-los em nome do Deus de Israel, que os venceria. Israel e Amalec eram países irmãos, por serem descendentes de Esaú, irmão de Jacó, filhos de Isaac (Gn 14, 7; 36,12). Entretanto, reinava uma rivalidade constante entre eles. Ambos, em nome de Deus, queriam o extermínio um do outro pela ação divina (Ex 8,8-16). Os amalecitas eram uma ameaça constante a Israel, o povo de Deus. Este temia o fim da liberdade e da aliança com Deus.

Guardadas as devidas proporções, a narrativa se parece com a dos missionários de outrora. Os dominadores, portugueses ou espanhóis, levavam consigo a religião, representada pelo clero. Não por menos, um franciscano, frei Henrique de Coimbra, celebrou uma missa para marcar a

chegada dos portugueses ao Brasil. Assim como nos parece absurdo saber que em nome de Deus se lutava no Primeiro Testamento, da mesma forma, a evangelização na América Latina custou a vida de tantos inocentes indígenas.

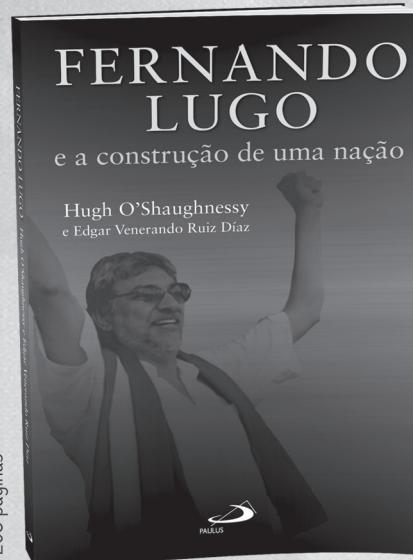
Moisés sobe a uma colina, lugar, na visão judaica, do encontro com Deus. Em suas mãos, ele traz uma vara. Mãos levantadas é sinal de vitória para Josué. Mãos abaixadas, derrota. Como não era fácil manter as mãos erguidas, seus auxiliares, o sacerdote e seu irmão Aarão, juntamente com Hur, que o acompanhava, resolvem segurar levantadas as mãos de Moisés até a vitória final de seu enviado.

Esse relato, à primeira vista simplório, faz parte da catequese da comunidade teologal eloísta, que o escreveu por volta do ano 740 a.E.C., para os israelitas. O objetivo dele era demonstrar que o povo tudo podia se estivesse com Deus. É Deus que combate no lugar do povo. Deus é um guerreiro valoroso. A vara de Moisés é a mesma que fez brotar água no deserto (Ex 17,5). Aarão e Hur são os responsáveis por manter as mãos de Moisés levantadas. Cada personagem tem o seu papel na história. Todos cumprem o papel de levar o poder do Deus de Israel a outros povos. Na verdade, podemos ver aqui uma ação missionária. Pena que o seu teor é o das grandes ações missionárias de que falamos anteriormente. Por outro lado, podemos destacar duas atitudes peculiares decorrentes do texto, as quais inspiram o trabalho missionário: Josué representa a luta política e Moisés, a espiritualidade. São dois modos de agir que precisam estar unidos no trabalho missionário. Se um fica enfraquecido, o outro também não resiste. A espiritualidade na missão libertadora, na luta social e política, são dois caminhos numa mesma estrada. Para o povo judeu, a sua missão no mundo é levar a santificação para todos os povos, o que inclui atitudes de luta social e espiritualidade. Para muitos, falar desse tema: luta social e espiritualidade, pode parecer fora do tempo, anacrônico, visto que cristãos aguerridos, como os das décadas de setenta e de oitenta, parecem não mais existir. Não. O tema é atual e merece nossa reflexão, de modo a encontrarmos novos caminhos de ação libertadora. Sem espiritualidade, o caminho da luta fica fraco.

CONHEÇA A HISTÓRIA DE VIDA DE FERNANDO LUGO EM LANÇAMENTO DA PAULUS.

Imagens meramente ilustrativas.

208 páginas



Fernando Lugo E a construção de uma nação

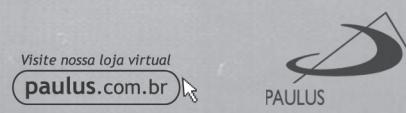
Hugh O'Shaughnessy
e Edgar Venerando Ruiz Díaz

Este livro examina tanto as complexidades da política do Paraguai como as da personalidade do seu presidente, Fernando Lugo. Relato de fácil leitura sobre o contexto político e eclesiástico que moldou aquele país, situando o fenômeno Lugo na luta pela justiça social na América Latina.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



2. Evangelho (Lc 18,1-8): juiz iníquo e a viúva: injustiça e fé

O evangelho deste domingo nos coloca em contraste duas pessoas, o juiz que não cumpre o seu papel de fazer justiça, e a pobre viúva que insiste até conseguir o seu intento, a justiça. Em Israel, a viúva, o órfão e o pobre formavam uma tríade que a lei tratava com especial atenção. “Socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva” (Is 1,17). “Defendei o oprimido e o órfão, fazei justiça ao humilde e ao pobre, livrai o oprimido e o necessitado, tirai das garras dos ímpios” (Sl 82,3-4). Outros textos bíblicos ressaltam que a viúva tinha proteção especial da Lei (Ex 22,20-23; Dt 14,28-29; 24,17-22), mas, sobretudo, de Deus, que escuta sua lamentação, a defende e a vinga (Dt 10,17; Eccl 35,14; Sl 94,6-10). Para o judeu, temer a Deus, ou melhor, reverenciar, é o mesmo que fazer cumprir a Lei a favor dos fracos e desprovidos (Ex 22,21-22; Dt 24,17).

Interessante é que Lucas, o evangelista que se preocupa com a salvação trazida por Jesus para os não judeus, é o único que conservou essa parábola da viúva. A comunidade de Lucas tinha como objetivo demonstrar que o cristão deve rezar sempre com fé e pedir com insistência a Deus em favor da justiça. Muitos cristãos estavam desanimados. Eles começavam a acreditar que não mais seria possível a realização do Reino pregado por Jesus. O cristão não pode sair da luta. Ele precisa perseverar sempre e dar testemunho de sua fé. Deus agirá em breve em favor dos pobres (v. 8), conforme esperavam também os judeus não cristãos (Eccl 35,18-19).

Somos sabedores de que a justiça em nosso país é lenta e não funciona em favor dos pobres. Um dia desses, uma juíza, diante de um caso que tinha dado sinais evidentes de crime, até mesmo com testemunho dos réus, se declarou surpresa em um telejornal com a decisão de absolvição por parte dos jurados. Ela disse ainda que isso é comum na justiça brasileira.

A ação missionária da igreja, buscando iluminação no evangelho, nos apresenta o desafio de evangelizar com base na justiça e na oração. Como a viúva, a insistência leva a vitória do pobre que, mesmo não tendo recursos econômicos, sai à procura de soluções. Os pobres de hoje, as viúvas de ontem, são a

razão principal das missões dentro e fora da igreja. Juízes injustos e sistemas econômicos que não geram vida, estes sim, devem ser evangelizados e conclamados à conversão. Como a viúva, os pobres devem persistir na luta e na eterna esperança de um mundo de justiça, paz e fraternidade. Essa é a missão de todos, ricos e pobres, que acreditam na boa-nova do evangelho de Jesus Cristo.

3. II leitura (2Tm 3,14-4,2): Paulo a Timóteo: a missão do cristão é pregar a Palavra de Deus com esperança e sede de justiça

Nesta leitura, Paulo, mais uma vez, escrevendo a Timóteo, retoma o valor da fé e da pregação da Palavra de Deus. Ele retoma a infância de Timóteo, sua experiência familiar, para dizer que foi ali que ele recebeu os ensinamentos que deve transmitir. Paulo, o grande missionário, insiste em ressaltar valores que o cristão não pode perder no exercício de sua missão: anunciar a Palavra de Deus com coragem; levá-la a quem não a conhece; questionar quem não a pratica; animar aqueles que perderam a esperança; educar na justiça. Em síntese, o missionário deve ser fiel à Palavra e perseverante na fé que anuncia. Eis aí um programa de missão. A igreja deve sobremaneira a Paulo que, imbuído desses princípios, levou o cristianismo para além de Israel. O cristianismo é mais paulino que petrino.

Paulo insiste na atitude missionária de Timóteo, tendo como duas testemunhas de sua ação o próprio Deus e Cristo Jesus, aquele que virá em breve, na parusia, como juiz escatológico. O número dois é simbólico na visão judaica. Sempre eram necessárias duas pessoas para servir de testemunho. Daí o fato de Jesus enviar os discípulos dois a dois em missão. Mulheres e crianças não podiam dar testemunho.

Timóteo, assim como todo missionário, terá que prestar conta de sua ação evangelizadora. Somos responsáveis pelos nossos atos. Outro detalhe fundamental: a Bíblia, Palavra inspirada por Deus, é arma principal na missão que educa na justiça, corrige, instrui e refuta qualquer ação que não condiz com o plano da salvação. Paulo relê o Primeiro Testamento na perspectiva de Jesus. Ele é a chave de interpretação da Bíblia e a sabedoria de Deus. A Bíblia nos conduz, em Jesus Cristo, à salvação. Pena que, em nossos

dias, ela é interpretada por muitos cristãos de forma fundamentalista, ao pé da letra.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

1. Demonstrar as atitudes do juiz iníquo em contraste com a persistência da pobre viúva, na missão evangelizadora de todos nós.
2. Mostrar as dificuldades inerentes à ação evangelizadora da igreja, sobretudo no que se refere à justiça social.
3. Perguntar pela vida de oração, pela esperança e luta da comunidade. Como estamos vivenciando esses valores?

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM (24 de outubro)

MISSÃO DE SANTIDADE E DE SALVAÇÃO A PARTIR DA JUSTIÇA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Um fariseu santo e um publicano pecador. Um fariseu seguidor da Lei e um publicano que reconhece os seus erros. Dois personagens que rezam. Dois personagens que esperam. Um, a recompensa, e o outro, a misericórdia.

Hoje é o dia mundial das missões. Ousamos-nos perguntar: devemos recorrer sempre ao amor misericordioso de Deus ou simplesmente a prática da religião e da fé é garantia da salvação? Como ser testemunho da fé para aqueles que nunca ouviram falar de Jesus? É possível ser missionário para aqueles que já se dizem cristãos, mas que não vivem conforme o evangelho? Que relação existe entre justiça e missão? Alguém da comunidade conhece um missionário? Onde eles vivem? A essas duas últimas perguntas, uns poderão responder: conheço um padre que veio para o Brasil como missionário. Outros ainda dirão: lugar de missão é na África.

Missão é um substantivo que vem do latim (*mittere*) e significa *enviar*. Daí *missus* (missão) ser um *enviado*. Podemos falar de vários tipos de missão. No nosso caso, não estamos falando da missão de paz de um ministro x em um país y. Estamos falando de uma missão religiosa, que tem a ver com o evangelho. Um ser humano é enviado em nome de Deus para

levar sua palavra a outros seres humanos que não a conhecem ou, atualizando, que pensam que a conhecem.

Num passado longínquo, a Igreja católica enviou missionários além-mar para levar a fé e a salvação anunciada por Jesus. O nosso país é fruto dessa intrépida ação que chegou às terras brasileiras com a cruz e a espada. Com o evangelho a bordo, o que desembarcava mesmo era a cultura cristã europeia. Por outro lado, é difícil desvincilar uma da outra.

Aos nativos restava uma única opção: aceitar ou aceitar a fé e a cultura dos missionários. Quando os nossos indígenas já estavam massacrados, os negros foram trazidos da África para serem domesticados na fé do novo mundo. O princípio missionário, a gasolina que movia os evangelizadores, era a certeza de que a *semente do Verbo* não estava presente nas culturas dominadas.

Em nossos dias, esse modo de evangelizar não é mais compatível. É consenso que toda cultura tem que ser valorizada. Além disso, evangelização é via de mão dupla. Toda comunidade e pessoas são missionárias, no sentido de anunciar o evangelho, sem mesmo nunca terem saído de suas cidades. Continua o desafio de evangelizar no além-mar, mas de modo diferente. Muitos brasileiros e brasileiras, outrora evangelizados, partem agora como missionários para a África e a Ásia.

Dando continuidade à nossa reflexão, ainda perguntemo-nos pelos valores que as leituras de hoje nos relembram como essenciais na evangelização. Vejamos.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 35,12-14.16-19): a justiça divina e a missão de santificação

A sabedoria bíblica tem no livro do Eclesiástico, dentre tantas temáticas, a da justiça divina, que aparece nesta primeira leitura e no evangelho. Ela tem a ver com o culto, mas, sobretudo, com o comportamento ético do ser humano. Deus não pode ser comprado com rituais, sacrifícios ou posição social. Deus é um justo juiz que não faz acepção de pessoas. Por outro lado, ele tem uma predileção especial pelos mais pobres e injustiçados da sociedade. Ele ouve a súplica,

a oração do pobre, do órfão e das viúvas, os oprimidos da sociedade de então. Essa oração não ficará sem retorno.

A oração, realizada com sinceridade, é o caminho que conduz a Deus, que ouvirá com destreza a súplica do arrependido. A missão do povo de Deus é a de ser santo como Deus é santo. A santidade de Deus, na qual o judeu deve se inspirar, passa pela vivência e o anúncio da Sua justiça. Jesus, mais tarde, nessa mesma linha de reflexão, propõe aos seus ouvintes a parábola do fariseu e o publicano, que veremos a seguir.

2. Evangelho (Lc 18,9-14): o fariseu e o publicano diante da proposta de salvação

O evangelho deste domingo, assim como o do domingo passado, nos coloca em contraste dois anônimos personagens, o fariseu santo e o publicano pecador. O fariseu se enquadra bem na visão judaica de missão: levar a santificação para todos os povos. Como bom judeu, ele deve seguir a Lei para tornar-se um santo e exemplo para todos.

Os fariseus nasceram no período do governo asmoneu de João Hircano (135-104 a.E.C.). O grupo era composto de doutores da Lei, escribas, sacerdotes do terceiro escalão, pequenos comerciantes e artesãos. O projeto messiânico dos fariseus era o de fortalecer a Torá oral, a tradição. Negar o monopólio dos sacerdotes na interpretação da Torá. Combater a política profana dos sacerdotes-príncipes asmoneus. Interpretar de forma popular a Torá para o povo. Fariseu significa “separado” dos impuros, portanto, eles pretendiam fazer de Israel um povo santo, isto é, puro, na observância radical da Lei. Eles acreditavam na ressurreição e esperavam o Messias, que viria para restaurar o poder político e levar Israel ao cumprimento da Torá. O Messias chegaria no momento definido por Deus. Até que isso acontecesse, o povo devia se preparar, não seguindo o caminho indicado pelos asmoneus.

Com pouca influência no campo da política, os fariseus controlavam as sinagogas, que eram os lugares de estudo, oração e reunião do povo. Por serem fiéis observadores da Lei mosaica, os fariseus eram respeitados e amados pelo povo. No entanto, foi esse mesmo rigorismo que os

distanciou das classes populares, fazendo com que eles não percebessem as necessidades e sofrimentos do povo diante do império romano. Os pobres não eram capazes de seguir o rigorismo proposto pelos fariseus e, por isso, foram deixados de lado. O fariseu era o símbolo do homem justo e reconhecido publicamente como tal. O famoso texto de Mt 24, que faz um estereótipo do fariseu, parece não ter sua origem na fala de Jesus, mas em brigas posteriores entre judeus e cristãos. Jesus tinha amigos fariseus. Com a guerra judaica (67-70 E.C.), o farisaísmo foi o único grupo judaico que permaneceu e perpetuou o judaísmo.

Os publicanos, por outro lado, eram pessoas escolhidas pelo império romano para cobrar impostos dos seus irmãos judeus e repassá-los ao império. Muitos deles, fazendo uso de tal privilégio, se enriqueciam na função, como no caso de Zaqueu. Para o povo, o nome de publicano era sinônimo de traidor, pecador público. O publicano do evangelho de hoje está numa outra dimensão, a da missão do cristianismo: ser receptor da misericórdia salvífica de Deus. A comunidade de Lucas deixou claro, neste texto e em outros, que a salvação é para todos, não somente para os judeus, aqui representados pelo fariseu. A salvação é mais ampla e passa pela justiça divina e sua misericórdia infinita.

Fariseu e publicano se encontram num contexto de oração, no templo de Jerusalém, lugar por excelência do encontro com Deus, lugar de oração pública e pessoal. O fariseu se gaba de ter ido além do que prescreviam os preceitos religiosos da Torá. Ele se diz não igual ao resto dos homens, todos ladrões, injustos e adúlteros, e, tampouco, como o publicano que ele vê ao seu lado. Ele paga dízimo e jejua duas vezes por semana. O fariseu se arvora no direito de ser juiz diante do publicano, coisa que só compete a Deus. O publicano se humilha e reconhece ser um grande pecador. Ele implora a misericórdia de Deus, batendo no peito.

Estranho na parábola é que o publicano pecador é que é bom. Da boca de Jesus se ouve a afirmativa de que ele encontrará a sua salvação. A atitude de Jesus parece radical e impiedosa. E o ouvinte da parábola se pergunta: então, por que devo ser justo, se as obras não valem? A resposta a essa pergunta é a mesma das parábolas dos

domingos anteriores: o que vale é a misericórdia de Deus e o seu julgamento. Deus é justo. Sua justiça se baseia numa relação ética entre seres humanos. A justiça revela quem cada um de nós somos. Se amo o meu próximo, sou justo diante de Deus. O grande erro do fariseu foi o de não amar o seu próximo, mas a si mesmo. Ele se julgava tão justo que nem precisava do julgamento de Deus. Ele se esqueceu de Deus e se colocou como juiz.

A parábola do evangelho de hoje ilumina nossa ação missionária na medida em que nos comprometemos a anunciar o evangelho da salvação para todos, reconhecendo nossa limitação e humanidade diante de Deus. Enquanto instituição formada por humanos, a igreja também faz o seu pedido de perdão pelos erros cometidos no seu passado missionário e pede a Deus, como o publicano, que a ilumine nos caminhos da missão evangelizadora, sem se deixar corromper pelo caminho da falsa religião.

3. II leitura (2Tm 4,6-8.16-18): Paulo fala de sua missão cumprida: "Combatí o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé"

Estamos diante de umas das mais célebres frases atribuídas a Paulo. Ele afirma que combateu o bom combate, guardando a fé. Já no fim de sua missão apostólica, Paulo faz um balanço de sua vida missionária e percebe que valeu a pena anunciar Cristo ressuscitado. Ele faz um testamento de fé. Paulo, o maior dos missionários do cristianismo emergente, anunciou com firmeza, fé e esperança a proposta evangélica de Jesus. Jesus, que ele tampouco conhecera, mas que se revelou a ele como ressuscitado, no famoso episódio de Damasco (At 9,1-25).

A narrativa dessa segunda leitura é simples, mas cheia de simbolismo. Todos os missionários, assim como Paulo, são verdadeiros atletas que almejam o pódio. Ele e todos os que realizam a missão do anúncio do Reino de Deus receberão o prêmio da vitória. O pódio da vida em Deus, da justiça, já e ainda não. Deus é quem dá ao atleta da missão a coroa da vitória, a coroa da justiça misericordiosa. Pena que muitos desistem antes do fim, lamenta Paulo. Pena que seus amigos o abandonaram, quando estivera diante do

Em comunhão com os ensinamentos de Jesus, os apóstolos dão prosseguimento à missão!

Imagens meramente ilustrativas.

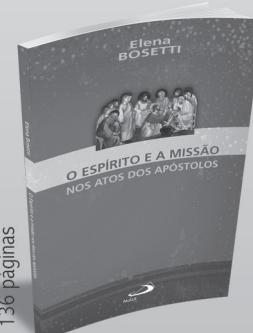


216 páginas

Igreja Comunhão, participação, missão

João Panazzolo

A Igreja se constitui como comunhão, participação e missão; as duas primeiras são condições indispensáveis para o cristão, mas ambas só se completam na missão. Em seis capítulos, este livro mostra como a Igreja deve testemunhar a Nova Aliança, Jesus e o seu Reino a todos os povos da Terra.



136 páginas

O espírito e a missão nos Atos dos Apóstolos

Elena Bosetti

Obra que proporciona melhor compreensão dos cenários descritos no quinto livro do Novo Testamento — Os Atos dos Apóstolos —, fazendo com que o leitor conheça como era vivida a Palavra de Deus no início da experiência cristã.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual
paulus.com.br



tribunal. Eles o abandonaram, mas Deus não o abandonou e nem nos abandonará jamais.

Ser missionário é um desafio constante. Testemunhar a fé é tarefa cotidiana. Viver a fé é um desafio ainda maior. Eis a grande mensagem complementar dessa segunda leitura.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O publicano são todos aqueles que, compartilhando com o sistema injusto, tomam consciência de seus erros e pedem perdão. Levar a comunidade a perceber as injustiças de nosso sistema e sua relação com a justiça divina. Perguntar se é possível ser justo em sistemas alicerçados na injustiça.

Convocar a comunidade a assumir atitudes missionárias em seu próprio ambiente geográfico, por meio da pregação e da vivência dos ensinamentos de Jesus. Como nos preparar para a morte, como Paulo, o grande missionário, que cumpriu com fé e perseverança a sua missão?

Santificação e salvação são dois modos encontrados no cristianismo e no judaísmo para expressarem a missão de todo o povo de Deus. Erros e acertos aconteceram historicamente. Como ser missionário hoje? Por que a justiça é o centro de nossa ação missionária, alicerçada na vida de oração.

31º DOMINGO DO TEMPO COMUM (31 de outubro)

ZAQUEU: HOJE A SALVAÇÃO ENTROU
NESTA CASA

I. INTRODUÇÃO GERAL

No domingo anterior, dia mundial das missões, refletímos sobre a importância de se levar a salvação a todos, por ser essa a missão do cristão. Retomando esse princípio, a comunidade lucana guardou na memória um dos mais belos episódios na vida do missionário Jesus de Nazaré, a história de Zaqueu, um chefe dos publicanos, aqueles que cobravam impostos. Como Zaqueu, que deixou tudo para seguir Jesus, somos convocados a uma conversão em todos os âmbitos de nossa vida.

Dando continuidade à missão evangelizadora, veremos hoje a importância da fé e da conversão, elementos essenciais para viver o chamado de Deus, seja como judeu, seja como cristão. Deus e Jesus agem com misericórdia diante de todos aqueles que se arrependem. Eles tudo podem, por isso podem mudar o mundo e até mesmo chamar um pecador que não era digno de salvação. A salvação é universal e entra na casa de cada um, rico ou pobre, judeu ou grego. “Hoje a salvação entrou nesta casa”, veremos no evangelho. A casa é a grande economia do mundo. Economia que deve estar a serviço da vida.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 11,22-12,2): Deus tudo pode e tudo perdoa

A primeira leitura de hoje é uma reflexão sobre Deus e sua misericórdia infinita. Deus tudo pode e, por isso, tem compaixão de justos e injustos. Ele tem o poder de perdoar. Amor e perdão caminham juntos na visão sapiencial israelita.

Por amor, Deus criou tudo. É como um casal que gera seus filhos por amor e, por amor, os educa e os perdoa sempre. Deus a todos perdoa, porque eles são seus. Deus é o Senhor amigo da vida! (v. 26). Deus corrige os pecadores, lembrando-os das faltas, de modo que se afastem do mal e creiam nele. A fé é condição essencial para encontrar a salvação, por meio de uma mudança de vida. Essas atitudes nos colocam no caminho que leva a Deus.

A visão de Deus, o amigo da vida (v. 26), que tudo pode e tudo perdoa, da primeira leitura de hoje, era conhecida também pelos gregos. Outros textos bíblicos iluminam esse modo de entender Deus: “Eles confiam em armas e em seus atos de audácia, enquanto nós depositamos nossa confiança no Deus Todo-poderoso, que bem pode, com um único aceno, abater os que marcham contra nós, e mesmo o mundo inteiro!” (2Mc 8,18). Uma das diferenças da sabedoria bíblica, que javeizou a dos povos vizinhos, consiste no fato do Deus de Israel ser único, misericordioso e possuir uma proposta de salvação universal. O poder de Deus é compassivo. É o que veremos no evangelho de hoje, na história de Zaqueu.

2. Evangelho (Lc 19,1-10): Zaqueu, o rico que ficou pobre por praticar a justiça e professar a fé em Jesus

A grande viagem lucana do missionário Jesus já se aproximava do fim. Jesus se encontrava na cidade de Jericó, a 30 km de Jerusalém, seu objetivo final.

Jericó existe ainda hoje e pertence ao território palestino. A sua população é muito pobre. Apesar de situar-se em uma região de clima árido, Jericó possui abundantes mananciais, como um oásis, e plantações. Localizada a sudeste do vale do Jordão, no cruzamento das estradas de Jerusalém a *Beitt Shean* – a zona leste do Jordão –, Jericó é a cidade mais velha do mundo, com mais de oito mil anos de história, sendo povoadas desde a Idade da Pedra. Ainda se podem ver restos arqueológicos de uma de suas portas. Josué a conquistou, destruindo seus muros. No período romano, Herodes, o Grande, fez construir nela palácios, piscinas e aquedutos para distribuir a água, vinda de Jerusalém, para casas e palácios. Herodes viveu os seus últimos dias de vida em Jericó, quando pediu para matar muitas pessoas no dia de sua morte, de modo que houvesse, naquele dia, um luto generalizado.

Em Jericó, havia um homem de pequena estatura, chamado Zaqueu. Por causa da multidão que acorria para ver Jesus, ele saiu correndo à frente e subiu numa árvore, um sicômoro, por onde, certamente, Jesus iria passar. Ao entrar em Jericó, Jesus viu Zaqueu, que estava sobre a árvore e lhe disse para descer porque iria hospedar-se em sua casa. Naquele momento, o cobrador de impostos foi chamado a ser seu discípulo. Zaqueu queria ver Jesus, mas é Jesus quem o vê. Para o judeu, o crer consistia no ouvir, interpretar; para o cristão, o ver. Por isso, os milagres de Jesus comprovavam a eficácia de sua ação.

Zaqueu, nome que significa *Deus se recorda* ou também *aquele que é puro*, dependendo da etimologia, era um rico e odiado chefe dos cobradores de impostos. Um parceiro dos romanos na exploração do povo. Os judeus não gostavam dos compatriotas que assumiam tal função. Eles os viam como infiéis à Lei e, por isso, os consideravam pagãos e impuros.

Jesus diz a Zaqueu que iria se hospedar, entrar na sua casa. O substantivo casa vem do grego, *oikos*, e significa a casa do mundo e de cada ser humano no seu próprio corpo e no lugar onde ele habita. *Oikos* é a casa natal. Casa é invólucro de cada um de nós, a construção material onde ocorrem relações sociais e econômicas em função de uma família. Quanto melhor estiverem organizadas essas relações, melhor será a vida familiar. Os gregos, ao mencionar a casa, falam das relações econômicas domésticas, caseiras, que gerenciam a casa. É daí que vem um outro termo grego, *oikonomia*, que significa a lei (*nomos*) que rege a casa (*oikos*), isto é, economia (Jacir de Freitas Faria, *Economia e vida na casa da Bíblia, Vida Pastoral*, 271, São Paulo: Paulus, 2010, p. 3-10).

A função primeira de Zaqueu era cuidar da economia, do dinheiro do povo, que seria enviado para os romanos. Jesus, ao convidá-lo para ser o seu discípulo, estava ensinando que toda a economia que não estiver a serviço da vida não é querida por Deus. E Zaqueu logo compreendeu o sentido do chamado, ao afirmar que daria a metade dos seus bens para os pobres, bem como restituíria em quádruplo àqueles que ele defraudara. Desse modo, Zaqueu se declara um ladrão público.

Os fariseus estavam preocupados com o fato de Jesus comer na casa de um pecador. E Jesus, de forma categórica, afirma que a salvação tinha entrado naquela casa e que Zaqueu era também filho de Abraão, como eles, os fariseus. A salvação é para todos os povos, todos que acreditam na proposta de Jesus e se convertem, como Zaqueu.

Jesus determina o tempo da salvação na casa, *hoje*. O uso desse advérbio quer determinar o momento histórico-salvífico escatológico. Em Jesus se cumpre o hoje da salvação. O fato de Zaqueu dirigir-se a Jesus com o título de Senhor, em grego, *Kyrie*, quer dizer que se trata do Jesus glorificado do tempo pós-pascal. Com a conversão de Zaqueu, a comunidade lucana esperava que outros ricos seguissem o mesmo caminho. Zaqueu é modelo de cristão que se converte e aceita a salvação, firmando um compromisso de fé, independente de sua condição social, e colocando sua economia a serviço da vida. Zaqueu é o rico que ficou pobre por praticar a

justiça e professar a fé em Jesus. Deus se alegra com a conversão dos Zaqueus. A salvação é universal.

3. II leitura (2Ts 1,11-2,2): Cristãos, vivei a fé que glorifica o nome do Senhor Jesus e mantende a serenidade de espírito

À cara comunidade de Tessalônica, Paulo demonstra um carinho especial. Ele pede a Deus que ajude a comunidade a permanecer na fé e na realização da vocação a que ela foi chamada.

Nessa carta, Paulo trata de dois únicos temas: a vivência da fé da comunidade que glorificará o nome do Senhor Jesus e a serenidade que a comunidade deve ter diante de falsas palavras proféticas sobre a vinda iminente do Senhor Jesus Cristo. Em relação ao último ponto, Paulo afirma que não lhes enviou uma suposta carta sobre o proceder da comunidade em relação à vinda de Jesus. Esperando a parusia, alguns já tinham até deixado de trabalhar (3,10).

Os tessalonicenses são chamados a viver a fé, já e agora, por meio de obras que glorifiquem o Senhor Jesus pela graça de Deus. Não se pode ficar esperando pela parusia e nada fazer. A serenidade de espírito é fundamental no cristão. “Não percais a serenidade de espírito e não vos perturbeis” (2,2). Jesus virá, mas quando Deus decidir. É preciso esperar com paciência e fé e não se deixar ser enganado.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Chamar a atenção para a vivência da fé a exemplo de Zaqueu que se converteu, colocando seus bens a serviço da vida. Ser cristão é saber que em Deus tudo podemos. Ele perdoa. Até o mais corrupto dos corruptos pode encontrar a salvação. Demonstrar que o rico, assim como Zaqueu, pode encontrar a salvação, desde que faça opção pela divisão dos bens.

Perguntar pelas atitudes de vida que nos permitem deixar a salvação trazida por Jesus entrar em nossa casa. Reforçar a ideia do já e o ainda não do Reino.

Chamar a atenção para o fato de que nenhum tipo de fé ou religião pode atrelar as pessoas a promessas que não podem se realizar ou que se realizarão conforme a decisão de Deus. Jesus voltará, mas não com palavras infundadas.

O PORQUÊ DO INSTITUTO JESUS SACERDOTE

Pe. Vittorio Saraceno, ssp*

Muitos sacerdotes diocesanos, movidos por maior desejo de santidade, sentiam vivamente a necessidade de uma espiritualidade mais profunda, de uma família espiritual à qual pertencer e de uma vida mais comprometida na perfeição mediante os conselhos evangélicos, e pediam ao Pe. Alberione que os acolhesse entre seus filhos na Pia Sociedade de São Paulo. Desejavam isso, mas permanecendo no exercício de seu ministério tão necessário quanto sacrificado.

O que se poderia fazer? Pe. Alberione, sensível às necessidades do clero diocesano e de sua santificação, decidiu aceitar o pedido, deixando cada um, porém, a serviço da Igreja, onde Deus os havia colocado, em suas respectivas dioceses, dependendo plenamente de seu bispo. Assim fundou, em 1958, o Instituto Jesus Sacerdote, por meio do qual todos os pastores e mestres de almas que o desejassesem poderiam participar da Família Paulina, não só como amigos e benfeiteiros, mas como “membros”, isto é, como filhos ativos e participantes das “abundantes riquezas” da graça que Deus, por sua bondade, dispensou em Jesus Cristo à Família Paulina.

Pe. Alberione, ao fundar este instituto, adiantava-se a uma das linhas mais importantes e claras do Concílio Vaticano II: a presença da Igreja no mundo. A vida secular consagrada é, precisamente, a consagração da secularidade pela profissão dos conselhos evangélicos, com a audaz missão de superar o dualismo Deus-mundo.

A secularidade consagrada é uma obra encorajada na Igreja pelos Papas, especialmente a partir de Pio XII. O número de institutos de vida secular consagrada aumentou muito nos últimos tempos. São sociedades reconhecidas pela Igreja, nas quais se realiza de forma completa o estado jurídico de perfeição e se exerce o apostolado na sociedade, no mundo. Constituem um estado concreto de consagração ao Senhor. Sua consagração tem as raízes na consagração total e única do Verbo encarnado, “que o Pai consagrou e enviou a este mundo” (Jo 10,36).

O Instituto Jesus Sacerdote está agregado à Pia Sociedade de São Paulo como obra própria. Seus membros participam do mesmo patrimônio de graça, oração, boas obras e indulgências da Família Paulina.

Depois da morte, o vínculo de unidade e de comunhão que os uniu em vida se aperfeiçoa e se perpetua na troca de sufrágios, por parte dos membros do Instituto e de toda a Família Paulina, e na intercessão diante de Deus, por parte dos irmãos que já entraram na eternidade.

* Religioso Paulino, coordenador dos Institutos Paulinos de Vida Secular Consagrada no Brasil. Para informações, dirigir-se a: Institutos Paulinos - Via Raposo Tavares, km 18,5 - 05576-200 - São Paulo - SP
institutospaulinos@paulinos.org.br